

O PORTAL

B. I. Seibel

Dedico à minha família, por acreditarem em mim e também ao Emerson, a única pessoa que soube me mostrar que nada é impossível para quem tem a ousadia de sonhar.

E em especial a você, que vai fazer parte de um mundo até então desconhecido, mas que existe em cada um de nós.

Agradecimentos

Em especial teria que agradecer inúmeras pessoas, mas agradeço especialmente ao Colégio Estadual Libano Alves de Oliveira de Gaurama/RS, onde conclui meus estudos e conheci pessoas maravilhosas como a Professora Maura.

Devo também agradecer ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – Câmpus Erechim, que faz parte da minha história e conquistas.

PORTAL I

A ORIGEM

“Quando só o acaso pode nos dar a certeza do que é certo.”

A DÍVIDA

A tarde fria de outono era, sem dúvida, a mais triste de todas. Ulisses, um garoto de cabelos e olhos negros, contando dezoito anos, estava sentado ao lado da cama de seu irmão pálido, dono de uma fisionomia triste e doentia. Sofria com a epidemia de febre amarela.

– A febre já está passando... – disse Ulisses tocando a testa do irmão.

– Ela volta logo... Eu sei... Eu sei que não há mais volta...

– Não fale assim... Você vai viver...

Os olhos cinzentos de Hugo caíram na janela. O sol estava quase escondido atrás das árvores, o vento fraco balançava a vidraça, e ele ainda ouvia o barulho do machado cortando a lenha.

Enquanto isso, Leonel Castilho, o pai deles, um viúvo com cabelos castanhos e olhos claros, estava no jardim, temendo a morte do filho.

– Por favor... Não o tire de mim... – suplicava olhando para o céu.

– Ele não vai tirá-lo de você. – disse uma voz fria atrás dele
– Se você souber o que fazer.

Leonel virou-se, assustado e se deparou com uma figura estranha. Aparentava ser um homem, que se escondia por debaixo de uma capa e um capuz cinzento.

- Quem é você???
- Alguém que pode lhe ajudar.
- Mostre seu rosto!!!
- Não há necessidade... Sei que uma epidemia de febre amarela invadiu a cidade. Seu filho é uma das vítimas...
- Não posso fazer nada por ele... Estou desesperado... Só um milagre pode salvá-lo...
- Acredita em magia?
- Esse tipo de coisa só faz mal às pessoas...
- Depende de quem a exerce, meu caro.
- Como assim?
- O senhor já experimentou usá-la? Imagino que não...
- Você é algum tipo de feiticeiro, por que se for...
- Fique tranquilo. Sou um Mago e posso curar seu filho, se o senhor permitir... – disse gentilmente.
- Faço o que o senhor quiser desde que tire meu filho daquela cama curado!!!
- Isso é um sim? – sorriu, foi mais fácil do que ele esperava
- Então vamos começar... Sente-se, por favor. Vou lhe dar o prazo de duas noites... Calma, você já vai entender... Como disse, sou um Mago e estou construindo uma espécie de fortaleza. Vou precisar de sete crianças mortas recentemente...
- Isso é loucura!!! – esbravejou Leonel assustado.

– Não, não é! Em duas noites você terá que me trazê-las aqui mesmo em sua casa...

– Terei que matá-las??? Eu não vou fazer isso!!!

– Com essa epidemia será muito fácil conseguir sete crianças mortas.

– São tantas crianças... Mas por que tudo isso?

– É o preço pela vida de seu filho.

– E se eu não conseguir todas?

– Há muito mais do que isso em jogo...

Leonel percebeu que Ulisses estava se aproximando do lugar onde eles conversavam.

– Nos vemos daqui a dois dias, ou melhor, duas noites... – e desapareceu rapidamente por entre as árvores.

– Pai, o Hugo!!! – disse ao se aproximar – Ele estava delirando de novo... Disse que a nossa mãe está querendo falar com ele...

Leonel e Ulisses entraram em casa e foram ao quarto de Hugo.

– Ele chegou mamãe!!! – sorriu Hugo olhando na direção da janela – Ela quer que eu vá com ela, papai!!!

Os olhos dele estavam molhados.

– Eu posso?

– Não querido... – disse Leonel tentando controlar suas

emoções – Você está delirando... Sua mãe está morta...

– Não, papai. Ela está aqui... – afirmou Hugo apontando para a janela – E ela disse que o senhor não deveria conversar com aquele homem, ela não gosta dele...

Leonel encarou Ulisses com um arrepio. Voltou a olhar para o caçula.

– Mesmo assim, sua mãe está morta.

– Eu sei papai... Mas ela está aqui. – sorriu – Ela disse que ama muito o senhor. – um bocejo – Estou com sono... – e deitou-se novamente na cama.

Sem mais uma palavra, Leonel deixou o quarto com Ulisses, e Hugo cerrou os olhos, adormecendo.

Leonel ficou desesperado. E se não fosse delírio de Hugo? E se realmente Ariane quisesse lhe alertar de alguma coisa? Mas se ele poderia livrar o filho da morte, por que não tentar?

A noite era iluminada por uma linda lua. Leonel e mais dois coveiros, subordinados para aquela ação anticristã, desenterraram cinco crianças que morreram recentemente e as levaram para o seu jardim. Recolocaram os caixões dentro de seus lugares, agora vazios, e os enterraram novamente. Sem que ninguém o visse, o Mago reapareceu, deixando Leonel em completo desespero.

– Vim pegar o que me deve, mas faltam duas crianças.

– Eu preciso de mais tempo... Só consegui cinco... – disse

exausto.

– Não, seu tempo acabou.

– Não pode fazer isso!!! E meu filho???

– Lamento, mas ele não depende mais de mim... A alma dele me pertence agora...

– Você está LOUCO!!!

– Você não queria tanto ver meu rosto? Pois então, olhe!!! – ele abaixou o capuz, revelando o último rosto que Leonel vira em vida.

Uma luz muito forte invadiu o jardim, uma energia tão pesada quanto o anel que a havia causado. O corpo de Leonel tombou e o Mago, em um simples gesto com as mãos desapareceu com os corpos das crianças.

Ulisses ouviu um grito e correu para ver o que havia acontecido. Tomado pelo desespero ao ver seu pai morto, saiu sem rumo em busca de ajuda.

O Mago reapareceu em uma montanha muito alta. As palmas de suas mãos exibiam um pequeno corte para que pudesse utilizar seu próprio sangue no ritual.

As cinco crianças estavam encobertas individualmente em uma espécie de lençol branco, e possuíam uma simbologia desconhecida marcada com o sangue do próprio Mago. Formavam um círculo em torno de um espelho oval e escuro, que era capaz de refletir somente na ausência de luz.

Como Leonel não havia cumprido com o pacto, o Mago necessitava de pelo menos mais uma criança...

Pegou um punhado de terra do chão e a amassou com as mãos, deixando que um pouco de seu sangue se misturasse à terra. Assim que terminou, por entre seus dedos estava um corvo, e ao soltá-lo, o pássaro voou para bem longe.

Após alguns minutos o Mago aproximou suas mãos acima do espelho, e o anel que exibia em seu dedo indicador iluminou-se juntamente às simbologias de cada corpo estendido no chão. A luz começou a se intensificar, e logo um fio de luz vindo de longe veio se unir com a energia ali presente. Era a última alma necessária para completar o ritual. Quando todas as almas se fundiram em uma só luz, ele afastou suas mãos, deixando que a energia fosse sugada pelo espelho, que quando foi tocado, emitiu ondas em sua superfície e no instante seguinte uma explosão fez com que um raio de luz seguisse em direção ao céu. Sentiu uma forte dor em seu braço esquerdo. Logo depois, a forte luz se dividiu em sete partes que seguiram em direções diferentes, completando a criação do Portal.

Ulisses estava desamparado, conseguiu encontrar algumas pessoas para ajudá-lo com seu pai, cujo corpo estava exposto no jardim de sua casa. Assim que retornou, lembrou de ir até Hugo para ver se ele estava bem. No entanto, ao entrar no quarto do irmão, percebeu que o menino estava

aparentemente dormindo, mas havia algo sobre ele. Ao se aproximar, notou algumas gotas de sangue perto de seu pescoço e juntamente havia um punhado de terra. Ao tocar Hugo, percebeu que ele estava morto.

31 anos depois....

O sol se escondia atrás das montanhas naquela tarde de outubro. As folhas secas ainda caíam com o vento leve. Uma música harmônica invadiu o campo, sem que ninguém a tocasse.

Ulisses Castilhos saiu com seu filho de sete anos para fazer um passeio. O menino tinha cabelos escuros, iguais aos do pai e seus olhos claros lembravam os do avô que ele nunca havia conhecido.

– Para onde estamos indo, papai? – indagou.

– Para o lugar onde seu avô morava. – e afagou os cabelos do menino.

– E é muito longe?

– Não, Miguel. Logo estaremos lá.

Ulisses dirigia um carro de cor azul-escuro e parecia sair da cidade. Entraram em uma estrada de chão, muito precária que parecia conduzi-los a um sítio. Alguns quilômetros mais à frente, encontraram uma casa destruída, apenas os escombros eram visíveis. Pararam.

Ele saiu do carro e abriu o porta-malas, tirando de lá duas

estacas pretas, as quais pregou formando cruzes.

– O que vai fazer com isso, papai?

– Você já vai ver, querido...

Cravou a cruz embaixo de uma árvore, no mesmo lugar onde seu pai conversou sentado em um banco com o homem que o matou. Repetiu o gesto fazendo outra cruz e cravando-a ao lado da primeira.

– Pronto!!! – disse Ulisses.

– O que está pronto?

– Meu filho, – ele se agachou para vê-lo melhor – foi nesse lugar que seu avô e seu tio morreram...

– E como aconteceu?

– Um dia eu lhe conto, agora não é o momento.

Ambos entraram no carro e seguiram a viagem de volta. O menino continuou olhando para as cruzes embaixo da árvore, e por um instante pensou ter visto um vulto negro ao lado da última cruz. Seu pai percebeu que ele estava imaginando algo.

– Um dia voltaremos lá...

– Não, papai, não quero voltar...

– E por que não? É a memória do seu avô e do seu tio...

O menino não quis ouvir. Cochilou no banco do carro. Tudo estava escuro. Alguém chamava seu nome... Seu pai não estava ali... Era uma criança... Um menino estava sorrindo.

– Venha... Preciso lhe mostrar uma coisa. – e pegou a mão dele.

O menino o conduziu até uma árvore. Agora ele estava mais sério. Passou a mão na superfície do tronco e uma onda de energia a circundou.

– Me prometa que nunca chegará perto desta árvore...

Tudo começou a tremer e um clarão inundou seus olhos e no instante seguinte, ele os abriu.

– Nãaaoo!!!

Miguel olhou em volta. Aquele sonho se repetiu outra vez. O apartamento voltou ao silêncio habitual. Olhou para o despertador, tocando um barulho irritante. Eram sete e meia da manhã. Pulou da cama, estava quase atrasado. Tomou banho e colocou os óculos. Conseguiu tomar apenas uma xícara de café antes de sair.

DOIS DESTINOS

Felizmente, não chegaria atrasado ao Museu. Pegou a chave do carro, e para começar bem o dia, o pneu estava furado. Infelizmente estava atrasado, então decidiu que trocaria o pneu quando voltasse para casa. Correu até a esquina e conseguiu um táxi. Precisava ir até o Museu onde trabalhava como instrutor. Saía de casa às 07h45min e voltava às 17h45min, quando precisava cumprir uma hora especial, mas

muito especial mesmo, ficava até as 20 horas. Isso, no entanto, era raro. As escolas costumavam visitá-los sempre de manhã ou à tarde.

Pediu que o táxi parasse, já havia chegado. Parou bem em frente ao Museu.

– Miguel Castilho. – disse a voz grossa e austera de um homenzinho baixo e gordo, quase careca, os olhos escuros e fuzilantes – Temos menos de meia hora para organizar o Museu e você ainda chega atrasado?

– Não podemos perder tempo ou não conseguiremos nos organizar a tempo! – sorriu subindo as escadas.

As janelas do Museu se abriram. Depois de alguns minutos as exposições estavam feitas.

Miguel Castilho é um homem alto, magro, de cabelos negros, seus óculos escondem os belos olhos azuis-celestes, possui boa aparência, gosta de arrepiar os cabelos, mora sozinho na Rua Teodoro Martins em um apartamento solitário, onde um dia viveu com sua esposa Daiane e seu filho Pedro.

– Vai chover.

– Está na hora. – sorriu Miguel sem convicção.

O dia inteiro foi de correria. Alunos e mais alunos cruzavam o corredor do Museu, atrás de professoras ou de pais que vieram juntos. Miguel se desdobrava em dar as

benditas explicações sobre os quadros – passara a noite em claro decorando a biografia dos pintores – e ainda esclarecia as perguntas dos estudantes.

O último aluno saiu às 17h45min. Miguel agradeceu. Fechou as portas e no mesmo momento uma forte chuva – a mesma que deixou o céu nublado o dia todo – desabou sobre a cidade. Parecia que não era para ele sair daquele lugar. Não desistiu. Saiu porta afora e chamou um táxi. Milagrosamente o táxi parou, mas sua alegria durou pouco. Uma mulher veio correndo e esbarrou sem querer nele, deixando cair alguma coisa acidentalmente e entrou no táxi.

– Ei! Você deix... – mas o táxi já virava a esquina.

Viu que a mulher deixara cair uma pasta. Recolheu-a e chamou outro táxi, assim que entrou, olhou a pasta percebendo que estava lacrada. Havia um nome na capa. Logo abaixo havia um endereço. Em cima, o título: Brisa de Outono. Isabel Oliveira. Rua Voluntários da Pátria, Edifício Sete.

– Para onde vamos? – indagou o taxista olhando pelo retrovisor.

– O quê? – estranhou.

– Vai querer ir para onde?

– Rua Voluntários da Pátria.

O taxista girou o volante e tomou outro rumo. Miguel começou a se perguntar por que aquela moça estava perto do

Museu.

– Chegamos.

Chegando ao edifício, encontrou um senhor na entrada. O homem o encarou.

– O senhor saberia me informar o número do apartamento de Isabel Oliveira?

Não aparentava, mas seus membros tremiam de frio. O senhor pareceu lembrar de algo.

– Para sua sorte, rapaz – sorriu – sou vizinho dela... Apartamento 11.

– Obrigado. – mais do que depressa ele correu para o elevador.

Caminhou pelo corredor e avistou o número 11. Respirou fundo e tocou a campainha. Uma melodia graciosa vinha de dentro da casa, era a 5ª Sinfonia de Beethoven. A porta se abriu. Uma mulher bonita, de olhos castanhos, cabelos escuros e levemente ondulados parou diante dele.

– Oi. – balbuciou Miguel aliviado que a melodia ainda tocasse – Você deixou cair esta pasta quando pegou o táxi...

A mulher que até então estava surpresa com o homem molhado na sua frente, sorriu.

– Muito obrigada. – ela recebeu a pasta – É a minha nova coleção... Não sei nem como agradecer... Se não fosse você estaria perdida...

A melodia cessou. Alguém surgiu ao lado de Isabel.

– Quem é, mamãe? – indagou uma menina de sete anos com cabelos escuros e olhos verdes.

– Desculpe por não me apresentar, sou Miguel Castilho...

– Sou Isabel Oliveira e essa é minha filha Angelina.

Miguel percebeu que havia um brilho misterioso no olhar da menina, os olhos verdes brilhavam como se fossem dois cristais recém-descobertos.

– Bem, tenho que ir... A chuva me deixou nesse estado... – riu.

– Não quer esperar a chuva passar?

– Acredito que ela não vai passar tão cedo. – sorriu – Ficaria muito feliz se viessem visitar o Museu.

– Seria ótimo. – sorriu Isabel – Vou aceitar o seu convite. Tenho que buscar inspiração para os modelos da próxima coleção de moda...

Miguel resolveu que era hora de ir embora, teria que pegar um táxi novamente, e estava quase sem dinheiro.

Quando saiu do edifício, percebeu que a chuva começou a ficar mais intensa e uma súbita vontade de rir o tomou. Sentiu-se feliz, sem saber o motivo. Olhou para o céu. Estava nublado e levemente escuro. Chamou um táxi.

Mais tarde, trocou o pneu do carro.

A PASSAGEM

Desta vez, Miguel não acordou atrasado.

Seguiu para o Museu. Desta vez, Sandro até elogiou o seu trabalho naquela manhã.

Miguel passou por uma porta e entrou em um cubículo. Lá havia um espelho. Uma luz branco-pérola passou despercebida em sua superfície. Depois, ele saiu e chaveou três vezes a porta. Olhou em volta. Ninguém o viu entrar ali. Correu para o outro corredor e começou a conversar com os alunos.

Meio dia, enquanto o Museu estava sendo fechado, Miguel correu pelo corredor e percebeu que a porta que ele havia trancado estava aberta. Sentiu-se furioso. Foi até lá e cobriu o espelho com uma toalha de seda. Depois saiu e chaveou a porta três vezes.

Enquanto almoçava em casa, lembrou-se de Isabel, será que ela viria na exposição do Museu? Seria interessante receber uma visita tão especial quanto a dela. E que encantadora era Angelina... Lembrou-se de Pedro, como seria bom tê-lo jogando futebol, sorrindo, brincando... Sentiu saudade e medo naquele momento. Se Daiane estivesse ali, para lhe dizer como ele era um bom marido...

Desde que Daiane se foi, há dois anos, sua vida nunca mais

havia sido a mesma. Era solitário, não tinha amigos... Sua rotina era de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Nos fins de semana visitava seus pais. Embora saísse com os amigos, continuava fiel à sua amada.

Por que não estava junto com ela no acidente? Por que Daiane não esperou mais um pouco? Por que a vida nunca espera?

Miguel levou as mãos ao rosto, tirou os óculos e deixou seus olhos fitarem o retrato de casamento que ele ainda deixava em cima da mesinha de cabeceira, como era costume de Daiane.

Lembrou-se de seu avô. Ulisses sempre lhe contou que Leonel ficara viúvo quando Hugo nasceu e jurou que o tornaria um grande homem. Ele conseguiu criá-los com muito amor, mas isso não foi o suficiente. Leonel perdeu um filho, ele também.

Angelina correu para o piano, iniciando uma música. Isabel, na cozinha, preparava o jantar. O apartamento era grande e luxuoso. Angelina ia para a escola, almoçava fora com a mãe e depois seguia para sua aula de piano, flauta ou natação. Era uma excelente aluna, já sabia ler, escrever e desenhar muito bem. Isabel sempre se culpou de sua rotina diária, mas vivia para sua filha e o trabalho. Desde que se separou de Bruno, o famoso modelo da Revista Impacto, sua

vida melhorou.

O divórcio foi bom para ambos. Bruno reclamava que ela chegava tarde, que mal via a filha, que não passava as noites com ele, não atendia ao celular... E logo ele, que sabia como era difícil a rotina de quem trabalha com prazos. Ele havia acabado de entrar com o pedido de tutela da guarda de Angelina, tudo para fazer um bom papel na frente da imprensa. Na semana anterior, Angelina estava com ele e permaneceu uma semana em sua casa, porém ela não gosta da namorada do pai, Célia, editora-chefe da revista Astro.

– Está pronto!!! – sorriu Isabel servindo a mesa.

A menina deixou o piano e veio correndo com seu vestido azul-celeste com rendas.

– Como foi seu dia hoje?

– Bom e o seu? – indagou Angelina.

– Foi bom.

Isabel sorriu. Havia comprado um presente para sua filha. Puxou uma caixinha próxima de si e mostrou para a menina.

– Olha o que comprei para você!!!

Os olhos de Angelina brilharam ao ver a delicada pulseira. Isabel colocou-a em seu pulso.

– Ela é linda, mamãe!!! Obrigada!!!

– Era essa que você queria, não é mesmo?! – sorriu.

A menina sorria, estava feliz com o presente.

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro que sim!

– Nós vamos ao Museu?

Isabel silenciou. Só se fosse à tardinha...

– Você quer ir?

– Claro que sim. Gostei daquele senhor...

– Então iremos amanhã. Sairei mais cedo, pego você na aula de piano e vamos ao Museu.

– Você é a melhor mãe do mundo!!!

Isabel sorriu. Tudo o que mais queria na vida era ver Angelina sorrindo, mesmo sabendo que suas alegrias fossem passageiras.

Ele estava em uma montanha, talvez no topo dela. Estava escuro, era noite e não havia nuvens no céu, uma imensa lua brilhava e iluminava um campo distorcido. De novo ele havia escapado do pai. Novamente ele estava diante da árvore. Era comum, igual a todas as outras que ele já havia visto, no entanto por que sentia que ela representava perigo? Por que se sentia tão triste quando se aproximava dela? O menino apareceu. Um menino que o lembrava e continuava

demonstrando que não era para ele se aproximar da árvore. O que havia ali? Que mal ela podia lhe fazer?

O cenário mudou. O silêncio da noite tomou outra vez o espaço. Em vez do menino, surgiu uma sombra com um capuz cinzento. Era um homem, não um fantasma.

– Enfim, você chegou.

– Quem é você?

O homem lhe mostrou o chão. E de repente, estavam no Museu. A porta do corredor, chaveada três vezes estava aberta e lá dentro havia uma luz pérola que percorria o espelho com uma onda magnética.

O Mago o empurrou. Ele se viu menino diante do espelho. Havia alguém do outro lado, alguém que lembrava Hugo e que ao mesmo tempo era diferente.

– Papai!!! – a voz da criança saiu como um eco.

Ficou em silêncio, inocente de tudo o que estava acontecendo. Não sabia o que fazer, não sentia nem a si mesmo. Era um fantasma.

– O que foi??? – sua voz não saía.

– O Mago... – eco novamente – Não deixe ninguém vir aqui... Não deixe...

Uma enorme luz invadiu a porta e lá estava o Mago com um pêndulo de cristal nas mãos.

Um estrondo ecoou, ele viu o espelho partir-se em mil pedaços. Ao longe uma música tocava. Vinha de uma flauta, mas se tornou confusa e começou um ruído ensurdecedor...

Miguel abriu os olhos, lembrou vagamente do sonho, mas ainda via a figura do filho atrás do espelho. Sentiu remorso e medo. Não queria que aquilo acontecesse com outra pessoa.

Sexta-feira. Último dia de exposição de artes no Museu.

Isabel acordou ao som da 5ª Sinfonia de Beethoven, tocada por sua filha. Espantou-se ao vê-la acordada tão cedo. A menina tocava tão bem piano que nem parecia que era apenas uma criança.

Ela ligou o carro e seguiu para o colégio onde acontecia a aula de flauta. Angelina estava mais animada porque sabia que quando retornassem, passariam no Museu.

– Nós vamos ao Museu, não é, mamãe?

– Eu prometo. Depois eu passo aqui para irmos. Boa aula.

Isabel seguiu para o edifício da Impacto, onde trabalhava. Mal havia colocado os pés na sua sala, a secretária lhe diz que Christine Bolier, a editora-chefe, queria vê-la para conversar sobre a nova coleção.

– Diga-lhe que já vou. – disse Isabel pegando a pasta Brisa de Outono com toda as amostras que havia criado para a

coleção outono-inverno e começou a folheá-las.

Christine era muito exigente e às vezes, intolerante com as pessoas. Chegara até ali porque começou a desenhar roupas para Bruno vestir, ele já era modelo e ambos ainda não se conheciam. Christine se interessou pelo talento dela e resolveu contratá-la.

Isabel despertou de seu momento de quietude e resolveu ir para a sala de Christine onde deveria mostrar sua coleção.

– Pediu que me chamassem?

– Sim, trouxe as amostras?

– Estão aqui. Modifiquei alguns, como pediu. – e entregou-lhe a pasta.

Christine pegou a pasta e folheou-a. Analisou cada um dos desenhos com ar breve.

– Estão bons... – disse secamente – Amanhã quero ver as roupas exclusivas aqui na minha sala.

– Como quiser. – ela virou-se para sair da sala.

– Ainda não terminei. – sorriu com malícia – Temos belas moças que serão futuras modelos da Impacto e consequentemente teremos Bruno Fontes como modelo oficial em menos de um mês.

– Por que está me dizendo isso?

– Bruno é seu ex-marido e está namorando a editora-chefe

da revista Astro!!!

– Nós estamos divorciados há mais de dois anos, acredito que isso é problema dele...

– E seu também... Não podemos deixar que nosso melhor modelo se refugie na Astro. Seria uma desonra para todos nós!!!

– O que você quer que eu faça?

– Por que não lhe dá mais uma oportunidade?

– As coisas não são tão simples assim na vida das pessoas... Estamos falando de um casamento de oito anos que não deu certo e não de um namoro!!!

Christine a fuzilou com os olhos.

– Desculpe, mas tenho muito a fazer em meu escritório.

Isabel saiu de rosto erguido do escritório.

Miguel passou pelo cubículo, a porta estava entreaberta. O espelho estava descoberto. Novamente, trancou a porta, e verificou a fechadura. Forçou-a para certificar-se que estava devidamente trancada. Ainda não entendia como ela se abria sem que ninguém percebesse.

Eram 17h30min. Isabel havia comprado os tecidos, esclareceu dúvidas com a modelista e encaminhou os modelos para a confecção. Depois passou no colégio de Angelina e

seguiu ao Museu.

– Me dê a mão, Angelina. – pediu Isabel guardando a chave do carro dentro da bolsa.

Ambas entraram no Museu e subiram as escadas. Miguel logo apareceu e seu rosto cansado sumiu ao vê-las.

– Que bom que vieram!!! – sorriu.

– É bom vê-lo também!!! – sorriu Isabel – Por onde começamos?

Miguel pediu que elas o acompanhassem e seguiu pelo corredor. Isabel ouvia encantada as explicações dele.

Angelina soltou a mão de sua mãe sem que ela percebesse e seguiu pelo corredor. Uma criança, talvez um menino, estava chorando. Cada vez ela se aproximava mais do local que emitia aquela voz. Notou que vinha de uma sala, um cubículo e que a porta estava destrancada. Aproximou-se. O choro aumentou. Agora estava diante da porta que lentamente se abriu e ela viu seu reflexo no espelho. Uma luz branco-pérola iluminou o espelho e ela viu o menino chorando. Sentiu-se puxada por ele, fez um esforço para se segurar em qualquer coisa, mas se perdeu em sua dimensão. Seu grito ecoou por todo o Museu.

Isabel percebeu que sua filha não estava mais ali e saiu correndo em direção ao local de onde ouvira o grito. Miguel se assustou mais ainda. Pensou no pior e acompanhou Isabel

até o cubículo onde a porta estava aberta. Isabel fez menção de entrar, mas ele a impediu.

– Por favor, não entre... Isso é mais grave do que imagina... – ele entrou cautelosamente no cubículo e viu que uma onda de luz ainda iluminava o espelho mas desapareceu quando Isabel entrou.

– O que está acontecendo??? Onde está a minha filha???

– Sua filha... Ela atravessou o Portal...

– Do que você está falando??? – seu tom de voz estava exaltado.

– Sua filha atravessou o espelho...

– Você só pode estar maluco... – disse incrédula – Ninguém pode atravessar um espelho...

– Isso não é um espelho qualquer... É um Portal.

– E você quer que eu acredite que ela atravessou... Isso???

Por um instante houve um tremor no cubículo e as luzes piscaram. Isabel ficou mais assustada ainda com a situação, enquanto Miguel continuava pensando em uma forma de provar a ela o que havia dito.

– Angelina... – chamou Isabel aflita – Onde você está???

– Não vai adiantar chamá-la. Ela atravessou o Portal, não pode nos ouvir...

– Não brinque comigo!!! – disse em tom de desespero –

Quer que eu acredite que minha filha está morta???

– Ela ainda está viva... Só não sei por quanto tempo...

Os olhos de Miguel foram ao chão e ele percebeu uma pulseira delicada diante do espelho.

– Isso é da Angelina? – indagou e lhe entregou a pulseira.

No instante em que segurou a pulseira na mão, seus olhos se encheram de lágrimas.

– Não pode ser... – soluçou – Não... Isso não é verdade!!! – seus olhos transbordaram em lágrimas que ela não conseguia conter – Angelina!!! Onde você está??? – gritou pelo corredor como se ela fosse aparecer em qualquer direção.

– Acalme-se!!! – disse Miguel segurando-lhe o ombro e encarando-a – Vai ficar tudo bem... Podemos...

– Eu quero a minha Angelina!!! – disse aos prantos – Precisa me ajudar a encontrá-la!!!

– Isabel... Eu sinto muito... Mas não podemos fazer nada ainda... Acalme-se... Por favor... – insistiu ele ao passo que ela deixava as lágrimas lavarem seu rosto.

Ela sentiu o coração apertado e soltou um grito abafado. Não queria acreditar no que estava acontecendo.

– Minha filha é tudo o que tenho na vida...

– Eu imagino, mas não vai adiantar ficar se lamentando, temos que arrumar uma maneira de tirá-la de lá...

– Você fala assim porque não é sua filha que está lá!!!

– Eu tive um filho... – foi então que os olhos de ambos se encontraram – e ele está perdido... – sua voz saiu abafada.

Os dois ficaram parados frente a frente, como se fossem dois estranhos e um silêncio infinito permaneceu entre eles.

– Você teve um filho? – disse sussurrando, um pouco mais calma.

– Há oito anos...

– E por que não disse isso antes?

– Não havia motivo...

– E a sua esposa? – indagou cautelosamente.

– Ela morreu em um acidente de carro, logo depois que Pedrinho atravessou o Portal.

–Você perdeu seu filho e sua mulher ao mesmo tempo...

– Eu não gosto de lembrar disso... – ele consultou o relógio – Tenho que fechar o Museu.

– Fechar??? Minha filha está dentro desse espelho... Quero levá-lo para casa!!!

– Você não pode levar isso para casa!!! Ninguém pode...

– E por que não???

– Vai arriscar a vida de mais pessoas... Não podemos...

Isabel baixou a cabeça, enxugou as lágrimas e mesmo com o coração apertado, saiu do cubículo acompanhada de

Miguel.

Alguns minutos depois, ele tentou confortá-la.

– Você está bem?

– Isso é impossível...

– Gostaria de ir até minha casa para conversar? A menos que seu marido...

– Sou divorciada... – ela respirou profundamente.

Cada um entrou em seu carro e seguiram em direção à casa de Miguel na esperança de explicar e entender melhor o que aquela situação significava.

– Peço que não se importe com a bagunça... – e destrancou a porta.

Isabel nem sequer ouvia o que ele falava, seus pensamentos giravam em torno de Angelina. Queria saber como deveria ser a outra dimensão daquele espelho, afinal, ela era apenas uma criança inocente de apenas sete anos de idade...

– Sente-se, eu já volto. – ele deixou-a na sala bem-arrumada, e foi fazer um chá de camomila para acalmá-la.

Isabel reparou em um retrato com a foto de casamento de Miguel com uma moça loira de olhos claros, que julgava ser sua esposa.

– Essa é Daiane... – sorriu lhe entregando a xicara de chá – Beba, isso vai acalmá-la.

– Ela é linda... – disse ao sorver delicadamente um gole de chá.

– E esse é Pedrinho... – e lhe entregou outro retrato.

– Nossa... Ele é tão...

– Parecido com a mãe? Eu sei... É o que todos dizem... – sorriu.

Isabel silenciou por um instante. Havia uma pergunta em sua mente.

– Como seu filho atravessou o Portal?

Os olhos de Miguel procuraram a foto de Pedrinho como se buscassem a resposta.

– Ele foi ao Museu comigo, a porta do cubículo estava aberta e...

– E por que você não trancou a porta naquele dia?

– Aquela porta estava trancada, eu girei aquela maldita chave três vezes, verifiquei a fechadura e estava tudo normal. Só eu tenho a chave daquele cubículo.

– O que você quer dizer com isso?

– A porta pode ser trancada milhares de vezes, mas ela abre sozinha, como se quisesse...

– Procurar sua vítima... – completou incrédula.

– Hoje de manhã, tranquei aquela porta, mas quando voltei, estava aberta.

– Desde quando o espelho está no Museu?

– Há anos, antes mesmo de começar a trabalhar lá.

– E como sabe que se trata de um Portal e não de outra coisa?

– Quando eu tinha uns sete anos, meu pai me levou ver as ruínas do casebre de meu avô Leonel. Lá ele enterrou no chão duas cruzes negras, como se quisesse ofender alguém com aquele gesto. Aquele ato se consumou diante de uma árvore. Mas aquela árvore é estranha. Sonho com ela desde aquele dia. É como se ela me chamasse... Meu pai me disse que na época em que meu tio Hugo, com sete anos, morreu vítima de febre amarela, um senhor encapuzado matou meu avô. Meu pai conseguiu ouvir a proposta que o Mago fez ao meu avô em troca da vida de Hugo: teria que conseguir sete crianças mortas e trazê-las até ele na segunda noite. Leonel conseguiu cinco crianças, faltavam duas, mas o Mago não relevou e o matou. Hugo também morreu naquela noite...

Ela o escutava horrorizada.

– Certa vez estava sozinho no casebre de meu avô e vi um espelho enorme perto da árvore. Desta vez algo me chamou até lá e Hugo apareceu chorando. Pediu para que eu não chegasse perto. Sentia que tinha que acabar com aquilo tudo, com todo o mistério. O espelho era um Portal, não entrei nele porque meu pai apareceu e então eu saí correndo.

– Isso é terrível... Você poderia estar preso no Portal agora... Mas como isso é possível, se hoje você se aproxima e não acontecesse nada?

Diante de todas aquelas experiências ele ainda não havia conseguido decifrar exatamente as respostas de que precisava.

– Tenho suposições...

– E quais são elas?

Os olhos de Miguel caíram outra vez na foto de seu filho.

– Se todo esse tempo em que estive perto do Portal e só quando criança me sentia atraído, tudo me leva a crer que ele... – engoliu em seco – ...só atrai crianças.

– Então por isso não acontecesse nada com você... Mas por que crianças?

– Talvez, porque elas são os seres mais puros que existem no mundo. As crianças são puras de corpo e alma, são sensíveis. O Portal é um objeto que procura seres puros pelo fato de precisar de energia viva. Você não o procura, ele lhe encontra, e quando isso acontecesse, não há como fugir...

– Esse é o motivo dele ter levado nossos filhos?

– Não sei... Mas deve haver uma explicação.

– Eu ouvi o choro de uma criança...

– Choro de criança?

– Quando atravessamos o corredor, ouvi o choro de

alguém... Parecia um menino chorando...

Miguel pensou em milhares de coisas. E se fosse Pedro?

Isabel ficou mais alguns instantes conversando, mas logo foi embora. Mesmo com o pensamento em sua filha, não adiantava ficar chorando. Por mais desesperada que estivesse, teria que fingir que nada estava acontecendo.

Mais tarde, enquanto Miguel dormia tranquilamente em seu apartamento, Isabel sonhava com algo estranho...

Havia uma encruzilhada em uma rua escura. Lá estava o espelho, ou seria o Portal? E diante dele se refletia a figura de um menino doente, segurava uma coisa brilhante nas mãos... e balançava... balançava... A luz era cada vez mais intensa... A luz se explodiu... E logo estava em uma escuridão absurda... Lápides... Muitas lápides... Estava em um cemitério... Várias covas abertas... Um clarão novamente... Uma montanha... muito alta de onde podia-se ver um lago cristalino... Um lago onde estavam boiando corpos de defuntos... alguém surgiu atrás deles e os empurrou para dentro do lago... não conseguiam respirar... estavam sem ar...

– Ah...!!! – suspirou Isabel despertando e percebendo que estava embaixo do cobertor.

O sol batia na janela do quarto de Angelina. Os olhos de Isabel se encheram de lágrimas ao lembrar que sua filha poderia estar ali, deitada naquela cama aconchegante,

naquele quarto aquecido, perto de seus brinquedos, perto de seu piano...

Onde estava aquela música leve e calma do amanhecer? Onde estava a alegria do lar em ver aquela pequena menina se levantar para ir à escola ou correndo para os braços da mãe? Onde estava a alegria nos olhos doces ao tocar piano? Quem havia roubado o tesouro mais importante daquela mãe?

Haviam-se passado alguns dias e ela acabara pensando, como Miguel suportava a falta do filho e da esposa todo esse tempo? Duas feridas ainda não cicatrizadas que enchiam uma vida de angústia e sofrimento. Pedrinho estaria morto, e Angelina também?

Miguel abriu a porta do Museu e um menino entregou-lhe o jornal. Agradeceu e o folheou rapidamente, notando algo inconveniente. Uma notícia a respeito de Isabel. Apanhou o celular e ligou para ela, quase arrependido de tê-lo feito.

– Isabel, espero que você não tenha lido o jornal ainda...

– Algum problema?

– Aconteceu uma coisa e acredito que você não vai gostar...

– Fale de uma vez!!!

– É sobre a sua coleção... – ele pausou – Estão afirmando que ela acabou de vazar...

– Como assim?

– Você deveria falar com a sua chefe...

Isabel sentiu sua carreira deslizar por suas mãos.

– Isabel???

Ela desligou. Miguel estranhou e se arrependeu do que havia feito. Deixou-a mais preocupada ainda. Abriu mais duas caixas e retirou um par de castiçais. Lembrou-se do piano. Abriu outra caixa e retirou uma boneca de porcelana. Lembrou-se de Angelina. Levantou-se e correu para fora do Museu, pedindo permissão para Sandro. Teria que ir até a casa de Isabel.

Ela estava chorando, abraçada ao piano. Seus pensamentos a traíam e ela não queria ver ninguém. Miguel bateu na porta três vezes, mas ela não atendeu. Abriu a porta e não a encontrou. Um vento forte lhe soprou os cabelos. A varanda. Correu até lá e viu uma mulher pronta para saltar sacada abaixo.

– Isabel!!! – o rosto dela se voltou no instante em que pularia, e ele a tomou pela cintura.

Os braços dele a alcançaram a tempo, seus pés já estavam suspensos no ar. Assim que a conteve, viu seu rosto pálido. Os olhos cerrados, em uma expressão morta. Cingiu-lhe o pulso. O coração batia normalmente. Deitou-a calmamente no tapete da varanda e foi pegar álcool. Não encontrou. Foi até o quarto dela e encontrou um frasco de perfume. Tirou um pano do bolso e o banhou no frasco. Logo, levou ao nariz dela.

– Acorde, Isabel...

Aos poucos a cor foi voltando aos olhos dela e eles se abriram vagarosamente.

– Não estou vendo nada ...

– Calma, já vai passar...

Quando sentiu que voltou ao normal, Isabel se sentou no chão ainda trêmula, fitando Miguel com um olhar culpado.

– Você está melhor agora?

– Acho que sim... Por quê.... Por que veio?

– Você desligou o telefone na minha cara... Pensei que fosse fazer alguma coisa ...

– Eu vi a Angelina...

– Sonhou com ela?

– Não, eu a vi... Ela estava em um lugar lindo, havia um piano... uma árvore...

– Isabel, você sabe que não pode falar nessas coisas, a Angelina, ela...

– Não acredita em mim, não é?

– Eu não disse isso...

– Mas seu filho acredita.

– Não fale de Pedrinho – sua voz se alterou – Ele está m...

– Isso é o que você pensa, não o Portal.

Miguel sentiu uma leve comoção dentro de si, como se sentisse a presença de outra pessoa naquele lugar. O olhar de Isabel ainda estava abalado, como se ela estivesse em transe. De repente ela se levantou, caminhou para dentro da sala, e Miguel a seguiu, parando em frente a um espelho da sua altura.

– Tenho que ir...

– Do que você está falando???

– Eu estou com você... – disse olhando-o em seus olhos e desmaiou novamente.

Miguel segurou-a, ao mesmo tempo que tentava lembrar de onde conhecia aquela frase. Engraçado, ao mesmo tempo em que era Isabel, não podia ser ela mesma, não havia como ...

– O que aconteceu? – a voz dela saiu ofegante.

– Você desmaiou.

– Há quanto tempo está aqui? – indagou franzido a testa.

Miguel hesitou. O que estava acontecendo com ela? Como poderia mudar de personalidade?

– Não se lembra?

– Lembrar do quê? Ah, minha cabeça está doendo... – e levou ambas as mãos à sua cabeça.

– O que você queria, foi a segunda vez que caiu...

– Segunda vez? Eu caí da varanda?

– Não você caiu quando estava em frente ao espelho, conversando comigo...

– Não lembro... – sorriu – Só me lembro da varanda... – ela tornou a olhar para o espelho.

Isabel tentara o suicídio, mas não conseguiu, falara com ele, mas não se lembrava, e agora estava desmentindo-o?

– Eu acho melhor que você não ficar sozinha aqui.

De súbito Miguel caminhou na direção da janela. Isabel o fitava ainda com os olhos sensíveis.

Ele fechou as cortinas e se afastou. Algo veio ferozmente em direção à janela, quebrando a vidraça com tamanha força que bateu na parede branca do apartamento e foi ao chão.

Ela soltou um grito, trêmula. Os olhos dele ficaram surpresos.

–O que é isso? – indagou desesperada.

– Um aviso...

Ele estava incrédulo com a cena. Ali, estirado no chão, com os estilhaços de vidro e com sangue escorrendo, jazia um corvo morto.

Miguel a encarou. Ela olhava para a parede atrás dele.

– Olhe aquilo...

No local onde o corvo bateu na parede, o sangue escorria formando as seguintes palavras:

Desistam do Portal.
É meu último aviso.

– Céus... O que é isso???

– Não precisa ficar com medo... É o que ele quer!!!

– Por que ele quer que façamos isso, se não sabemos nada??? Angelina está presa do outro lado, sem que se possa saber se está viva ou morta... Seu filho é a prova de que nada sabemos se não você já teria tirado ele de lá... – desta vez os olhos dele fugiram – A não ser que... O que está acontecendo, Miguel? Você sabe de alguma coisa que eu não sei? Vamos, fale logo!!!

Ambos sabiam que aquela situação inusitada, entre loucura e realidade estava ficando séria demais. Se o Mago estava acusando Miguel de ter uma saída era porque ele poderia acabar com toda aquela história...

– Miguel ... – a voz macia de Isabel se tornou rouca e aflita
– Você me encontrou por acaso, não foi? Você sabia este tempo todo que poderia acabar com o Portal se tivesse a ajuda de mais alguém... E se for isso, com certeza você tem algo que o Mago queira, não é? Você está sendo vigiado por alguém que quer lhe matar, antes que você possa tirar alguém do Portal...?

Miguel refletiu um pouco. Pegou o corvo estirado no chão,

mas ao tocá-lo ele se transformou em terra em suas mãos. Achou aquilo curioso. Seria melhor que ela soubesse da verdade.

– Eu tenho a chave.

Aquilo foi uma flecha no coração de Isabel. Os olhos dele encontraram os dela.

– Mas não sei como usar... Ninguém sabe... Ou sabia... Agora o Mago já descobriu...

–E onde ela está?

– Está escondida no Museu... Dentro da armação do espelho que é o Portal...

– E como sabe que ela é a chave?

– Ela se encaixa perfeitamente no espelho, mas nunca tentei encaixá-la, e foi Daiane quem descobriu isso antes de morrer...

Isabel ficou abalada com aquela revelação.

– Ela encontrou um bilhete na armação que dizia *“Do alto, posso ouvir uma música cristã”*.

– Miguel, podemos quebrar o Portal ...

– Não podemos. Se Angelina estiver lá, ela terá que passar para o segundo Portal.

– Você está maluco... São quantos Portais, afinal?

– São sete... Sei que não podemos nos comunicar com

Angelina do outro lado, mas esse é o único jeito. Para destruir o primeiro Portal é preciso que ela, do outro lado do Portal, vá para outra dimensão, que é o segundo Portal... E eu não sei como fazer isso.

– Então por isso que não tirou Pedrinho de lá? Por que não sabe como fazer para se comunicar? – ficaram alguns segundos em silêncio.

– Isabel, nos conhecemos por mera coincidência... Não escolhi que fosse assim... Você roubou meu táxi naquele dia de chuva... A sua pasta de desenhos caiu no chão para que eu pudesse ir até você... Se há alguém no mundo que capaz de impedir que essa maldição se alastre, esse alguém só pode ser você... Angelina é parte de você... O Portal a escolheu... Por quê? Eu não sei... – ele olhou para os dedos – Aqui não é seguro, acho que já percebeu isso.

De súbito ele se levantou e foi até a porta. Isabel se ergueu assustada:

– Para onde está indo?

– Para minha casa... – sorriu.

– Vai me deixar aqui... Sozinha???

Miguel lhe lançou um último olhar, sorriu e fechou a porta.

A HÓSPEDE

Mal havia chegado em casa, cansado, e exausto, a campainha tocou. Quem poderia ser àquela hora?

– Isabel?

Sim, ela estava com as malas na porta da casa dele.

Ainda reprimida com o ambiente, ela sentiu-se protegida naquele lugar. Era assustador morar sozinha, ainda mais depois daquela tarde. Deixou o piano, o quarto de Angelina, e todas as suas recordações naquele apartamento, só trazia consigo a consciência.

– Pode ficar no quarto de hóspedes. Não é muito grande mas sei que você se vira.

Ela o acompanhou até o quarto, a porta estava aberta, como se a esperasse. Era simples, havia uma cama de solteiro, uma cômoda, um criado-mudo, um espelho e um abajur. No alto da cabeceira, um crucifixo pendurado. A janela estava fechada e uma cortina branca a cobria. Abriu-a para que o ar entrasse. Arrumou a cama e logo desfez as malas.

– Qualquer coisa, estou na cozinha.

– Tudo bem.

Seu casamento com Bruno foi um erro que resultou no melhor prêmio que ela poderia ter recebido, Angelina.

Em uma revista de fofocas saiu uma matéria falando sobre o fim do relacionamento deles. Isabel sentiu os nervos à flor da pele. Ninguém deveria ter informações pessoais dela, ela nem sequer era tão conhecida assim para ser citada em uma revista... Mas Bruno era... E foi ele quem deixou que publicassem a matéria, para logo depois anunciarem na mídia que ele estava noivo de Célia, a editora-chefe da Revista Astro.

No dia seguinte, Miguel olhou o relógio ao lado da cama, eram sete e meia da manhã. Mal havia feito isso, o despertador começou a tocar.

Levantou-se e começou a se arrumar. Enquanto fazia isso, lembrou de Isabel, o que ela faria o dia inteiro em casa? Não ela ainda tinha um emprego, ou será que não? Teria que conversar com ela.

Esquentou a água para o café, fez duas torradas e as comeu com manteiga e geleia de pêssego.

Antes de sair de casa, foi até o quarto dela, ver se estava acordada.

– Isabel? – indagou abrindo cautelosamente a porta do quarto.

Ela se remexeu na cama, vestindo uma camisola branca que lhe ia até o joelho, agarrando o edredom com as unhas e fitou Miguel como se fosse um fantasma.

- O que faz aqui???
- Queria saber se você vai se levantar para ir trabalhar?
- Acho que sim, que horas são?
- Faltam dez para as oito.
- Será que eu consigo me vestir em meia hora?

Ele percebeu a cara de cansaço dela.

- Creio que não. – sorriu.
- Você tem que ir, certo? Pode ir, eu me viro sozinha.

Dizendo isso, ela se levantou-se da cama, e Miguel se dirigiu até a porta de entrada.

– Antes de sair, tranque a porta e fique com a chave. Eu tenho uma chave reserva. Até mais tarde. – e fechou a porta.

Isabel tomou um banho, penteou os cabelos, vestiu-se e foi tomar um café rápido, enquanto comia uma torrada, seus olhos fitaram um calendário que estava em cima da mesa. Começou a entrar em pânico. Todo o dia doze de cada mês, Bruno levava Angelina para passar uns dias na casa dele. Agora, o que faria, se Angelina estava presa no Portal e ninguém poderia saber disso?

Como se não bastasse a corrida contra o tempo, mais uma bomba explodiria nas mãos de Isabel. Ela estava com a nova pasta de desenhos na mãos, prontas para apresentá-las na

edição da revista. Christine fez questão de ir em seu encontro.

– Que bom que veio, Belinha... Entre, precisamos conversar.

Isabel entrou na sala de Christine. Pelo seu tom de voz ela estava feliz pelo mesmo motivo que faria Isabel sofrer.

– Sente-se. – disse Christine sentando-se frente a frente – Vamos direto ao assunto, não é mesmo? Bem, sei que trabalha aqui na Impacto a pouco mais de dois anos, ou quase isso...

– O que está querendo dizer? Aonde você quer chegar?

– Devo dizer que você tem grande talento, mas quando se trata de ser discreta, você é lamentável!!! Deixou a coleção vaziar... Não há mais solução...

– Você está me dispensando? – disse aflita – Christine ...

– Eu sei que para você é difícil, mas é isso... Sinto muito mas não podemos dar uma segunda chance se não há confiança.

Aquela frase foi fria, acabou com todos os sonhos de Isabel naquele momento. Não poderia ser assim, tudo tão complicado...

Saiu da sala assim como entrou, com as mesmas expressões no rosto. Como seria se não arranjasse emprego? Viveria com Miguel por quanto tempo?

Resolveu que não voltaria naquele momento para casa. Eram quase nove horas. Estava frio do lado de fora do prédio da Impacto, mas ela não se importou. Teria que esfriar a cabeça e até pensou em ir ao Museu mas não queria

incomodar Miguel àquela hora.

Caminhando como o de costume, ela se dirigiu até a Igreja. O sol aquecia o dia frio de inverno. Seu olhar parou em um local remoto da praça.

O dia estava ótimo, o sol brilhava intensamente. Bruno a esperava com um buquê de flores. Ele tinha seus cabelos loiros deitados na testa. Isabel se aproximou e ele a beijou. Logo depois, se ajoelhou em sua frente, lhe deu o buquê de flores e abriu uma caixinha com um anel.

– Belinha, quer se casar comigo?

Ela pulou nos braços dele, enchendo-o de beijos.

Depois se lembrou de algo triste. O vento frio batia em seu rosto e Bruno estava irritado. Sua aparência era de alguns anos mais velho. Eles estavam discutindo. Isabel o empurrou. Depois ela disse que queria o divórcio.

E o vento soprou mais uma vez.

DO OUTRO LADO DO ESPELHO

Ela parou diante da Igreja. Acabara de lembrar de uma coisa importante. Para abrir o primeiro Portal era preciso que Angelina passasse para o segundo, caso contrário, ela poderia ariscar a vida. Ela não havia discutido o assunto com Miguel, mas estava na hora de fazer alguma coisa por Angelina...

– É a vida da minha filha que está em jogo... – ela apanhou o celular – Miguel, me espere que estou a caminho... Não, não estou trabalhando... – e desligou.

Eram 10h42min quando ela chegou ao Museu, estava cansada, mas precisava seguir adiante. Sua filha ainda estava viva, e isso lhe dava forças naquele momento.

Subiu as escadas, ao encontro dele.

– O que aconteceu?

– Podemos conversar? Sei que está em horário de trabalho...

– Sobre o Portal? – sussurrou olhando ao redor.

–Tenho que tirar minha filha daquele espelho de qualquer maneira!!!

– Sabe que isso só é possível se destruirmos o Portal.

– Angelina está lá dentro, se fizermos isso sem que ela saiba, ela morre...

– Posso tentar, ao menos, conversar com ela?

Miguel sabia que aquilo era impossível, mas a conduziu até o cubículo. Estava abafado, mas assim que fechou a porta, o ar se tornou úmido, como se ela estivesse ao ar livre. Estava apreensível com aquela situação. Ficou sozinho do lado de fora. Isabel, diante do espelho, puxou a toalha de seda.

Seu coração começou a bater descompassado ao lembrar-se de que Angelina estava do outro lado. Mesmo que não

pudesse vê-la, podia sentir que ela estava ali, bem perto, diante dela, talvez, mas não podia sair dali, para dar-lhe um abraço sequer. Com os dedos, acariciou a superfície gelada do espelho, como se esperasse que acontecesse algo.

– Você está aí, Angelina? – sua voz saiu quase num sussurro
– Por favor...

Passaram alguns minutos sem que nada acontecesse, e ela foi tomada por uma aflição sem limites. Seus olhos ficaram mareados de lágrimas e suas mãos tremiam. Só via seu reflexo no espelho, foi então que começou a soluçar sem parar.

– Não chore. – disse uma voz suave.

– Angelina? – indagou olhando para o espelho – Não posso vê-la...

– Está muito claro... Não posso ver...

Isabel ergueu-se e apagou a luz, só então que pôde perceber o rosto de Angelina dentro do espelho. Ao mesmo tempo em que se aproximou, queria poder tirá-la dali de dentro.

– Não faça isso! – pediu Angelina comovida – Se quebrar, eu vou...

Mas ela já havia arremessado um pequeno vaso de mármore contra o espelho, fazendo com que Angelina se sobressaltasse ao se defender, no entanto, o objeto ao tocar no espelho voltou-se com a mesma intensidade para a parede

oposta, chocando-se a poucos centímetros de Isabel.

Por alguns instantes ela tentou entender o que havia ocorrido. O Portal não poderia ser quebrado como um espelho comum, porque sua finalidade era mágica, sendo rompido somente por uma chave.

– Me desculpe, Angelina...

– Não posso falar muito...

Isabel sentiu-se inquieta. Lembrou-se de que Miguel estava do lado de fora e fez menção de chamá-lo. Angelina acenou negativamente com a cabeça.

– Certo. Você precisa sair daí, e eu vou tentar ajudar, mas Miguel tem que vê-la.

Angelina lançou um olhar de agradecimento a sua mãe. O tempo dela estava acabando.

– Tudo bem, mas tem que ser rápido. – autorizou.

Ela levantou-se e pediu que Miguel entrasse e fechasse a porta, agora ambos estavam exprimidos naquele cubículo.

– Impressionante... – sussurrou Miguel ao ver Angelina no espelho.

– Precisamos dizer o que ela deve fazer, Miguel...

– Tem mais alguém além de você???

– Não... Mas acontecem coisas estranhas aqui...

– Você viu um menino???

Angelina acenou negativamente com a cabeça, o que fez com que ele ficasse sobressaltado. Isabel interrompeu.

– Miguel, acalme-se. Precisamos dizer a ela sobre o Portal...

– Tudo bem, escute Angelina. Assim como aqui existem mais seis Portais no lado em que você está deve haver mais seis deles. Você precisa encontrar algo que seja a segunda passagem. No momento em que encaixarmos a chave neste espelho, você deve estar na outra dimensão dele, ou seja, no segundo Portal. Temos que trabalhar juntos para tirar você daí.

– Tenho que achar outro espelho?

– Sim...

Um grito soou do outro lado. Angelina ficou assustada.

– O que foi isso? – indagou Isabel.

– Prometo que farei o que me disseram...

– Angelina!!! – chamou Isabel segurando a base do espelho quando uma onda perolada lhe percorreu.

O espelho voltou ao normal. Miguel abriu a porta do cubículo e ambos saíram. Estava na hora de fechar o Museu para o almoço.

– Eu fui demitida... – disse ao se recobrar das emoções que estava sentindo por causa de sua filha.

– Isso não é bom...

O celular começou a tocar e ela atendeu.

– O que foi?

– Você sabe que está na hora do papai ficar com a filhinha.

– Faltam dois dias...

– Não faltam mais. Hoje a noite eu vou buscar a Angelina.

– Não, ela não pode!!! – disse aflita.

– E por que não? – a voz de Bruno saiu com desdém – O que está acontecendo?

– Estou dizendo que ela não vai ir hoje à noite!!! – e desligou.

– Quem era? – indagou Miguel vendo Isabel pálida.

– Bruno quer buscar Angelina para passar o fim de semana com ele, mas faltam dois dias... É o combinado...

A questão era como impedir que Bruno ficasse sabendo que Angelina não estava no mundo real e de fato não poderia sair de onde estava?

– No momento em que vi Angelina do outro lado, eu tive a ilusão de que... De que... Pedrinho também pudesse estar vivo, assim como ela... – o suor escorria por seu rosto – Eu não me conformei até agora com isso... Tento esconder de mim que... Que Pedrinho morreu.

Ela encarou-o por alguns instantes. Ele estava com o olhar cabisbaixo.

– Eu sou mãe, sei o que você sente. Desde o começo eu achei que isso tudo não passava de uma brincadeira sem graça. Agora sei que é mais sério do que pensava. Minha filha está lá dentro, e como se isso não bastasse, a minha vida aqui do lado de fora, virou um caos. Tenho medo, mas por minha filha eu vou até o fim. Nós precisamos acabar com isso juntos. Estamos aqui para isso, para quebrar essa maldição. Angelina aguentou até agora, e a única certeza que temos é que ela está viva, mas não sabemos por quanto tempo. Temos que agir rápido se quisermos tirá-la do Portal.

De súbito uma ideia clareou a mente de Miguel. Havia uma pessoa que poderia ajudá-los.

– Então, de acordo com o seu raciocínio, tem alguém a fim de nos matar para que não possamos descobrir como colocar um fim ao Portal ou impedir que a gente consiga tirar Angelina de lá, certo? – ele sorriu, desta vez seguro – Tenho que ligar para meu pai.

– Isso não é hora para encontros familiares, Miguel!!!

– Você está enganada, Isabel. – e trancou a porta do Museu.

FUGINDO DE BRUNO

Era tardinha, Isabel estava em seu quarto, quando Bruno ligou novamente.

– Como está a Angelina?

– Ela está bem. – apresou-se em dizer.

– Tenho uma novidade para as duas.

– Ah, não diga. E qual é?

– Vou me casar.

– Meus parabéns, lhe desejo toda a felicidade do mundo!!! – ironizou.

– E tem mais. Entrei com pedido da guarda definitiva de Angelina. Se vou casar preciso de uma família completa, já que vou ser marido da editora-chefe da revista Astro, preciso manter uma boa imagem fora do País. Os dias de Angelina em sua casa estão contados.

– Você não pode estar falando sério...

– Estou. Mais tarde irei buscá-la. – e desligou.

Isabel começou a tremer de raiva e algumas lágrimas desceram-lhe da face. Miguel foi ver o que estava acontecendo. Isabel chorava ajoelhada no chão.

– Calma. – ele a abraçou – Está tudo bem.

– Não está. – a sua voz estava fria – Eu a perdi.

– O que aconteceu? – ele a soltou e sentou-se em cima da cama dela.

– Bruno entrou com um pedido para tirar a guarda da minha filha.

– Ele não pode...

– Se a Angelina sair daquele Portal ela vai viver com o pai... O mesmo pai que fingia que ela não existia e a deixava em casa sozinha aos cinco anos de idade, só para sair de casa para se divertir com amigos e mulheres... Quem ele pensa que é para fazer isso? Ele não dá a mínima para ela...

– Mas diante da justiça, ele ainda é pai... Temos que entender...

– Ele só está fazendo isso agora... Porque vai se casar com a editora-chefe da revista Astro... Por dinheiro... Não sei como o suportei todo esse tempo...

Por um instante Miguel contemplou a imagem de Isabel como se visse uma santa. Ele estava começando a conhecer aquela mãe que chorava ali, diante de seus olhos.

– Vamos conseguir sair dessa. Liguei para o meu pai. Iremos até ele.

– Quando? Bruno disse que ia vir aqui hoje a noite... Não!!!

– ela recordou-se – Ele não sabe que estou aqui... Ele vai ir até minha casa...

– Mantenha a calma... Então, nós temos que sair daqui o quanto antes. Ele pode fazer uma grande besteira se desconfiar que Angelina não está com a gente...

Isabel respirou fundo e levantou-se, enxugando as lágrimas. Miguel saiu do quarto dela e fechou todas as janelas.

Foi até o quarto que era de Pedrinho e que continuava intacto desde a morte de Daiane.

O quarto do menino era pintado de azul-celeste. Havia uma cama, uma cômoda branca perto da janela, cheia de carrinhos de controle remoto.

Foi até a última gaveta e encontrou sete pares de tênis. Havia ainda mais uma pilha de brinquedos a um canto. Sorriu. O tapete era aveludado na cor preta e no centro havia um enorme carro de corrida. Resolveu procurar por uma caixinha que deveria estar ali perto. Procurou embaixo da cama e encontrou o que queria. A caixa de madeira não era maior do que uma caixa de sapatos. Estava lacrada e parecia envernizada por algum motivo. Havia uma escrita na caixa.

Daiane Roy

“A vida é um sonho, não quero acordar.”

Aquela caixa viera parar em suas mãos no mesmo dia da fatalidade do acidente de carro de sua esposa. Era uma espécie de herança que ela havia deixado, mas que deveria ser somente entregue a ele. Sentiu um calafrio. Não entendia por que até agora ele não havia aberto a caixa. Não fazia sentido todo aquele mistério que ele mesmo criara. Ou será que aquilo fazia parte de alguma coisa que ela queria dizer antes de morrer?

Estava prestes a abrir a caixa, mas a campainha o impediu.

Enfiou a caixa dentro de uma bolsa de pano. Com uma péssima intuição, espiou pelo olho mágico da porta. Do outro lado havia um homem loiro, alto e de olhos verdes. Vestia um casaco de veludo preto e seus cabelos estavam arrepiados.

Correu para o quarto de Isabel, ofegante.

– Ele está aqui...

– O quê???

– Pegue a bolsa e saia pelos fundos. O porteiro vai lhe ajudar.

– Miguel, não dá...

– Faça isso logo. Eu vou distrair o Bruno.

Isabel pegou a bolsa e saiu do quarto rumo a uma porta de emergência dentro do apartamento que Miguel indicava.

– Saia por aqui, você vai entrar em um corredor e depois vai sair pelos fundos do prédio. Já comuniquei o porteiro, é só você descer....

– Como o Bruno sabe que eu estou aqui?

– Não sei, mas já que ele está aqui não vai ser bom ele te encontrar....

Ele abriu a passagem para que Isabel pudesse passar. A campainha insistia. Miguel se aproximou e abriu a porta.

– Oi. – disse Bruno sorridente.

– Sim?

– Sei que não vai achar normal, – e adentrou no apartamento – mas vou ter que checar o que há por aqui...

– Desculpe-me, mas este apartamento é meu, e... – continuou o seguindo – não lhe conheço... Poderia, por gentileza, sair daqui?

Bruno continuou caminhando e procurando por algum vestígio de Isabel. Miguel estava inseguro, embora procurasse disfarçar.

– Você conhece Isabel Oliveira?

– E se conhecer?

– Ela está aqui? Se ela estiver, por favor...

– Você está na minha casa, quem dá as ordens sou eu. A porta da frente é a serventia para quem não tem educação!!!

– Sou modelo da Astro, ex marido de Isabel. Disseram-me que ela estava aqui... E onde está a Angelina? – ele olhou ao redor.

Miguel estava paralisado. Teria que despistá-lo.

– Fora da minha casa agora!!! – sublinhou.

– O que sabe sobre Isabel?

– Não sei nada.

– Disse que a conhecia...

– Eu não disse isso. Mas quem se importa? Você está invadindo a minha casa...

Bruno encaminhou-se para os fundos, onde acabou encontrando uma saída de emergência. Sorriu com desdém.

– Por que a porta está aberta? – e entrou pelo corredor.

Miguel não teve tempo de raciocinar. A porta estava lacrada pelo lado de fora, então ele só poderia sair pela porta da frente. Apanhou alguns objetos e saiu do apartamento. Se tivesse sorte, chegaria antes de Bruno até o carro que estava estacionado na rua e não na garagem do apartamento. Corria mais que suas pernas conseguiam, ainda com o pensamento em Bruno. Se ele encontrasse Isabel naquele momento sem Angelina, certamente ela estaria encrencada.

Chegou ao térreo, e antes que alguém o visse, se escondeu atrás de uma porta que acabava no corredor de saída. Respirou fundo. Tinha que chegar até onde estava Isabel...

Começou a andar o mais rápido que podia, e os seus sapatos escorregavam no piso. Nem sinal de Bruno. Saiu pela porta da frente do prédio, e olhou para ambos os lados. Não havia rastro dele. Avistou o carro. Correu para lá e embarcou nele. Isabel já deveria estar ali, havia cinco minutos que ela havia decido ou será que...

Não teve tempo de pensar. Quando viu Bruno do outro lado do estacionamento, quase teve um ataque de nervos. Abaixou-se e quase bateu a cabeça no carro. Saiu rastejando, olhando por baixo dos veículos para conseguir visualizar os pés de

Bruno se aproximando. Tinha que sair dali e ir até o outro lado. De repente uma senhora baixinha e gorducha se aproximava com um pacote de compras que estava cheio de frutas e legumes. Mal ela conseguia andar. Mais atrás de Miguel estava vindo um agente de limpeza do prédio, com um enorme balde de água e sabão e duas vassouras presas em um carrinho que ele manipulava com as mãos. Miguel teve uma ideia. Bruno estava a poucos passos dele.

Levantou-se e esperou que o faxineiro passasse por ele, e no momento em que passou pela senhorinha, Miguel o empurrou e fez com que o balde de água fosse ao chão. A senhorinha tropeçou no balde e escorregou na água, indo parar no chão no exato momento em que a chuva de legumes frescos caiu na cabeça de Bruno. Aproveitando a distração, Miguel atravessou correndo o estacionamento. Sorriu, havia dado certo. Andou mais alguns passos e percebeu que alguém estava vindo pelo outro lado. Escondeu-se atrás da porta de entrada, mas percebeu que era o porteiro acompanhado de Isabel.

– Bruno está no estacionamento. Precisamos sair daqui antes que ele nos veja!!! – disse ele olhando para fora.

– Alguma ideia?

– Ele está vindo!!! – interrompeu – Vamos usar o elevador...

Isabel puxou a mão de Miguel e o guiou por outra porta. Estavam em outro corredor.

Chamaram um elevador. Embora Bruno se aproximasse, ainda não podia vê-los.

Bruno os alcançou no exato momento em que o elevador subiu. Miguel e Isabel sabiam que ele tentaria subir as escadas para encontrá-los, e por isso, mal haviam chegado ao andar de cima, apertaram o botão para o térreo.

Ambos, quase agachados, saíram da saída de emergência rumo ao estacionamento. Bruno deveria estar no andar de cima do prédio. Com essa certeza, eles se aproximavam do carro de Miguel. Quando chegaram diante do carro, Bruno apareceu com um sorriso de desdém.

– Para onde vocês pensam que vão?

Eles ficaram paralisados. Agora estavam perdidos.

– Como você não está...? – começou Isabel.

– Não sou tão tolo assim...

Não conseguiu terminar a frase. Quase foi ao chão com uma vassourada. Atrás dele estava a senhorinha gorducha com uma vassoura na mão.

– Isso é para você olhar por onde anda!!! – disse a voz irritada da mulher.

Miguel lançou um olhar cúmplice para Isabel, embora estivesse contendo o riso. Entraram no carro rapidamente e partiram. A senhorinha acenou para eles.

Ao mesmo tempo que ofegaram, riam como duas crianças

fugindo de uma sova do pai.

– Você conhece aquela senhora? – indagou Miguel.

– Não... – estranhou – Achei que você a conhecesse...

O sol estava se escondendo por trás do horizonte e a noite caía leve.

O PRIMEIRO PORTAL

Eram 20h37min. Estavam no interior da cidade. Diante da casa de Ulisses e Rosa Castilhos. A casa era branca, havia uma cerca de madeira que cercava o jardim todo florido, além de uma trilha de pedras. A luz externa estava acesa.

– Vamos entrar. – disse ele saindo do carro.

– Espero que eles não fiquem surpresos...

– Não se preocupe, apenas me siga. – ele seguiu pela trilha de pedras.

Ulisses exibia uma barba grisalha, mas bem-feita. Seus olhos escuros faiscavam de alegria. Uma mulher de cabelos loiros e olhos claros, vestida com um traje lilás escuro, surgiu logo atrás dele.

– Filho!!! – disse Rosa abraçando-o – Que saudades!!!

Ulisses também lhe deu um abraço. Logo depois

perceberam a presença de Isabel.

– Essa é Isabel Oliveira. – apresentou – E esses são meus pais, Ulisses e Rosa.

Isabel os cumprimentou com um leve aperto de mão.

– Você tem bom gosto, Miguel. – sorriu sua mãe.

– Isabel é minha amiga. – frisou sem perceber que estava suando.

Eles entraram. A casa era bem confortável. Rosa foi até a cozinha e trouxe uma bandeja com algumas fatias de bolo, enquanto Ulisses abria uma garrafa de vinho.

– Estou surpreso pela sua visita, filho, mas foi só para nos ver que veio?

Miguel lançou um olhar direto para Isabel. Teriam que confessar.

– Na verdade, sr. Castilho, precisamos da sua ajuda...

– Minha ajuda??? – sorriu.

– É sobre meu avô. – interrompeu Miguel e seu pai o encarou trêmulo.

– O que quer saber sobre ele?

– Tudo o que aconteceu na noite em que ele e Hugo morreram.

– Aquilo que lhe disse é tudo o que sei.

– Você me prometeu que um dia me contaria o que

aconteceu...

– Não lembro de mais nada...

– Se não precisássemos saber realmente da verdade, não estaríamos remexendo no passado.

Ulisses estava aflito. Olhava através da janela. O céu estava estrelado.

Isabel percebendo o olhar dele, se dirigiu à cozinha.

– E por que isso tudo agora? – indagou ao perceber que estava a sós com o filho.

– Pai, o senhor tem que entender que isso pode ser mais sério do que imagina... Sabe... Isso é tão difícil para mim... – ele envolveu o rosto nas mãos – E confuso...

– Você está assim desde a morte de Daiane... Eu sei que o Pedrinho...

– Pai. – interrompeu, agora em pé – Você sabe por que Daiane morreu?

– Foi um acidente de carro.

– Lembra-se... – ele parou diante dele, olhos nos olhos – Que Daiane estava no Museu naquela manhã... Foi graças a ela que encontrei isso... – ele tirou do bolso um papel – Leia.

“Da Alta passa ouvir uma música cristã

– Continue.

– Pedrinho entrou no Portal pelo espelho que está no

Museu... Daiane na tentativa de tirar nosso menino dali, achou isso dentro do espelho... Mas eu o tirei de lá... Certamente o Mago sabia que estávamos com uma pista em mãos...

Houve um momento de silêncio entre eles.

– Daiane morreu no meu lugar... – desabafou ele no mesmo momento em que Isabel parou diante da porta, sem que ninguém percebesse.

– Não é verdade, filho. – ele colocou a mão sobre o ombro dele.

– O Mago sempre me atraiu para o Portal, mas eu o venci. A tentação era tanta, mas minha força me segurou. Eu poderia estar no lugar de Pedrinho...

– Você nunca me disse isso...

– Porque eu não acreditava. O fi...

– Tudo bem. Não precisa mais disso.

Miguel o fitou com olhar de dúvida. Isabel se aproximou mais para ouvir.

– Eu estava dentro de casa na noite em que tudo aconteceu...

– Então não pode me ajudar...

– Vi tudo pela janela. Meu pai eu o Mago conversavam enquanto Hugo agonizava ao meu lado. Como estava tudo em silêncio, me esforcei para ouvir a conversa. O Mago disse que

se não conseguisse as sete crianças a tempo, ele não teria piedade.

Ulisses respirou fundo. Aquilo lhe causara um grande choque.

– Ele disse que não havia conseguido o que o Mago queria... E então... Tirou o capuz e revelou seu rosto... Depois seu avô caiu morto.

– Foi isso?

– Eu saí correndo na direção dele, ele percebeu e em um passe de mágica levou os corpos das crianças consigo quando desapareceu...

– Aconteceu mais alguma coisa?

– Lembro-me de ir buscar ajuda... Corri o mais depressa possível, pois Hugo estava agonizando na cama... Quando voltei, Hugo estava morto... e o mais estranho era que havia sangue e terra em cima dele, perto do pescoço... – ele estava com os olhos úmidos – Saí de dentro de casa para ver se o Mago havia retornado e foi então que percebi que o corpo de meu pai não estava mais lá... O mais absurdo de tudo... foi quando entrei no quarto do meu irmão e não havia mais ninguém lá...

– Como assim? Ele desapareceu? – indagou surpreso.

– Não sei como, mas ele não estava mais lá...

Isabel voltou da cozinha.

– Só precisamos agora, abrir o primeiro Portal.

– Não temos como... Precisamos que Angelina já tenha passado para o segundo Portal.

– Eu sei... Mas para termos certeza, precisamos ir até o Museu. Hoje vamos quebrar esse Portal.

– Acho que não dá...

– Você tem a chave... – sorriu.

Miguel deixou-se levar. Ela estava certa, quanto antes aquilo terminasse, melhor.

– Agora, o Mago já sabe onde estamos, então temos que agir depressa!!!

Ambos se despediram de Ulisses e Rosa, teriam que seguir viagem.

– Me prometa uma coisa, – disse Ulisses segurando os ombros de seu filho – tome muito cuidado... O que vi naquela noite não foi nada agradável, qualquer coisa que fizerem pode se voltar contra vocês... Estão lidando com magia, mas é algo totalmente diferente do que vocês acreditam ter conhecimento. É uma magia *diferente*...

Miguel o abraçou, sentindo-se bem por ouvir aquelas palavras.

Aos poucos aquele lugar tão calmo foi desaparecendo diante dos olhos deles, conforme se afastavam da casa de Ulisses.

Logo, estavam dentro da cidade. Os carros seguiam pela avenida, as luzes iluminavam toda parte. Miguel retornou por um atalho e chegaram ao Museu.

– Não temos muito tempo. – disse ao sair do carro – A sua sorte é que eu tenho uma cópia da chave... – ele subiu as escadas e destrancou a porta que soltou um leve rangido.

Subiram as escadas. Isabel possuía uma lanterna de bolso que trouxera da casa de Miguel por recomendação da mãe dele. Ele mal a acompanhava porque ela caminhava apressada. Já estava diante do cubículo.

– Miguel, você está com a chave do Portal? – sussurrou.

– Sim, está aqui. – e entregou a chave dourada, levemente enferrujada, na qual estavam gravadas as letras A.L.

– O que isso quer dizer?

– Não faço a menor ideia...

Ele se aproximou da porta e a abriu cautelosamente. Isabel entrou. O silêncio irrompeu pela sala. Ela puxou o pano que encobria o espelho, tudo estava repleto de escuridão.

Nada de diferente estava acontecendo.

De repente, a mesma luz branco-pérola percorreu o espelho, e no lugar da imagem vazia do Portal, estava uma visão linda de um jardim florido. Ela pediu que se Angelina estivesse ali, que desse um sinal. Silêncio, nada estava acontecendo.

Uma névoa formou-se e originou a graciosa imagem de Angelina no espelho. A menina sorria, mas algo estava estranho. Seus olhos não eram os mesmos...

– Mamãe... – disse em tom de súplica – Não coloque a chave...

– Meu amor!!! – ela estava quase chorando – Não se preocupe... Nós não vamos...

Ele percebeu que o Portal estava fazendo uma armadilha para não ser quebrado.

– Não se deixe enganar!!! Não é Angelina!!!

Ela olhou para Miguel com o olhar desfocado.

– Miguel... Não podemos quebrar... Ela está lá dentro!!!

Rapidamente, ele se aproximou do espelho, na tentativa de colocar a chave na armadura. A menina do espelho começou a chorar e gritar desesperada para que ele não prosseguisse em seu ato.

Isabel percebeu o movimento dele e agarrou-se aos seus pés, tentando impedi-lo de terminar o que estava fazendo. Ele percebeu que os olhos da menina ficaram vermelhos e depois voltaram ao normal.

– Isabel, ela não é a sua filha!!! Angelina já passou para o outro Portal!!!

Ela continuava segurando-o com força, então, se esforçou ao máximo para encaixar a chave na armação.

Uma luz estonteante invadiu o cubículo e a imagem de Angelina se desfigurou diante dos seus olhos.

– Vocês não vão conseguir me destruir!!! – disse a sombra que saiu da menina e quebrou o espelho no mesmo instante em que uma rajada de vento passou por eles.

Isabel fechou os olhos. Não fazia parte de seu corpo... Estava leve, e distante... E tudo ao seu redor girava lentamente...

– Isabel??? – disse segurando-lhe os braços, mas no momento em que a encarou, teve a sensação de que seus olhos eram verdes.

– Angelina... – soluçou.

– Ela está bem... Aquilo não era sua filha...

Uma batida na porta. Passos no corredor.

– Deve ser o Mago!!!

Os dois saíram do cubículo a passos lentos. Uma sombra se movia na direção deles.

– É o Mago...

Uma capa escura se aproximava.

PORTAL II

A CAPELA

“Não podemos viver sós neste mundo.”

A CARTA DE DAIANE

Eles começaram a rir de si mesmos. O que parecia tão assustador era...

– Sandro??? – disseram ao mesmo tempo.

Os olhinhos do proprietário piscavam rapidamente. O lugar estava mal iluminado.

– Quem esperavam que fosse??? – indagou com sua voz esganiçada.

– Ninguém... – disse Miguel.

– Gosta tanto deste Museu que quer vir aqui até a noite???

– Não, é que... – interrompeu Isabel – Foi tudo culpa minha!!! Eu deixei cair meu celular!!! – e mostrou o aparelho em uma das mãos.

– E pelo visto o encontraram... Se acontecer de novo, Miguel, espero que você me avise antes dos meus vizinhos me acordarem e chamarem a polícia, certo???

– Eu peço desculpas... – disse sentindo-se mais leve.

– Agora, acho melhor todos voltarem a dormir...

Sandro os acompanhou com os olhos, enquanto eles entravam no carro. Queria ter certeza de que não voltariam.

– Foi por pouco!!!

– Ah, não diga que ficou com medo???

– Fiquei sim, e não venha me enganar porque eu vi você

tremendo!!!

Ele ligou o carro e deu a partida. O rádio do carro exibia 21h55min.

– Agora, precisamos decifrar o segundo enigma...

Os olhos dela encontraram a caixa com o nome de Daiane Roy.

– O que é isso?

– Herança de Daiane. Nunca abri esta caixa.

– Que tal abrirmos?

Miguel esperava há tanto tempo por isso, mas nunca encontrava o momento certo. Aquela seria uma ótima oportunidade. Ele concordou. Isabel tirou do porta-luvas um alicate e delicadamente e cuidadosamente, ela removeu o lacre. Miguel estacionou perto da vegetação.

– Abra... – disse ela ao estender a caixa.

– Por quê??? Você removeu o lacre...

– Isso é o que ela deixou para você, seria falta de ética eu abri-lo.

Ela sorriu, como se soubesse o que havia ali dentro. Ele abriu e se espantou com o que viu. Havia uma varinha de uns 28 cm de cor prateada, gravada em letras de ouro a seguinte frase: *“O que começa em um dia, acaba em outro.”*, uma espécie de varinha de condão. Um espelho pequeno, cinco

cristais, um diário e uma carta.

Miguel pegou a carta que estava endereçada a ele.

Ele a abriu, mas, ao mesmo tempo, sentiu medo de ler. O que Daiane queria tanto dizer a ele a ponto de escrever uma carta no dia de sua morte?

Na folha, estava escrito com uma letra bem desenhada:

31 de julho de 2007

Querido Miguel,

Sei que posso não estar mais aqui quando ler esta carta, mas saiba que é com lágrimas e com sangue que a escrevo. Sinto muito, mas é hora de saber a verdade.

Desde criança pertença a um Clã de Bruxas. Você viu nesta caixa uma varinha, não? Pois ela era usada em um ritual de magia, porque eu sou uma bruxa.

Estamos correndo um risco muito grande, e há muito tempo queria lhe contar sobre isso.

Existe uma seita secreta, que sempre usufruiu de uma espécie de magia parecida com a qual eu mesma uso, mas não se engane, são duas coisas bem diferentes. Sei que a seita tem a ver com o Portal pelo qual nosso filho passou.

Não gosto de despedidas, e espero que não fique triste por isso, mas tenho que ir. Sei que a essa altura, esse tal Mago deve estar atrás de mim. Uma razão? Se sei como destruir o Portal, certamente ele está a pouco tempo de acabar comigo,

porque o filho que geramos, tem o meu sangue e o seu, o mesmo sangue que um dia correu pelas veias de Leonel Castilha e o mesmo sangue que um dia correu por minhas veias. Sinto ter que te deixar, não é essa a minha vontade, é apenas a minha escolha. Tudo o que está na caixa, por favor, guarde consigo sempre. Nunca se sabe o dia de amanhã, ou a noite de hoje.

Se encontrar com Pedrinho antes de mim, diga que o amo muito.

Obs: O Mago domina a seita, tome todo o cuidado, se estiver com a chave do Portal, não espere para abri-lo.

A.L.

Pela Eternidade Daiane Roy Castilha.

Miguel estava com lágrimas nos olhos, contendo-se para não deixá-las cair. Isabel estava sem palavras para consolá-lo.

A CAPELA DO LAGO

Assim que Miguel recuperou o fôlego, sorriu como se tudo aquilo fosse um sonho.

– Não sei no que acreditar...

– Acredite apenas no que Daiane disse. Temos que confiar nela.

– Você está certa. – sorriu – Que horas são?

Ela pressionou o dedo indicador na tela do rádio. Eram 22h12min.

– Para onde vamos?

– Para um lugar bem... diferente.

Miguel continuava dirigindo fora da cidade.

Enquanto isso, ela olhava as coisas que estavam dentro da caixa. O espelho a fez se lembrar de Angelina. Será que estava bem? Viu os cinco cristais como se simbolizassem alguma coisa importante.

– O que significa A.L.? – indagou ele de repente.

– Não faço a menor ideia...

– Vi essa sigla na carta de Daiane.

– E estava na chave que quebrou o Portal.

– Será que isso tem alguma ligação com essa tal seita secreta?

Isabel esvaziou a caixa e deu-se conta de que ainda havia o diário.

– Você não vai querer ler o diário dela, vai?

– Acredito que era isso o que ela queria...

O diário tinha a cor violeta escuro, segundo Miguel, era a cor preferida dela.

– A qual Clã ela pertencia? – indagou ela sem desviar os

olhos do diário.

– Nem sei como funciona isso...

– Um Clã de Bruxos... Ah, nunca ouviu falar? Pelo que entendo, é o Clã de onde vem a descendência dela... Deve estar em algum lugar...

Ela procurou e acabou encontrando logo atrás do envelope as iniciais C.O.

– E o que significa C.O.?

– Já vi estas iniciais antes... Lembro-me de tê-la visto usando uma roupa com isso...

– E ela mencionou o que significava?

– Ah, eu nunca reparei muito nessas coisas... – ele lembrou-se de algo – Tem uma coisa que pode nos ser útil. – sorriu e tirou do banco de trás um laptop.

– Não acredito que você tem um dentro do carro...

– Eu não tenho dentro do carro, mas antes de sair, lembrei que poderia precisar dele.

Isabel ligou-o e acessou uma página de busca. Digitou C.O. Apareceram um monte de palavras chaves, mas em apenas uma delas apareceu aquilo que eles precisavam.

“(...) Somente para quem acredita... O Clã C.O. está... Durante o solstício de inverno...”

Sem nem pensar, Isabel clicou neste item. Logo apareceram letras embaralhadas que formaram um texto rapidamente.

– Acho que encontrei o que procurávamos.

“Cem anos de Magia Universal.

Há tempos em que a magia existe, desde a Antiguidade até os tempos modernos no qual vivenciamos hoje. As relações de energia, que se comunicam com o homem por meio do próprio Universo, são as mais simples, porque vão desde um lindo nascer do sol até uma grande tempestade com raios e trovões. Apesar disso tudo, estamos com um elo Divino: nunca é tarde para encontrá-lo. É Ele quem está ao nosso redor tentando nos impor limites ao mesmo tempo em que nos deixa livres. Muitos se perguntam se o nosso Deus é o mesmo que habita em todas as religiões que existem, talvez seja, mas com rostos e costumes diferentes.

Iremos nos aprofundar um pouco em um Clã muito famoso. Chamado de C.O., criado em 17 de outubro de 1909 pelo bruxo Marcos Ramon, esse Clã compreende cerca de dois mil bruxos e bruxas. O Clã Centurião de Órion é famoso por realizar seus rituais de magia no solstício de inverno.(...)”

– Miguel!!! – disse entusiasmada – Agora essas coisas estão

fazendo algum sentido...

– Procure ali... Sobre C.O., e se possuem alguma rivalidade...

Ela fez mais uma busca na web. Logo abaixo apareceram uma série de itens, e de novo, uma lhe chamou a atenção.

“(...) mistérios que envolvem a cerca de... O C.O., convive com um problema de anos... A seita está ligada a um Mago poderoso (...)”

Isabel clicou e abriu uma página que trazia o seguinte texto:

“A C.O. existe há cem anos, mas convive com uma relação de mistérios que envolvem uma seita secreta, a mesma que utilizou de adornos de animais e seres humanos vivos para uma experiência mortal. Pelo motivo do C.O. querer proteger a magia, enfrentou um sério conflito com a Seita Arco da Libélula, e até os nossos tempos, convive com um problema de anos que parece que não terá fim, mas pelo que se sabe, a seita está ligada a um Mago poderoso, cuja a própria identidade ainda é misteriosa.”

Isabel respirou pela primeira vez.

– E então?

– Precisamos chegar logo onde eu quero.

– Você não ouviu o que eu disse???

– Eu acho que você também não ouviu o que eu disse!!!

Ele acelerou ainda mais. O resto do caminho foi percorrido em silêncio. Já estavam próximos de chegar ao lugar misterioso, o qual Miguel queria lhe mostrar.

Chegaram a um pequeno monte, onde só existia uma simples estrada de chão, e ele seguiu nessa direção. Árvores e mais árvores foram surgindo. Um vento frio corria pelo lugar.

– Para onde estamos indo?

– Você já vai ver. – sorriu.

Ele deu mais uma volta e agora passava por cima de pedras. De repente, parou.

– Desça. – disse ao sair do carro.

Isabel saiu, e pôde ver o que ele queria lhe mostrar. O cenário era deserto, uma espécie de montanha, e lá embaixo havia um lago.

– Pelo que meu pai me disse, creio que este é o lago onde os corpos foram jogados... Agora tudo não passa de lenda... O que sei é que, provavelmente foi este o lugar escolhido pelo Mago para a construção do próprio templo, divulgando a sua magia.

– Miguel, você está querendo dizer que existe um templo

aqui?

– Um templo não seria o termo mais apropriado. – eles começaram a andar em meio a relva e chegaram diante de uma cortina de árvores, as quais ele afastou e viram uma muralha de pedras. – Acho que já a encontramos.

– Ali só há uma muralha.

– De pedras. Mas, pelo que sei, é esse o principal ponto de uma construção antiga.

– Com cem anos. – sorriu.

– Então, estamos no lugar certo.

Eles passaram pela cortina de árvores e ficaram diante da muralha. Miguel começou a contorná-las a fim de descobrir uma passagem. Isabel estava assustada com os pios das corujas, e procurava não ficar afastada dele.

Ele se ajoelhou no chão, procurando alguma arapuca. Não encontrou nada. O lugar estava livre de armadilhas, poderiam andar livremente. Decidiu ir mais além. Resolveu explorar o lado mais sombrio da muralha e se deparou com uma cortina de seda pendurada na parede.

– Isabel!!! – disse em voz baixa – Venha até aqui...

Quando ela se aproximou, ele indicou a cortina.

– Vamos puxar? Acho que a porta deve estar atrás dela.

– E se houver alguém ali dentro?

– Daí nós corremos...

Ao dizer isso, ele puxou a cortina e se deparou com uma porta de ferro. Estava trancada e não havia fechadura.

– Acho que posso abrir.

– Como?

Ela retirou do interior do blazer a varinha de Daiane. Miguel a fitou, surpreso.

– Como acha que isso resolve o nosso problema?

– Assim. – ela apontou a varinha em direção à porta e um estalo fez com que ela se abrisse.

Era inacreditável.

– Isso é assustador... – disse ele entrando em um jardim deserto onde estava uma espécie de capela.

A capela era uma construção antiga, feita de pedras brancas, mas ao contrário de muitas, não exibia crucifixo. Miguel se aproximou da porta de madeira e tentou encontrar uma fresta.

Ela continuou contemplando aquele cenário. Miguel virou-se para ela.

– Que tal você usar a varinha aqui?

– Eu acho que isso...

Miguel havia arrancado a varinha das mãos dela, mas no momento em que apontou para a capela, ela não funcionou.

- O que está acontecendo?
- Há duas explicações, ela estragou de repente ou ela só obedece a uma pessoa.
- Fico com a primeira opção.
- Pois eu fico com a segunda. – disse tomando a varinha dele e apontando para a porta.

A porta soltou um leve rangido quando se abriu. O cheiro de mofo circundou o ar.

O MAGO

A noite estava acesa e ele sabia que ninguém o perturbaria naquele lugar. Sabia também que Miguel e Isabel insistiam na tola ideia de quebrar os sete Portais. O que eles não sabiam era que ele tinha tudo sob controle. Só ele sabia a função do Portal.

Olhou para a parede. Seu espelho mestre estava pendurado e refletia escuridão. Não havia nada de importante ocorrendo no Portal, exceto o fato de que o primeiro já havia sido quebrado.

Teve um mal pressentimento. Acreditava que alguém estivesse no seu esconderijo, somente ele e seus seguidores sabiam como chegar lá...

Levantou-se e foi até a janela. A noite estava densa e ele, cansado. Mas, e se o Portal estivesse em risco? Se aqueles dois conseguissem entrar na capela e chegar a alguma conclusão?

Alguém bateu na porta. Àquela hora, só poderia ser quem ele já estava esperando.

– Entre, Gerônimo.

Um rapaz encapuzado, vestindo botas de borrachas, uma calça surrada e um casacão, ficou diante dele como se esperasse uma esmola.

– Enfim, você veio!!!

– Às suas ordens, senhor...

– Acredito que o nosso esconderijo foi descoberto.

– Por quem???

– Miguel Castilho... e Isabel Oliveira.

Ele assentiu rapidamente com a cabeça.

– Preciso que vá atrás deles e os impeça de continuar com essa loucura...

O rapaz saiu apressadamente seguir a ordem. O Mago lhe confiaria todos os segredos do Universo se fosse preciso. Sabia que no fim teria uma grande recompensa.

Enquanto o rapaz se afastava, ele se lembrou do espelho quebrado no Museu. Ainda lhe restavam seis Portais.

Olhou para seu braço... A marca ainda estava gravada nele, o sinônimo de sua morte ou da sua liberdade.

DOIS LEÕES

Cautelosamente, eles entraram na capela. Apesar de a parte externa estar seriamente danificada, o seu interior era levemente restaurado com mãos de tinta e com improvisos. Era uma capela comum. O corredor estreito possuía um tapete escuro feito à mão com a sigla A.L. Isabel se surpreendeu.

– De novo a sigla...

– Acredito que ela seja importante já que está no tapete da capela, não?

Isabel olhou para o teto. Mal dava para ver o que estava escrito. Ela ergueu a lanterna para ver se via melhor. Eram letras douradas.

SUED A ECNETREQ SNEMOH SOB AMLA A

Miguel se aproximou para ver. Estava espantado e ao mesmo tempo confuso.

– O que deve ser isso?

– Alguma mensagem da seita. – disse Miguel olhando fixamente – Mas não me parece estranha.

– Está em outro idioma?

– Talvez. Mas quem o faria não seria tão esperto...

– O quê? Você acha que alguém é dono da capela?

– Com certeza, e é o Mago. Além disso, já deve saber que estamos aqui...

Ouviram um barulho se aproximando.

– Tem alguém vindo, vamos!!!

Ambos saíram da capela e fecharam a porta. Agora estavam sós e do lado de fora. Mas havia alguma coisa errada...

Dois leões enormes entraram dentro do pátio. E eles estavam diante da porta de saída.

– Não... se... mexa.. – sussurrou Miguel.

– Nem se eu quisesse...

Os leões se aproximaram, bem devagar, mostrando os dentes.

– Eu não quero virar comida deles...

Miguel teve uma ideia, mas precisava da ajuda dela.

– Aqui no chão tem uma vara grossa, posso assustá-los com isso enquanto você lança um feitiço neles...

– Miguel!!! – guinchou – Não posso fazer isso!!!

– Quando eu disser três... Um...Dois...Três!!! – e sem pensar, agachou e pegou a vara, correndo até a outra extremidade do portão de saída – Agora!!!

Ela estava trêmula e com a varinha na mão. Não sabia o que fazer. Os leões o matariam se ela continuasse parada. Foi então que apontou a varinha.

– Faça alguma coisa!!!

Isabel, tremendo dos pés à cabeça, balançou a varinha

desesperada e dela saiu um terceiro leão, ainda maior.

Miguel arregalou os olhos, ainda não acreditando no que via.

– O que você está fazendo???

– Não sei o que está acontecendo!!!

– Pense em qualquer outra coisa!!!

Um dos leões avançava na direção de Miguel e ao tentar se esquivar, acabou causando um ferimento em sua própria perna.

Isabel, ainda muito nervosa, fez com que um jato de fogo saísse da varinha. Os dois leões começaram a arder em chamas, enquanto o terceiro leão desapareceu no ar em forma de fumaça.

Miguel caiu no chão, levemente ferido. Isabel foi ao seu encontro, enquanto os dois leões corriam em desespero pelo portão afora, deixando um rastro de fumaça logo atrás.

– Você está bem? – indagou se ajoelhando ao seu lado.

– Foi só um arranhão. Vamos sair daqui...

Assim que Miguel se ergueu, ambos se dirigiram até o portão, mas alguém apareceu diante deles.

– Aonde vão, crianças?

Miguel ficou surpreso.

Os olhos do rapaz começaram a se revirar, e Miguel pegou

a mão de Isabel correndo em direção à capela. Estavam ofegantes. O rapaz estava distante, e uma onda de energia o rodeava.

– O que ele está fazendo???

– Eu não sei, mas nem quero descobrir...

Gerônimo se aproximava. Isabel estava nervosa e ele sentia a mão dela transpirar.

– Temos que voltar.

– Voltar? Pra onde?

– Para trás. A capela. Estamos na porta... passe a varinha por trás e abra.

– Não consigo fazer isso....

Miguel a empurrou.

Os dois estavam escorados na porta e caíram no momento em que ela se abriu. Gerônimo se aproximava e atirou um jato de luz que foi até o teto da capela e derrubou pedras. Miguel conseguiu puxar a mão de Isabel antes que uma pedra caísse em cima dela. Começaram a correr para o interior da capela e o rapaz os seguia atrás, ainda com os olhos revirados parecendo um zumbi. Miguel correu por um lado, enquanto Isabel foi para outro. Ele se escondeu atrás de um dos bancos, e ela se encaminhou para o altar. Um feitiço passou perto da sua cabeça obrigando-a a ficar agachada. Escondida atrás de um pilar, ela ligou o celular e rapidamente tirou uma foto do

teto onde estava aquela misteriosa frase. Voltou a desligar o aparelho e o guardou no bolso, exatamente no instante em que o rapaz se aproximava de Miguel, ela usou a varinha.

Um jato de força paralisou Gerônimo, que ainda tinha a mão apertando a garganta de Miguel. Seus olhos delirantes se voltaram para ela. Um silêncio estranho ecoou.

– O que você fez?

A mão que ainda segurava a garganta de Miguel começou aos poucos a se tornar cinzenta.

Miguel conseguiu se levantar e ir até Isabel. Desta vez, foi ela quem tomou a mão dele, em direção à saída da capela.

Antes que fossem para o carro, ela se deparou com o penhasco e viu lá embaixo a água cristalina do lago. Seus olhos fixaram-se naquele lugar. A voz dele a trouxe de volta.

– Foi exatamente aqui que ele pisou quando construiu os sete Portais.

Apesar de tudo, aquele lugar era maravilhoso.

– Vamos!!! – chamou ocupando a vaga de motorista – Antes que ele volte.

O TÚMULO DE DAIANE

Miguel pisou com mais força no acelerador, enquanto ela continuava com o pensamento naquele penhasco. Perguntas estranhas passavam em sua mente. O que o Mago pretende fazer com os Portais? Qual o motivo da rivalidade do Arco da

Libélula e o Centurião de Órion?

– Temos que ir mais afundo nesta história.

– O que disse? – indagou ao voltar à realidade.

– Está na hora de arriscar mais...

– Como assim? Estamos na pista certa, não estamos?

– Podemos estar certos, mas devo descobrir o que há por trás de Daiane.

– Você não a conheceu o suficiente o tempo em que estiveram juntos?

Ele ficou em silêncio, e ela percebeu que a resposta era negativa.

– Mas, ela disse que isso está ligado ao seu e ao sangue dela...

– Você acha mesmo que o Mago reviraria o mundo todo para ir atrás de um homem cujo filho tem sangue mágico? Quantas pessoas têm isso por aí?

– Então, a única resposta para isso é que o Mago tem um motivo maior para ter criado os Portais...

Um longo silêncio irrompeu entre eles.

– E para onde estamos indo?

– Quero lhe mostrar o túmulo de Daiane.

22h48min. Miguel já estava aparentando o cansaço nos olhos. Isabel sentiu um pouco de sono.

– E onde é o cemitério?

– Não há cemitério. Ela pediu para ser enterrada perto de uma gruta.

– Interessante...

– Foi difícil, mas consegui realizar a última vontade dela.

– Você a ama muito.

– Eu a amava. – corrigiu.

– Dizem que o amor é eterno e você me diz que a amava?

– Sim, ela morreu. O que posso amar dela é só a lembrança. Na carta ela pediu para que eu seguisse a minha vida, não? Ela está presente em todas as memórias porque foi parte de minha vida, mas isso não me impede de viver sem ela.

Eles voltaram a ficar em silêncio por alguns instantes.

– E você? Sente alguma coisa pelo Bruno? – indagou girando o volante à direita.

Isabel estranhou aquela pergunta. Muitas vezes já havia pensado nisso, mas sabia que...

– Temos que separar os sentimentos. Quando eu me apaixonei por Bruno, estávamos subindo na vida social, eu estava encantada. Mas quando essa magia acabou, eu quase me arrependi, só não o fiz porque Angelina mudou minha vida.

– Interessante, mas você não respondeu à minha pergunta.

Gosta ou não?

– Eu não gosto dele do mesmo modo de quando éramos casados, se é isso o que quer saber. E tenho que conviver com o fato dele ser o pai de minha filha.

Ele girou o volante mais uma vez e parou. Eles desceram.

O cenário era nebuloso, o ar era frio e a noite mais longa que já haviam visto se mesclavam em um único desejo de conhecimento. Precisavam descobrir o que quer que fosse no menor tempo possível.

Começaram a andar em direção a um bosque. O que mais assustava era o pio das corujas escondidas entre as copas das árvores. Um guaxinim passou correndo perto das pernas de Isabel e ela emitiu um grito. Miguel riu dela.

– Ficou com medo do guaxinim? Não foi ele quem saiu correndo?

Se aproximaram de um monte de pedras, a luz da lanterna indicava neblina.

– Estamos chegando...

Deram mais alguns passos e pararam diante de uma lápide branca. Atrás estava a gruta.

– Esta é a lápide.

Isabel passou a lanterna pelas letras que estavam escritas ali.

PRECISO VOLTAR • ORIGEM, ENCONTRAR MEUS OLHOS,

INTERPRETAR MINHA ALMA E DEIXAR MINHAS MEMRIAS, PARA QUE A
MAGIA SE QUEBRE ANTES QUE A NOITE SE ACABE

– Há algo errado...

– Como pode estar errado? Era essa frase que ela quis colocar na lápide!!!

– A frase está correta. – sorriu – É como se fosse um enigma...

– Como assim?

– Releia com atenção. – pediu.

Miguel leu a frase algumas vezes. Depois olhou fixo para ela.

– Será que...?

Eles foram para o carro, e lá, Miguel apanhou o diário. Olhou-o fixamente antes de encontrar o lacre.

– Não há como abrir.

Só então percebeu que o lacre abria com uma ponta levemente fina e que por acaso era uma das extremidades da varinha mágica.

Não sentia vontade de ler sobre a vida pessoal de alguém, ainda mais se tratando de Daiane.

Quando abriu, foi surpreendido. Não era um diário, mas sim uma espécie de bloco de anotações. Havia frases suspensas.

O Alfa Líder manda neles. Ele os comanda e seu nome é A.L.(1877). Eclipse. Dôminus. O Marco da Origem.

Isabel lançou um olhar no diário. Seu dedo indicador passou por uma linha estranha.

Sua luz é brilhante como um objeto recém-descoberto nas profundezas da Terra.

– Ela parece estar se referindo a um...

– Brilhante... – ponderou Isabel – Brilha, um cristal bruto... É isso!!! Cristal bruto!!!

– Um objeto de cristal? Para que serviria?

– Pode estar relacionado ao que o Portal abre caminho. Olhe isso... – seu dedo apontou para baixo, em uma observação.

Obs: S. A. esconde tumulto da Lorde Alfa Líder.

Ela correu para o laptop. Fez uma referência a Alfa Líder.

– Miguel, aqui diz que ele é o termo que designa o senhor de uma seita de gerações. Uma seita que usa isso é a A.L.

– O que significa A.L.?

Ela digitou as letras e apareceram várias cifras:

– Armada liberal... Asa Linear.... Alfabeto....

– Experimente colocar a palavra seita, na frente.

– Aqui... – ela teclou Enter – Arco da Libélula... E tem mais....

Alfa Líder....

A última era a mais inusitada.

– É um nome, Alan Lorde...

– Espere!!! – ele tornou a consultar o caderninho e viu a frase – Daiane nos diz que a S.A. esconde o túmulo do Lorde... Ele é Alan Lorde... o Alfa Líder.... Deve ter sido quem fundou a seita... Então, qual a relação que isso tem com o pêndulo?

– E o que é S.A.?

– S.A. deve ser o local...

Ela digitou a sigla e apareceram apenas duas palavras.

– Olhe aqui, Miguel. – ela indicou o monitor – *Não existem informações registradas.*

– Seria fácil demais encontrar informações na Internet... Preciso ir para casa...

– Vamos voltar?

Isabel fez outra busca. Desta vez pela palavra-chave Alan Lorde.

O texto que apareceu era um trecho de um dos primeiros livros criados pela seita e se chamava Dôminus. O texto fazia referência à página 13 do livro.

“(…) A verdadeira essência da vida está na magia de vivê-la, assim como a Alma dos homens pertence a Deus. – este era o lema de Alan Lorde, um dos mais jovens feiticeiros conhecidos. Nascido em 1953, ao dia 31 de outubro, filho de Marise Bohan e João Da Corte, ambos sem parte com magia. Alan cresceu e encontrou na magia tudo aquilo que precisava. Ouviu boatos que haviam fundado um Clã de Bruxos, e sem pensar duas vezes encontrou-se com Marcos Ramón, o mestre do Clã, na esperança de mostrar a ele seu talento. O nome do Clã era C.O. – Clã Cinturão de Órion. Alan foi aceito demonstrando aos demais suas poucas habilidades em feitiços, porém Marcos fica receoso pelo fato do menino não ter sido apresentado à magia desde a infância, enquanto os demais já eram iniciados. Apesar disso, o menino criou um livro com seus próprios feitiços que havia sido encantado para ser invisível aos olhos das pessoas, porém Marcos acreditando que o livro se tratava de magia das trevas, obrigou-o a revelar tudo o que estava escrito, e como ele se negou a fazê-lo, o mestre lhe expulsou do Clã. Sendo assim, Alan fundou sua própria seita, lhe nomeando de A.L. – ao que atribuía o significado de Arco da Libélula, e também seu próprio nome Alan Lorde, e um título de Alfa Líder.

– Lembra-se da carta de Daiane? Ela pediu que decifrássemos o termo A.L. Chegamos à conclusão com três significados: Arco da Libélula, Alfa Líder e Alan Lorde.

O monitor do laptop exibia 23h20min. Dentro de quinze minutos estariam na casa de Miguel. Quando ele estacionou na garagem do apartamento, Isabel destrancou a porta e o telefone começou a tocar.

– Alô? – atendeu Miguel.

– Preciso falar com Isabel Oliveira. – disse uma voz masculina.

– Quem é?

– Passe para ela, por favor. – insistiu.

Mesmo contrariado, ele passou o telefone a ela.

– Isabel? – disse a voz conhecida.

– Sim?

Miguel percebeu que ela ficou pálida.

– Já imaginava... – desdenhou.

– Só para lembrar que não vai adiantar fugir de mim. Quanto mais você fizer isso, mas terei vontade de descobrir o que está me escondendo...

– Que pena... Não estou escondendo nada de você!!!

– Então por que está fugindo de mim???

– Não lhe devo satisfações!!!

– Você está certa. – disse em tom ameaçador – É por isso que vou me casar, ganhar a guarda de Angelina e mandá-la estudar na França...

– Bruno... Ela é apenas uma criança!!! Pare com isso!!!

– A filha também é minha, tenho o direito de escolher o que é melhor para ela.

Isabel engoliu a vontade de chorar. Ele percebeu o silêncio dela.

– Onde está Angelina???

– Ela... Não está comigo... Ela sumiu...

– Sumiu? Como simplesmente uma criança desaparece, hein, Isabel? – seu tom era grosseiro – Ao menos, registrou o desaparecimento?

– Não... Quero a polícia fora disso...

– O quê??? Você está querendo que ninguém a encontre??? Quer saber, chega... Você já perdeu o direito de ficar com Angelina. – e desligou.

Miguel percebeu que ela estava sem fala e que procurava evitar as lágrimas, foi então que tentou ampará-la.

– Eu vou perdê-la, Miguel...

– Não vai... – ele segurou seus ombros – Ele só quer lhe assustar...

Ela o abraçou, estava cansada demais. Não sabia mais o que fazer naquele momento. Só pensava em sua filha, no destino que a esperava quando saísse do Portal...

– Temos que encontrar o segundo Portal!!!

O SEGUNDO PORTAL

– Devíamos ter pensado nisso lá na capela. – resmungou ele.

– É isso!!!

– O quê?

– A capela, Miguel.

– Não entendi...

– *“Do Alto posso ouvir uma música cristã.”* O que isso lhe lembra?

– Uma igreja.

– Exatamente. A pista do Portal nos leva a uma Igreja. Agora precisamos saber qual delas.

– Mas antes temos que encontrar a chave.

Miguel se pôs a pensar. No primeiro Portal a senha estava curiosamente no local do acidente de Pedrinho, no Museu. A chave estava dentro da armação do espelho. E com ela estava a pista que levava ao segundo Portal, a segunda senha.

– Mas e a Angelina? Tenho medo que ela não consiga...

– Terá que confiar em sua filha, ela pode ser uma criança, mas compreende o mundo melhor do que nós.

Angelina estava em pé, embaixo da sombra de uma grande

árvore. Estava cansada de tanto correr. Conseguira passar pelo segundo Portal, mas não tinha noção se poderia existir o terceiro. Olhou ao seu redor. O céu estava claro, o sol brilhava, crianças invisíveis se confundiam em uma névoa. Viu um pequeno vulto atrás de um monte de pedras. Assustou-se. Começou a andar. Sentia que era seguida por olhos atentos. Seu coração bateu acelerado.

Por que ela tinha que estar ali? Queria estar em casa, tocando piano... Brincando de boneca.... Estudando flauta.... Dormindo em sua cama... Abraçando sua mãe...

Não tinha mais a mesma alegria de quando estava do lado de fora. Desde que havia sido sugada para dentro do Portal, ela sentia medo de tudo à sua volta.

– Tenho que sair daqui.

Queria encontrar uma passagem que a levasse ao terceiro Portal. Mas onde? Não sabia onde estava, nem quanto tempo fazia, mas teria que continuar. Estava muito cansada, mas lembrou-se que sempre a elogiavam por ser uma garota muito inteligente para sua idade.

Conforme andava, a paisagem se modificava. Árvores de copas altas se erguiam diante de seus olhos. Longe, bem lá no fundo, estava um enorme arco do outro lado da margem do rio. Aquele era o terceiro Portal. Só tinha que atravessar o rio. Correu até lá. Na margem havia um barquinho, que parecia

esperar por ela. Começou a movimentar os pequenos remos. Poderia conseguir sair dali. Sua mãe ficaria orgulhosa se soubesse.

O Mago já esperava por isso. Com certeza, pensou ele, aqueles dois estavam tramando alguma coisa. Onde ele estava com a cabeça quando mandou aquele imprestável do Gerônio dar uma lição neles? Teria que agir sozinho, sem que ninguém percebesse o que poderia vir a acontecer dentro de 24 horas. Sentia o anel em seu dedo fincar-lhe cada vez mais em sua carne, enquanto a marca em seu braço formigava constantemente.

Olhou para o pêndulo em cima da mesa. Claro, Miguel já devia ter descoberto que o pêndulo existia. O que o consolava era que, de fato, mesmo sabendo disso, ele não sabia onde o pêndulo estava e para que servia. Ainda assim, tinha que tomar todo o cuidado para não deixar pistas do seu plano. O que o impedia eram as pistas no Diário de Daiane, aquela bruxa que mesmo depois de morta deixava seus rastros para arruinar a A.L.

Não poderia ficar ali, parado como um incompetente. Olhou para o anel da seita que estava em seu dedo indicador. Um grande arco rodeando uma libélula, em diamante bruto. Ele era o único que havia chegado ao nível de Mago, e este era o grau mais elevado da seita. Os outros seguidores tinham

anéis banhados em ouro e prata, e eram considerados os Místicos. A cadeira superior da seita era ocupada por Alan Lorde, o homem que havia fundado a seita.

– Tenho que agir por mim mesmo e pela seita. Esse bando não vai a lugar algum sem mim.

Ele se levantou e foi até a janela. O céu estava estrelado, era noite de lua cheia. Esboçou um sorriso. De qualquer maneira, não haveria mais volta, cabia a ele desviar uma solução.

– Não podemos perder tempo. – disse Miguel olhando pela janela.

– São 23h00min. Podíamos dormir um pouco?

– E se Angelina morrer nesse meio tempo?

– Tudo bem. – levantou-se – Você tem razão. Vamos começar pela igreja... *Do Alto posso ouvir...* E que tenha uma torre...

– Todas tem uma torre.

– A torre mais alta.

– A igreja evangélica?

– Tem que ser essa...

Miguel pegou a chave do carro, e dentro do veículo ainda eram visíveis as estrelas no céu. Ele parou para encher o tanque de gasolina.

Isabel estava imersa em pensamentos... E em um breve instante a imagem de Angelina lhe veio em mente. Estava remando em um rio em um lugar muito bonito.

– Estamos quase lá. – disse Miguel, já dirigindo em velocidade.

– Onde? Desculpe, acho que cochilei....

– Não duvido... É quase onze e quinze.

– Como vamos entrar na igreja a essa hora? – observou ela, esfregando os olhos.

– Vamos encontrar uma maneira.

–A igreja não é como o Museu.

– Eu sei. Alguém deve ter a chave da igreja... O pastor...

– Com toda a certeza... Ele deve morar aqui perto...

Isabel estava em dúvida sobre qual lado da igreja que ele morava.

Foi então que um senhor passou pela rua e ela perguntou a ele.

– É na casa da esquerda. Mas ele deve estar dormindo...

Os dois saíram correndo, rumo à casa do pastor. Todas as luzes estavam apagadas.

– Vamos ter que acordá-lo... – ele bateu na porta.

Bateu mais uma vez. Nem sinal. Bateu mais forte. Dessa vez, ouviram passos. Eles se aproximavam.

– Mas que diabos...?! – disse ao abrir a porta.

– Pastor???

– O que fazem aqui a essa hora?

– Precisamos da chave da igreja.

– A chave da igreja... – repetiu quando encontrou a realidade – Para quê?

– Bem, é que... Precisamos entrar lá. – disse Isabel.

–Pode confiar em nós. Só precisamos fazer uma coisinha urgente lá.

– Por que não vieram antes???

– Nos perdoe por isso, mas é um caso de vida ou morte!!!

O pastor passou a mão pelo cabelo negro. Pensou um pouco.

– Vocês tem quinze minutos.

– Tudo bem. – eles acreditavam que precisassem de mais tempo – A chave?

Ele entrou e voltou com uma chave meio grande.

No minuto seguinte, ambos correram em direção à igreja a apenas alguns passos de distância. Isabel entrou lá, pela última vez, quando tinha dezesseis anos. Quase uma década que não frequentava mais aquele lugar. Começaram a subir ao andar de cima onde estava a torre. Deveria ser lá.

Miguel acendeu as luzes do corredor. A parede branca era

comum a toda a igreja. Havia uma escada no corredor, toda feita de madeira. Isabel subiu apressadamente as escadas e deu de cara com uma porta de carvalho marrom. Os passos de Miguel ecoavam atrás dela. Parou, com a mão na maçaneta, com medo do que encontraria lá dentro.

– Está trancada. – disse sem nem tocá-la.

– Você nem encostou nela...

– Seria fácil demais, não acha?

Miguel tateou um monte de plantas que se espalhavam pelo corredor. Havia uma espécie de arbusto, na qual ele suspeitou que estivesse contida ali a chave.

– O que está fazendo parado aí?

– Procurando a chave...

– Esqueça...

– Achei!!! – disse ele retirando do fundo do vaso uma chave semelhante à da igreja.

Ele se aproximou e abriu a porta. Estava escuro lá dentro. Miguel acenderia as luzes, mas ela o impediu. Usou a lanterna.

– Quanto tempo ainda temos?

– Mais ou menos oito minutos. – disse consultando o relógio de pulso.

A torre era uma espécie de cubículo. As paredes eram

brancas, havia um castiçal em cima de uma mesinha de carvalho escuro, uma corda que deveria puxar o sino que estava preso lá no alto e uma cortina de seda a um canto extremo da sala.

– Está lá. – disse Isabel se aproximando e ao retirar a cortina – Não está aqui!!!

Havia uma espécie de quadro escuro que deveria servir para dar aulas de catequese para os alunos. Miguel se aproximou, rindo-se dela.

– Você não devia deixar se enganar tão facilmente. – ele retirou o quadro e atrás dele estava a porta de um cofre.

– O quê? A igreja tem um cofre?

– Não é exatamente o que parece.

Miguel forçou a fechadura e rompeu o lacre, abrindo a portinhola do cofre, revelando um espelho quase enferrujado.

– Aqui está!!!

– Temos cinco minutos. – ela se ajoelhou diante do espelho –Angelina...

Faltava muito pouco para ela alcançar a outra margem do rio e chegar até o terceiro Portal. Precisava fazer isso logo, sabia que aquele cenário lindo ficaria escuro e tudo acabaria. Ouviu a voz de alguém chamando ao longe. Era sua mãe, ela sabia. Tentou responder, mas sua voz não saía. Ficou aflita.

Continuou remando, faltava muito pouco. Chegou até a outra margem e deixou o barco à deriva. Olhou para trás. Uma forte nuvem escura. Tinha que chegar ao alto e atravessar o Portal.

Isabel tateou atrás do espelho e encontrou a entrada da chave, mas não estava ali. Encarou Miguel com desespero.

– Onde está a chave???

– Não está aí? Leia de novo a senha!!!

– *“Do Alto posso ouvir uma música cristã.”* Está se referindo à torre... A palavra alto está com letra maiúscula, então isso quer dizer que não é à torre que ela se refere, mas sim ao altar da igreja. – decifrou ela – Lá embaixo, em algum lugar do altar, rápido!!!

Miguel correu e quase tropeçou na escadaria. Vasculhou todo o altar. Olhou dentro da mesa, nas flores... Em tudo o que se lembrou.... Não havia nada. Lembrou-se da frase e repetiu-a várias vezes em sua mente, até que compreendeu.

– *“Do Alto posso ouvir uma música cristã.”* – ele olhou para cima – O crucifixo...

Sem pensar, ele se aproximou do crucifixo. Começou a tatear perto dele a fim de encontrar alguma coisa que estivesse escondida por ali. Decepcionado, percorreu com as mãos toda a extremidade do objeto e descobriu alguma coisa.

Era verdade. Havia uma superfície lisa e estava presa embaixo da cruz. Miguel se arriscou em puxar levemente para que ela se soltasse, mas isso não aconteceu. Tentou novamente, mas ela escorregou de suas mãos. Ficou irritado. Faltavam menos de cinco minutos, e foi então que teve uma ideia. Tentou desprender o pesado crucifixo da parede para tentar puxar a chave que parecia estar presa nela. Mal pôde mexer nele, era muito pesado, mas no que conseguiu movê-lo levemente, a chave pareceu romper contra ele e se soltar da parede. Miguel sorriu aliviado quando a tocou com seus dedos. Havia o símbolo da A.L. Assim como o Mago espalhou os Portais, pensou Miguel, da mesma forma fez com as chaves.

Subiu as escadas correndo. Isabel estava diante do espelho na mesma posição que havia visto pela última vez.

– Consegui.

– Então, não perca seu tempo!!! Coloque no espelho...

– Mas, e se Angelina estiver lá? – disse ofegante.

– Ela já teve tempo suficiente... – e se aproximou para colocar a chave na abertura.

Ao longe, ela viu o barco à deriva. Estava bem próxima do Portal. A energia que aquele espelho emanava era surpreendente. Sentiu medo. O que poderia esperar do outro lado?

Caminhando entre as pedras, ela seguiu em direção àquela luz. Olhou para trás, pela última vez. A grande nuvem havia se transformado em uma tempestade e estava vindo na direção dela. Começou a correr, o vento forte quase a puxava de volta, mas ela continuou segurando até que conseguiu se jogar para dentro do Portal, no exato momento em que seria puxada para dentro do vazio.

Sentou-se. Desta vez, estava diante de um penhasco, cheio de pedras e ao longe, ela via o mar. Foi andando até perto da beira do mar, a areia em seus pés, e o vento leve, fizeram com que ela adormecesse no chão.

Assim que encostou a chave no espelho, uma enorme onda de luz pérola circundou sua borda, e um estalo ocorreu quando o espelho se quebrou. Isabel começou a chorar, quase em desespero. Suas lágrimas tinham o gosto amargo do suspense.

– Está tudo bem. – aproximou-se Miguel segurando seus ombros –Angelina está viva.

– Como sabe???

– Ela é corajosa. Vamos, levante-se.

Quando ela se levantou, deu-se conta de que haviam quebrado o segundo Portal. Antes de saírem da sala, Isabel lançou um último olhar à torre. Quando fecharia a porta,

percebeu que precisavam da senha do terceiro Portal. Voltou correndo.

– Isabel, o que há?

– A senha, Miguel, precisamos da senha!!!

Ele sorriu e ela o encarou, zangada.

– Essa aqui? – indagou mostrando um pedaço de pergaminho.

Isabel sorriu, parecendo mais aliviada.

Saíram da igreja antes do esperado. Foram até a casa do pastor, que os esperava, ansioso. Agradeceram e entraram no carro.

– Para onde vamos?

– Descansar um pouco. Vamos dormir aqui mesmo...

– Tudo bem... E qual é a senha?

Miguel lhe entregou o papel para que ela mesma pudesse ter noção.

Posso desvendar todos os mistérios se souber onde procurar.

– É bem simples.

– Você já sabe o que é?

Miguel voltou a rir.

– Você também não sabe, não é?

PORTAL III

O SEGREDO

“A sabedoria é o escudo daqueles que sabem que nem tudo se explica.”

A BIBLIOTECA

Eram 05h22min. Miguel acabara de acordar com os ombros doloridos. Olhou para Isabel ao seu lado. Ela parecia uma criança que encontrava no mundo dos sonhos a felicidade. Por algum tempo ficou observando-a dormir. Os cabelos ondulados lhe percorriam o pescoço invadindo seu blazer escuro que estava aberto. Era verdade, sua mãe mais uma vez havia dito uma coisa certa. Isabel era mesmo encantadora, principalmente enquanto dormia. Ela se remexeu e abriu os olhos lentamente. Para não ser pego a observando, Miguel apertou o botão do rádio, que exibiu a hora, eram 05h24min.

– Onde estamos?

– Fora da cidade. – disse ao tentar espantar o cansaço.

– Há quanto tempo está acordado?

– Acabei de acordar...

Ele se aproximou do banco traseiro e pegou o laptop, colocando-o em sua frente. Ligou-o e digitou um site de pesquisa, fazendo uma busca sobre o livro sagrado da seita.

Ficou impressionado com o que encontrou.

De acordo com o livro sagrado Dôminus, a ressurreição pode acontecer caso um ser humano possua um potencial de energia ativa, ou seja, desde que ele seja capaz de canalizar a energia pura do Universo para ele mesmo. Contudo, o ser

humano que for capaz de tal poder para ressuscitar será imortal. A seita desafiou toda a Ciência e todos os credos em busca de uma experiência. São senhores de má-fé, como caracterizou o mestre Marcos Ramón em seu livro De volta à Origem. Evidentemente, ainda não se pode acreditar que tal ato seja possível, uma vez que a seita afirma que vai acontecer na noite de 13 de junho a ressurreição de A.L.

– O que foi, Miguel?

– Isso é uma brincadeira, olhe isso.

Isabel ficou impressionada com o que leu. A.L. era simplesmente genial.

– Você acha que do mesmo modo que os Portais foram criados, esse ritual pode ser realizado? – ele digitou mais algumas palavras.

Página da web não encontrada

– Então, para saber como esse ritual é realizado, temos que encontrar o livro?

– Talvez, mas o Mago foi esperto. Ele deixou claro que não quer mais ser uma seita secreta, ele simplesmente quer que o mundo o conheça. Ele sabe que se esse ritual funcionar, vai fragilizar a fé de muitas pessoas.

– Então, tudo o que ele quer é atrair mais seguidores para

A.L.?

– Não, ele quer ser o mais poderoso...

– Se ele quisesse ser o mais poderoso, por que ressuscitaria seu Mestre??? Isso soa estranho...

– Talvez não seja somente isso que ele precisa fazer...

Isabel pegou o pergaminho e o leu novamente.

*Posso desvendar todos os mistérios se souber onde
procurar.*

– Lembra-se da senha do segundo? Do Alto posso ouvir uma música cristã. Pois veremos... Não estava se referindo a nós, e sim ao crucifixo, do Alto ele podia ouvir música da Igreja.

Isabel entendeu o jogo de palavras. Parecia que o Mago sabia muito bem como fazer as senhas serem ambíguas.

– Posso desvendar todos os mistérios se souber onde procurar... Isso não me traz nenhuma ideia...

– Podemos procurar em tantos lugares...

– Então, acredito que não devemos entender a frase e sim subentendê-la...

– Sim... Mas onde podemos procurar?

– Procurar? Procurar... Encontrar... Mistérios... É isso!!!

Procurar não seria a mesma coisa que pesquisar? E podemos fazer isso na...

– Internet!!!

– Ou na biblioteca... O único lugar em que se busca conhecimento é na biblioteca... Lá existem milhares de livros... E quando os lemos, estamos desvendando mistérios.... Faz sentido!!!

– Iremos à biblioteca agora?

– Não, ainda está fechada. Mas podemos comer alguma coisa antes de irmos até lá.

Era difícil de achar um estabelecimento aberto àquela hora. Já passava das seis horas e parecia que a cidade havia congelado no tempo. Havia alguns poucos carros se locomovendo pelo trecho da avenida, e o céu estava mostrando um lindo amanhecer naquele momento.

– Vamos até o meu apartamento. – disse ela desejando tomar um banho.

Miguel seguiu para a Voluntários da Pátria. Em questão de minutos estavam lá.

Isabel colocou a chave na porta e a abriu. Estava tudo como ela havia deixado. Foi até o quarto e abriu o armário, percebendo que havia algumas poucas peças de roupas. Depois de escolher o que vestir, ela tomou um banho rápido. Saiu do banheiro com os cabelos ainda úmidos e com uma

leve fragrância. Calçou um par de botas cinzentas.

– Será que também posso tomar um banho?

– Não precisa nem pedir!!! – sorriu.

Isabel foi até a cozinha. Abriu o armário, onde havia algumas coisas. Preparou um café. Encontrou um pacote de pão de sanduíche dentro da dispensa. Na geladeira havia geleia de uva, algumas fatias de presunto e queijo, maionese e salsichas. Colocou uma toalha xadrez na mesa, duas xícaras, dois sanduíches bem equipados e um pote de biscoitos.

Miguel se obrigou a usar as mesmas roupas depois do banho. Parou diante do espelho. Colocou os óculos. Estava pálido como sempre. Os cabelos estavam levemente úmidos. O cheiro de café o lembrou de sua casa anterior.

– Que cheiro de café é esse???

– Acabei de fazer. – disse ao se acomodar – Sente-se.

– Não sabia que cozinhava...

– Isso não é cozinhar, Miguel, chama-se café da manhã.

Eram 06h48min. Estavam na frente da biblioteca. Miguel estacionou o carro do outro lado da rua. Não havia nenhum movimento. Olhou em volta. Nada, a não ser uma leve brisa.

– Vamos esperar...

06h56min. Os olhos de Isabel se voltaram à biblioteca.

- Tem alguém vindo. Parece uma senhora...
- Onde?
- Está entrando na biblioteca agora...
- Deve ser a faxineira... A biblioteca abre às oito horas.
- Não podemos esperar. Temos que descobrir logo o que é o maldito ritual!!!

Saíram do carro e já estavam diante da biblioteca. Miguel bateu à porta. Esperou e logo ouviram passos. Alguém abriu a porta.

– A biblioteca só abre às oito horas. – disse a mulher, sem emoção.

- Senhora, é urgente!!! – tentou Miguel.
 - Eu sou a faxineira... A biblioteca só abre às oito horas...
 - Não podemos esperar!!!
 - O que querem?
 - Precisamos fazer uma pesquisa...
 - Não demoraremos....
- A faxineira os olhou de cima a baixo.
- E o que seria tão urgente assim?
 - Precisamos de umas informações secretas...
 - E acham que vão encontrar em uma biblioteca pública???
- riu.

– Podemos ou não?

– Tudo bem... – ela olhou o relógio – Agora são sete horas. Daqui a vinte minutos quero vocês fora daqui.

– Só vinte minutos???

– Sim. – disse, deixando que eles passassem.

RETORNUS ORIGINUS

Isabel apressou-se em procurar nas prateleiras pela letra “L”. Miguel foi à outra estante procurar por alguma coisa que lembrasse a seita. Encontrou o livro de Marcos Ramón.

– Isabel... Venha até aqui.

– O que foi?

– Acho que Daiane queria que vissemos este livro. – e o entregou.

Ela segurou nas mãos um livro de capa dourada, de aparência gasta, com as folhas danificadas e que exibia o título “De volta à Origem”, de Marcos Ramón.

– É o livro sagrado do C.O.!!! Mas o que ele faz...?

– Talvez, Daiane soubesse que poucas pessoas frequentariam uma biblioteca para encontrar este livro aqui.

– Mas o que Daiane tem a ver com isso???

– Ah, desculpe. – ele abriu a capa do livro e do lado de dentro estava escrito: uma doação de Daiane Roy Castilho.

– E por que ela esconderia o Livro Sagrado?

– A seita quer eliminar a C.O. e o Livro Sagrado só deve estar sob a guarda do Protetor.

– Você quis dizer, da Protetora.

Miguel folheou o livro rapidamente. Queria encontrar algo. Finalmente, seus olhos perceberam o que tanto procurava.

“De volta à Origem (Um Marco da Eternidade)

Por que em um eclipse lunar, o sol se esconde atrás da lua? Diríamos, não por questão científica é claro, que o poder se esconde atrás daqueles que parecem fracos. A lua, no entanto, nada representa de fraqueza, ao contrário, ela é a inspiração de todos os feiticeiros que existem.

O dia 13 de junho de 2009 foi escolhido como o Marco da Eternidade. A noite do eclipse não é somente comemorada pelo C.O., mas também por outros Clãs.

O eclipse do Marco da Eternidade é uma grande promessa para o futuro, e nele está depositada toda a nossa confiança.”

Quando terminou de ler, Miguel lançou um olhar a ela.

Pensavam a mesma coisa.

– Isso quer dizer que o Mago está querendo nos impedir de quebrar os sete Portais antes do eclipse acontecer?

– Não deve ser só isso...

Miguel colocou de volta o livro na prateleira e procurou ali mesmo a letra “L”. Seus olhos iam de cima a baixo à procura do nome Alan Lorde. Achou algo melhor. Seus dedos apontaram para a palavra Dôminus.

– Encontrei!!!

– O Dôminus???

Miguel apanhou o livro e folheou-o. Sabia que o ritual deveria estar descrito ali...

– Retornus Originus, Eclipse SOCRAM. – ele encarou Isabel entendendo a ideia das palavras – SOCRAM... Parece-me familiar....

– É Marcos, escrito de trás para frente. Brilhante, ninguém notaria...

– Retornus Originus. Isso deve significar... Retorno Origem....

– Se preferir, De volta à origem.

Aquilo começava a se encaixar, foi o Clã C.O. quem nomeou o eclipse, daí o nome de Marcos e o fato de que ele havia escrito o livro sagrado De volta à Origem fazia com que

o A.L....

– O A.L. modificou e escreveu SOCRAM em vez de Marcos...
E Retornus Originus em vez de... De volta à Origem!!! – sorriu
Miguel intrigado – Isso é brilhantemente ridículo...

Isabel olhou no relógio de pulso dele. Eram 07h20min.

– Temos dez minutos.

– Precisamos encontrar o Portal.

Miguel olhou para o vasto corredor de estantes. O espelho
poderia estar escondido em algum lugar por ali.

– Deve haver uma sessão somente Reservada aqui dentro...

Eles ouviram passos, mas não havia ninguém vindo. Os
passos não vinham de fora, mas do andar acima.

Ambos se entreolharam.

Angelina estava estendida no chão. Seus cabelos se
misturavam com a areia. Estava desperta, mas mantinha os
olhos cerrados. Sentiu que havia uma sombra diante de si, foi
então que abriu os olhos.

Ela não acreditava no que via naquele momento.

Lentamente, se levantou e deu alguns passos para trás.
Estava sem reação.

O piso parquê cobria todo o chão do corredor. Estava escorregadio para os sapatos de Miguel. Eles avistaram uma sala no fim do corredor. Tinha que ser a sala reserva. Isabel sabia que eles teriam que ter uma sala sobre arquivos e livros gastos. Tinha que ser aquela. Sem fazer barulho, ele se aproximou. Isabel o acompanhou.

– A varinha está com você?

– Está. – ela sacou a varinha e mirou na porta.

Um estalo e depois um rangido. A porta se abriu. Estava escuro lá dentro.

Angelina via algo tão grande, que mal podia acreditar no que seus olhos viam. Não era assustador, mas impressionantemente majestoso.

Era uma águia gigantesca. Sua cabeça era enfeitada com penas brancas e o resto de seu corpo era revestido por penas escuras. Os olhos brilhavam como o Sol. Seu bico era dourado, assim como suas garras. Havia uma cicatriz que parecia ter sido causada por uma garra no lado esquerdo de sua cara. Parecia o resultado de uma briga.

Angelina estava maravilhada com aquela criatura ao mesmo tempo em que sentia que poderia virar sua comida.

– Está escuro aqui!!!

Miguel acendeu um isqueiro. Havia milhares de caixas de papelão em um chão cobertos de jornais. O cheiro era de mofo. Havia uma estante cheia de arquivos imprestáveis e uma pilha de livros deteriorados. Isabel se aproximou de uma pilha de caixas.

– Encontrou alguma coisa?

– Venha ver isso...

A águia aproximou a cabeça da face de Angelina.

A menina se encolheu, sentindo que sua vida estava por um fio. Fechou os olhos. Estava aguardando a terrível visita ao estômago da águia.

Após alguns instantes, sem nem se mover, Angelina sentiu que o bico da águia passava levemente por seus longos cabelos. Foi então que se encheu de coragem e abriu os olhos.

A menina pôde ver seu próprio reflexo dentro dos olhos da águia. Como a criatura não fez mal algum a ela, Angelina acariciou seu bico, em um gesto de amizade. Levantou a mão vagarosamente em direção ao bico da ave. Neste meio tempo, ela se levantou bruscamente, ainda com o olhar fixo na menina.

– Você é muito corajosa. – disse a voz suave e determinada da criatura.

Angelina permaneceu imóvel e não acreditava no que havia escutado.

– Você pode falar???

– Sim, dentro do Portal tudo é possível. Qual é seu nome?

– Minha mãe disse para não falar com estranhos!!!

– Não sou humana, você pode confiar em mim...

Ainda se recobrando dos acontecimentos, ela percebeu que poderia confiar na águia.

– Sou Angelina... E quem é você?

– Sou o Equilíbrio.

– Equilíbrio? Que nome estranho sua mãe lhe deu!!!

– Não é um nome, Angelina, é uma função. Sou o Equilíbrio da escuridão.

– Desculpe, mas não entendo...

– Assim como existe o dia, deve haver a noite. Nenhum Portal é impossível de ser ultrapassado. Haverá desafios, da mesma forma que o primeiro e o segundo Portal tiveram, mas em todos existirá algo que ajude a ir de um Portal a outro.

– Foi o Mago quem fez tudo isso???

– Felizmente, não. É uma consequência do Portal. Mas, como o que está aqui dentro é uma energia boa, ele só pode

controlar os Portais que estão do lado de fora.

– E como você veio parar aqui dentro?

– Eu faço parte do Portal.

Angelina entendeu aquilo como algo ruim, pois no momento em que se destruísse o Portal, a sua mais nova amiga morreria também.

– Suba em minhas costas!!!

– Por quê???

– Vou levá-la até o próximo Portal.

Seus olhos brilharam.

– Você vai me ajudar?

– É meu dever lhe proteger.

Angelina subiu nas costas da ave cautelosamente. Sentia-se minúscula diante daquela criatura majestosa.

A águia se inclinou, esticou cada uma das enormes asas e num impulso, levantou voo.

Angelina viu a areia ser deixada cada vez mais longe. Tudo estava ficando pequeno lá embaixo.

– Segure-se!!!

A menina sentia o vento em sua direção. Era uma sensação de liberdade poder voar. Seus cabelos balançavam com o vento e ela sentia-se feliz. Fechou os olhos. Sentia cada movimento que a águia fazia no ar. Era fantástico.

O Portal começava a surgir no horizonte.

– Encontramos!!! – sorriu Miguel.

– Acho que se você me ajudar a puxar isso, eu ficarei feliz.

Miguel puxou aquela extremidade para fora. Isabel se ajoelhou.

– Angelina?! Estou aqui!!!

Angelina ouviu a voz de sua mãe ao mesmo tempo em que viu um vulto passar acima de sua cabeça.

– O que foi aquilo???

– Eu lhe disse que sou o Equilíbrio. Você achou que iria ser fácil sair daqui??? Se seg...

Uma criatura agarrou o pescoço da águia, fazendo com que Angelina ficasse suspensa no ar.

A águia girou seu corpo, e a menina conseguiu voltar ao lugar onde estava, mas o abutre a atacou mais uma vez, fazendo com que suas garras afiadas penetrassem no corpo da ave, ferindo-lhe, enquanto agarrados, ambos desciam pelo céu em direção ao mar.

Angelina, aterrorizada com a situação, percebeu que sua

amiga sangrava e não havia o que fazer. O abutre os conduzia ao mar muito rapidamente.

A águia tentou soltar-se em vão, o que resultou em um ferimento mais profundo. O abutre começou a bicar o pescoço da ave, tentando aproximar-se de Angelina.

– Não se atreva a encostar nela!!! – e bicou com força o pescoço do abutre.

Estavam prestes a colidir com a água, mas a bicada no pescoço do abutre fez com que a águia se libertasse de suas garras, voltando a levantar suas asas na direção das nuvens novamente.

Angelina voltou a respirar mais aliviada quando olhou para trás e viu o abutre colidir com a água.

Miguel olhou o relógio. Restavam cinco míseros minutos. Rapidamente ele se aproximou do Portal.

– Angelina???

Havia somente o silêncio. Ele se levantou no mesmo instante e correu para baixo da biblioteca. Isabel o seguiu, já prevendo o que ele pensava em fazer.

Faltavam alguns passos para ela chegar onde queria. Ela sentiu a energia viva que aquele arco emanava e a energia

que fluía na direção dela. Precisava atravessar, e rápido.

– Deve estar dentro de alguma coisa...

–*Posso descobrir todos os mistérios do mundo se souber onde procurar...*— refletiu Isabel — Esta pista nos trouxe até aqui, e segundo o que percebemos, as frases são ambíguas...

Miguel repetiu a frase, agora em voz alta. Enquanto fazia isso, seus olhos encaravam Isabel. Estavam com o mesmo pensamento. Se poderiam descobrir algo, com certeza seria um mistério.

– Descobrir... Desvendar.... Mistério... — ele parou de falar — Claro!!! Mistérios, segredos, só pode estar falando do ritual. O Dôminus!!!

– Miguel, a chave não estaria em um livro... — ela encarou incrédula — Ou estaria?

Ele foi até a prateleira e procurou pelo livro. A capa era dura, mas deveria estar ali.

– Miguel, e se o Mago nos deu uma pista que deveríamos verificar melhor.... Quero dizer... Ele disse “*se souber onde procurar*”— frisou — *Onde procurar*.

Os olhos dele a encararam e ela indicou o lugar vazio onde estava o livro. Ela se agachou e encontrou na parede oca da estante uma pequena abertura onde estava a chave, prensada

contra a madeira.

– Consegui!!! – suspirou, tentando tirar de lá a chave. Ele a pressionou, conseguindo tirá-la dali.

Mal dava tempo de pensar. Ambos correram para cima. A faxineira estava se aproximando. O tempo estava acabando. Entraram e fecharam a porta. Só faltava saber se Angelina já havia atravessado.

A águia se aproximava cada vez mais do Portal, fazendo com que Angelina ficasse mais ansiosa para atravessá-lo. Mas sua alegria durou pouco.

A ave gritou e a menina percebeu que o abutre havia passado suas garras afiadas de raspão no pescoço dela. Porém, estava parado na frente do espelho, formando uma barreira para que Angelina não atravessasse.

– Ele não vai me deixar passar!!!

– Ele pode até tentar, mas eu não vou permitir!!! – dizendo isso, ela começou a descer lentamente até alcançar o chão, para que Angelina ficasse segura em terra firme.

Foi então que, pela última vez, encarou o delicado rosto da menina.

– Nos veremos em seus sonhos...

Angelina viu a águia seguir em direção ao abutre, que

agora estava barrando a passagem.

– Por favor, NÃO!!! – gritou com lágrimas nos olhos.

– Enquanto eu estiver lutando com ele, não olhe. Tente aproveitar a distração e passe pelo Portal, certo?

– Mas você vai morrer!!!

– Se você atravessar o Portal, meu sacrifício não terá sido em vão... Agora vá!!!

A águia se aproximou lentamente de seu inimigo, ambos com suas penas eriçadas, em sinal de duelo. O abutre fitou os olhos da águia e desta vez, não havia como fugir.

Angelina se afastou, percebendo que as duas aves começaram a se desafiar. O abutre abriu suas longas asas, na tentativa de demonstrar seu poder à outra ave. A águia não se intimidou com o gesto e também soltou suas belas asas.

A menina se aproximou do Portal, lentamente, mas o silêncio a traiu. Em uma fração de segundo, o abutre lançou seus terríveis olhos famintos na direção dela, mas a águia assim que o percebeu, cravou suas garras no pescoço dele.

Angelina, assustada, não sabia o que fazer. As duas aves brigavam por causa dela. Uma estrondosa poeira subia do chão onde elas se atacavam, e o sangue delas se misturava à areia.

Foi então que percebeu que as nuvens do céu se aproximavam cada vez mais rápido, e logo tudo se acabaria.

Em meio à poeira, viu sua mais nova amiga ferida no chão, mas que ainda lutava bravamente, só para que ela pudesse atravessar o espelho. Foi então que viu o Portal diante de si.

Mais uma vez ela olhou para trás. A águia estava muito ferida, e queria poder ajudá-la, mas...

– Não perca tempo!!! Vá!!! – disse erguendo os olhos na direção dela no exato momento em que o abutre enterrou pela última vez as garras em seu pescoço.

– NÃO!!!

O abutre a encarou. Ainda com lágrimas nos olhos, ela correu na direção do Portal e um vento forte jogou o abutre ao longe.

Ela havia se segurado no espelho. Seus dedos estavam queimando na argola que fazia o arco de luz em sua frente. Era uma energia que a puxava e dava a sensação de medo. Ela conseguiria... Escorregou. Estava cansada demais para pensar. Conseguiu se jogar para dentro e a luz tinha tamanha força que a empurrou.

Aquele lugar parecia uma cadeia montanhosa.

– Angelina???

Chamaram-na algumas vezes. Miguel a encarou.

– Se ainda estivesse ali dentro, ela responderia. Vou colocar

a chave antes que seja tarde demais...

Antes que fizesse algo, uma voz ecoou em suas costas e ele virou-se.

– Tarde demais para quê?

A faxineira não deveria estar ali. O tempo havia se esgotado. Isabel, nervosa, pegou a varinha e apontou para ela. Uma ponta de luz brilhou e a mulher tombou.

Isabel fez sinal para que ele continuasse. Tirou a senha do espelho e enterrou a chave. Uma onda de luz perolada invadiu o espelho e este se quebrou com um estalo.

Eles trouxeram a faxineira para o corredor.

Desceram as escadas e entraram no carro.

– Como fez aquilo?

– Não sei... – disse parecendo confusa. – Mas tenho que lhe contar algo... Eu não fiz o feitiço naquela hora.

PORTAL IV

A DESCOBERTA

*“A natureza do homem não está no que ele toca, mas no
que ele sente.”*

O MISTÉRIO DO ECLIPSE

Finalmente, havia chegado o grande dia.

Parecia que tudo estava tão mais calmo, tão mais esquecido... Mas nada voltaria a ser como era antes.

Sentiu um calafrio. Afinal, não era de seu feitio fazer autoprojeção e interferir no comportamento de uma pessoa. Mas fazia tudo com um propósito, o de tornar as coisas possíveis.

Era lindo aquele cenário. Podia ver a gruta, sua eterna companheira, intacta, sempre pronta para atender quem necessitasse de respostas.

O Mestre meditava ao longe. Não havia o que temer naquela noite. Se tudo seguisse o plano que havia tramado há algum tempo, as coisas se encaixariam perfeitamente em seus lugares.

Estava deixando um passado cheio de lembranças, tudo para salvar algo muito mais importante: a vida das pessoas que mais amava. Não era justo deixar que Alan Lorde ressuscitasse sem que pudesse impedi-lo de alguma forma. O Mago havia cruzado seu caminho, mas o preço que estava pagando com o que estava acontecendo, não sairia barato.

Afinal, sangue se paga com o mesmo sangue.

Os olhos de Miguel encaravam os dela ainda sem compreendê-la.

– Do que você está falando???

– Não sei... É como se eu soubesse que as coisas estão acontecendo e ao mesmo tempo eu não fosse a mesma pessoa...

– E o que você sentiu?

Isabel pareceu refletir. Estava trêmula, mas tinha certeza do que havia sentido.

– Senti que... Sabia o que precisava fazer... Isso é confuso...

Ele a contemplou por um segundo. Então, tentou mudar de assunto.

– Está tudo bem? Podemos continuar com isso?

Isabel assentiu, e abriu o pedaço de pergaminho.

Sou como o pássaro que pausa no ninho.

Eu como as pedras que estão espalhadas pelo caminho.

Sou o canto da alegria de quem nunca viveu sozinho

– Isso pode nos levar a vários lugares...

– Pode sim... Mas antes de pensar nisso, preciso saber onde fica S.A.

Isabel ligou o celular e Miguel a repreendeu.

Ela foi até as imagens e encontrou o que queria.

– Lembra-se do que estava escrito no teto da capela?

– Sim, era uma escrita estranha...

– Não, não era. – sorriu, mostrando a foto que havia tirado

– Agora veja isso, tirei a foto enquanto você e aquele homem brigavam.

– O quê? Enquanto eu estava apanhando, você ficou tirando foto?

– Alguém tinha que fazer alguma coisa... – ela tirou o espelho de dentro da caixa de Daiane e o colocou de frente para a foto, revelando as palavras que só agora faziam sentido.

– Veja.

– *A alma dos homens pertence a Deus???*

– Que por coincidência é o lema de Alan Lorde. Isso prova que a capela pertence à seita.

Eles permaneceram em silêncio durante algum tempo, até que Isabel se flagrou de algo importante.

– Miguel, o eclipse é hoje...

Ele engoliu em seco aquelas palavras. Foi então que algumas coisas passaram a fazer sentido em sua mente.

– O eclipse vai ressuscitar Alan Lorde, é por isso que existem os Portais, para dar energia pura a um ser para que ele seja imortal. É o Marco da Origem.

Isabel foi invadida por um pensamento.

– E se o eclipse fará com que milhares de bruxos saiam de suas casas para fazer esse ritual, certamente eles contribuirão para que Alan retorne...

Havia muito pouco tempo para encontrarem as repostas certas, e isso incomodava Miguel.

Sábado, 13 de junho de 2009. 08h00min.

Ainda transtornado em meio aos pensamentos que passavam em sua mente, ele foi surpreendido quando o trânsito parou na sua frente, fazendo-o frear bruscamente, mas o problema não estava nos carros. Algo havia quebrado o vidro lateral do banco detrás do seu carro.

Rapidamente, acreditando que alguém houvesse atirado uma pedra, ele conseguiu estacionar em uma vaga e saiu furioso de dentro do carro.

– QUEM FOI QUE FEZ ISSO??? – indagou olhando ao seu redor.

No instante seguinte, ele ouviu um grito de terror. Miguel percebeu que viera de dentro do seu carro.

– O que aconteceu???

– Miguel... Olhe aquilo.... – e apontou para o banco detrás.

Lá, juntamente aos estilhaços de vidro, estava um corvo morto e seu sangue escorria pelo banco do carro.

Miguel ficou um instante em silêncio. Percebeu que ela estava tentando se acalmar do susto.

Ele se aproximou do banco traseiro e com todo o cuidado possível, removeu o corvo dali, mas ao tocá-lo, a ave magicamente se transformou em terra com algumas gotas de sangue em suas mãos.

– Me alcance um jornal, tem um ali dentro do porta-luvas.

– Será que foi o Mago?

– Já vimos um corvo suicida uma vez. – sorriu.

Isabel sorriu, estava um pouco mais calma. Miguel limpou suas mãos no jornal. Um corvo que se desmanchava em sangue e terra...

– Por que ele fez isso?

– Ele já nos avisou uma vez, e agora quer nos fazer perder tempo...

– Miguel, esta noite serão realizados milhares de cultos ao Retornus Originus, e haverá o encontro de Clãs de bruxos no mundo todo, sabemos que usarão energia pura para oferecê-la ao Marco da Origem. O que essas pessoas não sabem é que, nesta mesma noite o A.L. vai aproveitar esse recurso de magia para ressuscitar seu líder.

Ela sorriu. Miguel reparou que ela iria propor uma solução.

– Mesmo se não conseguirmos quebrar os sete Portais a tempo, temos que avisar a todos esses bruxos para que não

façam o ritual ou o pior vai acontecer.

Alguma coisa estava errada, isso ele tinha certeza. Foi até a janela. O sol estava brilhando lá fora, mas a temperatura estava por volta dos onze graus. O vento gelado batia na veneziana e aquilo incomodou seus ouvidos. Sabia que aquele seria um longo dia, e que a noite era majestosa. O Eclipse Retornus Originus era esperado há muito tempo. Aquela noite não seria palco de mais um eclipse, mas de algo que mudaria para sempre o destino das pessoas no mundo todo.

Seu coração batia descompassado. Estava velho, ele sabia disso, mas a ansiedade daquele momento fez com que se lembrasse de que Miguel continuava quebrando os Portais.

Olhou para a parede onde estava majestosamente o Portal Mestre. Podia ver a menina cansada, com medo, e corajosa diante de uma cadeia montanhosa. Aquele espelho só refletia no escuro, por isso sua sala era sombria.

Alguém invadiu a sala. Era um homem de capuz cinzento e estava ofegante. No entanto, quando seus olhos claros o encararam, a voz trêmula do rapaz saiu quase num sussurro.

– Eu mandei mais um aviso... E espero que eles desistam.

O Mago arqueou a sobrancelha por debaixo do capuz.

– Você acredita que eles vão desistir *agora*?

Aquilo soava como uma ofensa para Gerônimo. O que ele

estava pensando?

– Sempre executo as tarefas que me são ordenadas. – sibilou ele no mesmo tom de voz – Devo tudo o que sei ao senhor. Algum dia, talvez, vou alcançar o seu nível dentro da seita...

O silêncio foi rompido por uma risada constante.

– Você acredita – disse com desprezo – que alguém do seu porte vai chegar à minha altura???

Gerônimo sabia que qualquer coisa faria com que o Mago o apunhalasse pelas costas. Sentiu-se ofendido, mas se conteve.

O Mago sorriu com desdém. Ninguém teria coragem de contrariá-lo àquela altura do jogo. Resolveu então, continuar com o plano de Gerônimo.

– Você usou magia?

– Enviei um mensageiro...

O Mago deixou-se sentar na poltrona. Embora aquela atitude de seu ajudante estivesse funcionando naquela hora, provavelmente teria que impedi-los pessoalmente.

– Tudo pronto para esta noite?

Gerônimo assentiu com a cabeça.

– Excelente. Se alguma coisa der errado...

Ele engoliu em seco. Havia uma ameaça naquela frase e sabia que se eles conseguissem impedir os quatro Portais de serem quebrados, tudo daria certo.

– Mas já foram quebrados três Portais, senhor!!! Ainda é possível realizar o ritual?

– Enquanto houver Portal, existirá a possibilidade de realizá-lo sem problemas. Fique alerta para qualquer acontecimento e continue com o plano, eles nem imaginam o erro que estão cometendo...

Ele sorriu, nem Gerônimo poderia saber a verdade, ou tudo estaria arruinado. Mal podia acreditar que naquela noite traria de volta o Alfa Líder, e acabaria com tudo de uma vez por todas. De repente, sentiu um aperto no peito. Estava ansioso demais e isso podia prejudicá-lo. Tentou conter sua emoção e relaxou.

O brilho indescritível do pêndulo de cristal, que até agora mantinha maior segredo de seu próprio uso, estava jogado a um canto extremo da mesa. Solitário – pensou o Mago – e poderoso. Aquele pêndulo foi feito especialmente para o Retornus Originus, e traria à vida Alan Lorde de onde quer que ele estivesse.

O BILHETE

O vento lhe tocava a face. Lembrava exatamente tudo o que estava impedindo a sua vida de continuar. Lágrimas teimaram em descer. Ainda vivia.

E viver parecia ser mais doloroso do que morrer. Viver não

significava que poderia fazer o que quisesse, era o mesmo que não existir.

Continuava admirando a paisagem. Flores se alastravam por um belo campo, galhos secos caíam na relva. O céu estava cinzento, mas sabia que o eclipse aconteceria independente de haver chuva ou não.

– Não deveria ficar pensando tanto... – sorriu o Mestre se aproximando.

Ele ainda vestia a mesma túnica branca, quase desbotada. Seus olhos castanhos manifestavam sabedoria, apesar da pouca idade. A sua presença ali, era sem dúvida, aconchegante.

– Às vezes penso que não deveria ser desta forma...

– Você sabe, que se não fosse assim, poderia ter sido muito pior. – ele pousou a mão em seu ombro – Não se preocupe, logo tudo vai acabar.

– Quero ver o Mago morrer em minhas mãos, se for necessário!!!

– Pensando assim, você está fazendo a mesma coisa que ele.

– Não existo por causa dele!!! – suas mãos tremiam – Estou aqui porque jurei que faria tudo para impedi-lo de ressuscitar Alan Lorde!!!

O zumbido do vento mais uma vez era insignificante.

– Vou meditar. Deveria fazer o mesmo.

– Depois do senhor, eu irei.
– Acredito que logo receberemos visitas.
– Do que você está falando???
– De quem eu estou falando, é claro. Você sabe. – sorriu.
– Lembre-se de que ninguém deve saber que estou aqui!!!
– Quanto a isso, não se preocupe, até o eclipse, ninguém saberá.

O Mestre se afastou, e seguiu em direção à gruta.

Miguel se acalmou. Olhou o relógio de pulso, eram 10h28min.

– Para onde vamos?
– Temos que avisar os Clãs para que não façam o ritual do Marco da Origem esta noite.
– E como fazemos isso?

Isabel foi invadida por um estranho pensamento.

– O Diário de Daiane...

Ambos voltaram para o carro e ela pegou o diário nas mãos. Não sabia por que teria que folheá-lo, mas sabia que tinha que fazer isso.

Analizou algumas páginas sem saber ao certo o que estava procurando. Na última folha havia uma indicação. Daiane

estava pedindo que fizessem alguma coisa.

13 de junho de 2009.

Aldeia dos Alquimistas, Jonathan Ramón. Celebração do Marco da Origem.

– O que isso quer dizer?

– Parece que temos um endereço. – sorriu Miguel – Já ouviu falar nessa tal Aldeia dos Alquimistas?

– Nunca, mas temos que encontrá-la.

Miguel ligou o carro e se dirigiu para o interior da cidade. O vento fresco batia nos cabelos de Isabel e liberava uma essência de flor. Ela fechou os olhos por um instante, tentando refletir. Miguel estava preso ao que estava fazendo naquele momento. Daiane indicava um lugar, só lhe restava saber se era o lugar certo.

Sou como o pássaro que pausa no ninho,

Eu como as pedras que estão espalhadas pelo caminho.

Sou como o canto da alegria de quem nunca viveu sozinho

Aquilo ainda martelava em sua mente, como se houvesse algo de inusitado escrito.

Pensou em liberdade. Sentia-se livre quando estava perto da natureza, quando via o amanhecer lhe dar as boas vindas. Pensou em momentos felizes que poderia ter passado com

Daiane se ela estivesse viva e com Pedrinho. Tinha que se libertar daquele passado cheio de perdas. Há muito tempo não sabia o que era ter uma mulher ao lado, e agora que tinha essa sensação, era como se o fantasma de Daiane a houvesse mandado para mostrar as coisas certas. Graças a ela, descobririam como acabar com o Portal.

Agora, a vida de todos eles estavam apenas por um fio.

O ÚLTIMO HERDEIRO

Mesmo que a viagem fosse longa, valia a pena visitar a Aldeia dos Alquimistas. O sol de junho era intenso, apesar do frio da região. A paisagem era marcada principalmente pelas montanhas esquecidas pelo tempo e pelas pessoas. Quem estivesse ali, saberia o que era liberdade em seu extremo sentido. A cadeia montanhosa se formava em um vale e percorria todo o vasto território da aldeia. Havia pequenos casebres que ajudavam a desenhar aquele cenário impressionante. Mas, o que mais intrigava naquele lugar, era sem dúvida, a presença de uma gruta com lago cristalino. Era ali que os seguidores do Clã buscavam inspiração para a vida, meditavam e faziam sua renovação espiritual.

O silêncio tomava conta da aldeia. Havia duas crianças correndo no campo e uma moça colhia flores próxima dali.

O céu contava com algumas nuvens. Todos os bruxos do mundo contavam os minutos para a celebração, mas para que isso ocorresse, era preciso que não chovesse naquela noite tão esperada.

A alguns quilômetros dali, Miguel continuava dirigindo seu carro rumo à aldeia. Estava tão ansioso para chegar, que seu coração batia descompassado. Olhou para Isabel ao seu lado. O olhar dela estava mirado na paisagem que passava rapidamente do outro lado do vidro do carro. Ela parecia estar bastante preocupada com alguma coisa, e não era para menos. O pouco que conhecia daquela mulher o tornava feliz. Sabia que haviam tomado o mesmo barco e poderiam estar à deriva. Era como se aquilo tudo não passasse de um sonho. Por mais terrível que as coisas fossem, aquela mulher estava lhe dando forças para continuar.

Pela primeira vez em dias, passou por sua mente o fato de que Pedrinho ainda estivesse no Portal. Mas eles haviam destruído três até agora, e se Pedrinho estivesse vivo ainda, talvez não tivesse chegado a lugar algum. Poderia ter sacrificado o próprio filho quando encaixou a chave no Portal. Angelina disse que estava sozinha lá dentro, prova de que toda aquela situação poderia ser fantasiosa.

Olhou para o céu. Certamente choveria naquele dia. Estava

rezando para que não chovesse à noite, caso contrário, acreditava que nunca mais tirariam Angelina do Portal.

– Estamos chegando...

Isabel mal balançou a cabeça, continuava séria e pensativa.

– Por que está assim?

Ela não respondeu. Continuou em silêncio e isso não permitiu que Miguel falasse.

– Por que Daiane nos trouxe aqui? – disse ela ao sair do carro, perto de uma cabana.

Miguel limpou os óculos e depois os colocou de volta.

– Ela quer que encontremos alguém que se chama Jonathan Ramón.

Eles andaram na direção a um dos casebres. O chão era coberto de grama e havia um campo cheio de rosas coloridas. Isabel se encantou ao ver aquilo.

Se aproximaram de um casebre feito de madeira. Havia um menino sentado no chão, construindo um carrinho com bambu. Ele não tinha mais do que dez anos e estava com um casaco de algodão marrom e uma calça cor de palha. Ficou assustado com a presença dos visitantes.

– Pergunte a ele. – disse Miguel em voz baixa.

– Oi, menino.

O garoto ficou sem saber o que fazer e largou o que estava

fazendo.

– Quem são vocês???

– Eu me chamo Isabel e ele é Miguel.

O menino a encarou por alguns instantes. Parecia estar com medo deles.

– E qual é o seu nome?

– André. – disse quase num sussurro.

Isabel sorriu.

– Nós estamos com pressa e precisamos de sua ajuda. Você conhece Jonathan Ramón?

O menino os encarou com ar assustado. Isabel ficou apreensiva.

– O que vocês querem?

– Precisamos conversar com ele. – disse Miguel.

– Ele não pode.

– E por que não pode?

O menino se virou para trás e indicou uma gruta ao longe. Eles olharam naquela direção.

– O que há lá?

– O Mestre está lá, meditando.

Isabel encarou Miguel, com ar de surpresa.

– Podemos ir até lá?

– Ele não gosta de ser interrompido, mas se é muito urgente e não podem esperar...

Isabel seguiu em direção à gruta e Miguel a seguiu a passos lentos, porque estavam em uma paisagem cercada de rochas por todos os lados.

O menino voltou a fazer seu brinquedo enquanto olhava atentamente os dois se dirigirem à gruta.

– Viemos aqui para ver um velho? – indagou Miguel ansioso.

– Miguel, não julgue as pessoas antes de conhecê-las.

Por um instante, ele teve a sensação de que aquela frase já o esperava.

– O que viemos fazer aqui, afinal?

– Tentar avisar todos os Clãs que não façam o ritual hoje à noite.

– E você acha que vamos conseguir?

Estavam a alguns passos da gruta. Isabel entrou e ele a seguiu.

A gruta era escura e os reflexos da água estavam na parede de pedra. Isabel escorregou mas Miguel a amparou pela cintura e segurou-lhe o pulso. Quando fez isso, sentiu um tremor que lhe percorreu todo o corpo, e por um instante eles puderam olharam dentro dos olhos um do outro.

O barulho da água no interior das rochas era inexplicável. Dentro da gruta, estava alguém de costas para eles. Vestia um turbante branco desbotado e um grande lenço preto. Não foi possível ver quem era, mas se aproximaram lentamente.

– Quem está aí? – indagou o homem com voz calma.

Miguel hesitou.

– Jonathan Ramón???

O homem não se virou. Apenas se levantou e ficou parado.

– Quem são vocês?

– Miguel Castilho e Isabel Oliveira.

– Aproximem-se.

Ambos avançaram com cautela. As pedras poderiam ser escorregadias. Estavam a um metro de distância dele. Foi só naquele momento que o homem se identificou.

Seus olhos eram negros, assim como os cabelos bem aparados. Ao contrário do que Miguel havia pensado, ele não era nenhum velho de barba branca, e sim um rapaz que aparentava ter um pouco mais de vinte anos. Seu rosto era bem desenhado e havia um lenço preto que cobria sua cabeça.

– O que querem de mim?

– Precisamos de sua ajuda. – disse Miguel – Sobre o Retornus Originus.

O homem assentiu. Indicou a saída. Isabel pensou que ele os

estava expulsando da aldeia.

– Que tal darmos uma volta pelo campo?

Os três seguiram para fora da gruta e se dirigiram por uma estradinha de pedras que levava ao campo.

Estavam num pico, bem perto da cadeia montanhosa. Ao redor havia um vasto campo florido. O vento ali em cima era mais forte do que no rochedo. O zumbido daquele vento quebrava o eco do silêncio da imensidão.

Jonathan procurou uma pedra no chão e sentou-se. Pediu que Miguel e Isabel fizessem o mesmo. Queria conversar com mais calma.

– A que devo a vossa visita?

Miguel a encarou como se procurasse o que falar.

– Seu endereço estava no diário de minha esposa, por isso sei que se chama Jonathan Ramón.

Ele sorriu.

– E quem era sua esposa?

– Daiane Roy... Castilho.

O rapaz franziu o cenho em busca de lembrar-se daquele mesmo nome.

– Como poderia me esquecer da nossa Protetora? – recordou-se.

– O que não entendo é que ...

– Não entende como o meu nome e endereço podem constar no diário de sua falecida esposa? A resposta é bem simples, ela pertence ao C.O.

– Como sabe que...? – a pergunta ficou no ar e a resposta veio em um sorriso.

– Sei o que pensa e confirmo o que disse. Nada disso foi por acaso.

– Jonathan, – chamou Isabel que até então estava calada – o C.O vai celebrar o Eclipse Retornus Originus?

Ele aguardou um pouco em silêncio antes de responder. Parecia estar preocupado.

– Sou um bruxo, como bem sabem, e como Mestre, o título mais nobre do nosso Clã, receio que é meu dever preservar a cultura de minha aldeia, mas também é minha responsabilidade zelar por todos eles. Não quero que nenhum deles corra o risco de morrer.

– E o senhor sabe do risco que correm se fizerem o ritual esta noite?

– Vocês querem me dizer o que eu já sei, eu lhes digo que não vou mudar meus planos, assim como nenhum outro Clã do mundo o fará. Receio que perderam sua viagem...

– O Arco da Libélula quer ressuscitar o maior Líder de Magia das Trevas para que ele tenha domínio sobre todas as pessoas... Vai deixar que isso aconteça? A magia desse ritual

servirá para ajudá-lo a voltar à vida.... E conseguir a imortalidade...

– Nenhum – a voz dele foi cortante – ser humano volta à vida após sua morte. – pausou, e quase em um sussurro – Se Alan Lorde renascer, ele não terá vida, será apenas uma lembrança presa a um corpo, nada mais do que isso. A imortalidade é algo que exige sacrifícios, mesmo renascendo, não há como executar tal plano...

– Se não fizermos nada – disse Miguel – ninguém fará. Somos os únicos que sabem disso...

– Está enganado. Todos os bruxos sabem disso. Faz parte do Livro Sagrado. Sabemos e preservamos as leis. No entanto, não depende de nós a Sabedoria dos Homens, depende deles mesmos.

Ele se levantou e olhou para o horizonte.

– Meu filho está preso no Portal... Talvez morto... Angelina também está lá...

– Eu lamento por isso... – disse em tom de consolo e os encarou – Miguel, nem tudo o que a janela da alma vê pode ser verdade, contudo, tudo o que o coração da verdadeira magia diz pode trazer a resposta certa, basta sabermos entendê-la pela simplicidade de como é trazida ao mundo: com os olhos de que ninguém vê e com o corpo de uma nova vida. Tenho apenas um conselho a lhes dar. Sou o último

Herdeiro de Marcos Ramón e eu bem sei como seria doce a vingança de acabar com a promessa de que Alan Lorde voltará. Só eu sei o peso que essa história tem.

Houve um silêncio cortante entre os três.

– Acho que já podem ir.

– Vamos, Miguel. Ainda temos pouco de tempo... – ela saiu na frente.

– Não, ainda não... – disse Miguel – Como Alan morreu?

Jonathan sorriu ao ouvir aquela pergunta. Sim, eles tinham o direito de saber a verdade.

– Sentem-se, – pediu – a história é um pouco longa... – ele sentou-se confortavelmente, e respirou o ar puro daquele lugar antes de começar a falar – Há muito tempo, quando Alan havia recém-completado seus dezesseis anos, ele não tinha descendência mágica, havia aprendido alguns feitiços sozinho, e o mais incrível é que era capaz de fazer magia com as próprias mãos, sem necessitar de objeto algum para executá-lo. Meu pai o aceitou no Clã, embora isso não fosse correto, afinal, um Clã deve ser composto por pessoas da mesma descendência... Não demorou muito para que acontecesse algo inusitado. Certo dia ele surgiu com um livro enfeitiçado, onde estavam escritos todos os seus truques de magia oculta, mas que se tornavam invisíveis aos nossos olhos porque foi protegido com uma magia que necessitava de uma

gota de seu sangue para tornar-se visível. Meu pai irritou-se com tamanha desonra ao abrigar um rapaz que executava magia envolvendo sangue que era algo proibido aos bruxos. Então ele pediu que Alan lhe revelasse o que estava escondido em seu livro, e ele se negou. Foi necessário expulsá-lo do Clã, mas antes que fizesse isso, Alan o desafiou para um duelo. Para não ser humilhado por todos, ele aceitou. Meu pai lutou bravamente com seus feitiços mais poderosos, mas Alan utilizava sua própria magia, algo tão poderoso que em pouco tempo, meu pai desabou no chão. Havia sido seu fim... E ele fugiu. Minha mãe, como era mulher, não podia assumir o Clã. Somente homens poderiam assumir o lugar de Mestre. A única descendência de meu pai cabia a mim que tinha apenas seis anos. Houve uma reviravolta em nosso Clã, pois se o Mestre não tivesse descendentes, passaria ao homem mais velho do grupo, mas eu era jovem demais para assumir tal responsabilidade...

– Quem era o próximo a ser eleito? – indagou Miguel repentinamente.

Jonathan engoliu em seco.

– Bernardo Roy.

Miguel sentiu um arrepio. Respirou fundo, pediu que ele prosseguisse.

– Então Alan fugiu... Foi estabelecido que eu assumisse o Clã

quando completasse dezesseis anos, e antes disso, seria aconselhado por minha mãe e um primo mais velho. Não demorou muito, Bernardo foi encontrado morto... Logo ouviu-se dizer que Alan havia fundado a própria seita, ensinando seus conhecimentos em magia...

– E quando ele morreu?

– Ninguém sabe ao certo. Há boatos de que ele fez um pacto com alguém para que ele retornasse de volta à vida no dia do eclipse de SOCRAM...

– Então, quem fez esse pacto com Alan foi o Mago!!! – disse Miguel agitado com tudo aquilo – Mas por que ele ajudaria alguém mais forte do que ele a ressuscitar?

– Como disse, Miguel, são boatos... Não se pode afirmar nada sobre o que realmente aconteceu...

Isabel estava confusa com tudo o que havia escutado. Foi então que pousou a mão no ombro de Miguel, que lhe lançou um olhar intrigado.

– Acho que já sabemos o suficiente, Miguel...

Ele levantou-se, e ambos agradeceram as explicações de Jonathan e se afastaram do local onde estavam, seguindo em direção à estrada.

Miguel estava um tanto decepcionado. Entrou no carro e ligou o relógio. Eram 11h16min.

A ADIVINHAÇÃO

A sensação de cansaço quase os impedia de raciocinar. Precisavam de tempo e era isso o que lhes faltava naquele momento. Miguel estava intrigado com toda aquela situação.

– Deveríamos ter perguntado a ele sobre o Portal.

Isabel riu da ingenuidade dele.

– Ninguém pode nos ajudar. Se o Portal tiver fim, os únicos a destruí-lo somos nós.

Certamente, pensou ela, Miguel estava um tanto neurótico por causa dos acontecimentos. Tudo estava acontecendo muito rápido diante de seus olhos.

Estavam voltando para a cidade. E na mente deles, ainda restava a esperança de conseguir quebrar os Portais a tempo suficiente de resgatar Angelina.

– Não temos pensado no quarto Portal... – disse Isabel.

Ela pegou o pedaço de pergaminho e tentou raciocinar.

Sou como o pássaro que pausa no ninho

Ou como as pedras que estão espalhadas pelo caminho.

Sou o canto de alegria de quem nunca viveu sozinho

– Impressionante... Essa senha pode nos levar a vários lugares...

Miguel acelerou e entrou na estrada de pedras, seguindo por uma rua estreita. Fez uma volta, e se dirigiu ao centro da cidade. Queria ver pessoas circulando, como se fosse um dia normal. O céu ficou nublado de repente. As nuvens pesadas começavam a tomar conta daquele cenário. O acinzentado cobriu o azul do céu.

– Vai chover. – disse Isabel.

Aquela frase o fez lembrar de Sandro. Será que depois de tudo aquilo, voltaria a trabalhar no Museu?

– Se chover, não teremos eclipse. – decepcionou-se – Será que vamos ter que lutar contra a mudança do tempo também?

– Espero que não. – desejou – Mas o que faremos aqui?

Os prédios em volta cresciam e tomavam conta da estreita rua que aos poucos abria passagem para eles. Crianças brincavam ali perto. Era como se o fantasma de Angelina estivesse ali para dizer que ainda estava viva. Sorriu. Desejava que Pedrinho também estivesse. Queria que tudo fosse diferente...

– Não adianta... – disse Isabel ao olhar o pergaminho – O único raciocínio que tenho é o que nos leva a um lugar um tanto estranho para haver um espelho.

– E onde é esse lugar?

Isabel sorriu. Impossível, pensou. Não pode ser aqui... Não, ele não seria tão tolo... Um lugar-comum... Um lugar onde

todos vão, mas não procurariam... Mas poderiam ser encontrados!!!

– Será que ele colocaria num local onde milhares de pessoas circulam???

– Pouco provável... Alguém poderia notar...

– Mas ninguém sabe que o Portal existe, exceto nós.

Miguel encarou-a, surpreso.

A rua estava deserta e o céu ficava cada vez mais nublado. Um vento forte rodeava a cidade.

Antes de chegar naquele destino, o vento ficou mais forte e uma garoa começou a cair. As árvores balançavam e não havia mais pessoas nas ruas. Miguel continuou dirigindo o carro em linha reta, devagar.

Pararam. Isabel desceu do carro. Estavam na calçada. Ela esperou Miguel acompanhá-la. Estava com o pergaminho em mãos e os olhos estavam fitos no céu que ameaçava desabar uma chuva pesada sobre eles.

– Por aqui... – disse atravessando o enorme gramado.

Era linda aquela praça. Havia canteiros de flores, um gramado extenso e uma escadaria de pedra branca. O vento rugia nos ouvidos deles. Isabel se aproximava de um banco pintado de verde. Sentou-se, esperando que a chuva logo desabasse.

– Veio aqui para se sentar?

– Sente-se também. – convidou.

Miguel ficou confuso. Ela estava séria e continuava a olhar o pergaminho em suas mãos. Se levantou repentinamente, como se buscasse algo que havia perdido.

– *Sou como o pássaro que pousa no ninho...* – repetiu.

– Todo pássaro tem um ninho. – tentou – Provavelmente ele quer que encontremos um pássaro.

– Bela piada. – desdenhou – *...Ou como as pedras que estão espalhadas pelo caminho...*

– Não querendo decepcionar você, mas... – olhou em volta – estamos cercados de pedras...

– Miguel!!! Temos que entender a adivinhação!!! Não estrague o raciocínio...

Ela deu alguns passos, e algumas gotas de água começaram a cair sobre eles. No entanto, ela permanecia concentrada. Conforme andava, repetia uma frase. Tinha que repeti-la até que um pensamento a atropelasse...

– ... *sou o canto de alegria de quem nunca viveu sozinho...*
– ela pausou – ... *sou como o pássaro que pousa no ninho...* – seus olhos viram um lindo chafariz um pouco distante.

Ela nem pensou. Saiu em sua direção e parou. A água que jorrava do alto a fez lembrar da vez que trouxe Angelina para ver o chafariz pela primeira vez, ela havia se molhado porque escorregou quando subiu nas pedras que o envolviam...

– As pedras!!! – sorriu – É isso!!!

Voltou a ler o pergaminho enquanto Miguel se aproximava.

– *“Sou como o pássaro que pousa no ninho...”* – ela voltou seus olhos para um pássaro que havia pousado na sustentação do chafariz – ... ele imita um ninho, exatamente como a senha...

– Mas falta o último verso...

– ... *Sou como o canto da alegria de quem nunca viveu sozinho.*

– Onde pode estar o espelho? No chafariz? – estranhou.

Tudo o que ela havia lido a trouxera àquele lugar. Só poderia ser isso.

– *Sou como o canto* – Miguel começou a se afastar como se houvesse encontrado algo – *da alegria de quem nunca viveu sozinho...* Ninguém vive sozinho... Ainda mais neste lugar... Uma praça... – sorriu – Mas ainda não ouvi o canto da alegria...

Seus ouvidos captaram o pio dos pássaros que estavam pousados nas copas das árvores ao seu redor. Impossível, pensou.

– Isabel???

Ela estava ajoelhada diante do chafariz, mas voltou-se para Miguel que estava a alguns passos de distância.

– O que foi?

Ela se aproximou rapidamente enquanto ele continuava com os olhos fitos em uma árvore que agora estava diante dele. Havia um buraco nela, e dentro havia um ninho. Dois ovinhos apenas. Um barulho de asas ecoou e um pequeno ser pousou sobre eles. Era a mamãe, branca e pequenina, um bem-te-vi.

– Que graça!!! – sorriu Isabel.

– Ouça. – disse prestando atenção ao canto que ouvia ao redor.

– São bem-te-vis... – sorriu, vendo um que acabara de pousar em um galho próximo, batendo as asas.

Nenhum deles precisou dizer mais nada. A pista do quarto Portal estava desvendada.

– Não sabemos onde está o espelho!!!

Um bem-te-vi saiu voando e passou raspando pelo ombro dela, e quando seus olhos se voltaram, perceberam que o pássaro havia pousado em uma pequena caverna de pedra. Eles se aproximaram, era pequena, mas o Portal caberia ali. Miguel pensou em alguma coisa.

– A varinha!!!

Isabel a segurou, desejando que funcionasse.

A pedra girou como se fosse uma porta. Havia sim, um espelho ali dentro. Estava escondido pela poeira, mas isso não

era o problema. Faltava a chave.

Angelina estava aflita.

Seus pés doíam por causa da sapatilha apertada. Sentou-se no chão e começou a massageá-los com todo o cuidado. Havia andado muito, pensou.

O cenário era o mesmo de um filme. O silêncio daquele lugar combinava com a sensação de medo que sentia naquele momento. Lembrou-se de sua amiga que havia deixado no Portal anterior e isso a fez sentir que lágrimas brotavam em sua face novamente.

O céu estava bem calmo. Não havia sinal de nuvens, apenas um sol radiante se escondendo entre as montanhas. Sabia que dentro do Portal as coisas não aconteciam do mesmo modo do que lá fora. O tempo ali dentro era outro, e não tinha nem ideia de quanto tempo estava ali.

Levantou-se. Precisava continuar. Olhou a paisagem ao seu redor. Montanhas que tinham os seus picos numa longitude e latitude impressionante. Perto dali, uma bela cachoeira com uma queda de 30 metros. Ficou impressionada. Percebeu que estava apenas em um extremo de cadeia montanhosa. Se surpreendeu mais ao ver que o quinto Portal a esperava, mas não do jeito que ela previa.

– Você tem certeza?

Miguel ficou desconcertado.

– Leia novamente.

Ela repetiu: *Sou como o canto de alegria de quem nunca viveu sozinho.*

– Miguel, encaixe as peças. – sorriu levantando-se – Lembra-se de que o Mago usa a mesma senha para o Portal e para a chave? Os versos nos trouxeram até aqui. O que falta é a chave... Aqui passam milhares de pessoas o tempo todo, o canto de alegria de quem nunca viveu sozinho... Quanto aos dois primeiros versos...

Miguel teve um momento de silêncio. Havia percebido algo diferente.

A chuva felizmente havia chegado, mas isso não impedia que o eclipse ocorresse.

Agarrou a capa cinzenta que vestia. Era glorioso pensar que finalmente se romperia o pacto que havia feito. Se desobedecesse era condenado ao seu pior sacrifício, perderia sua magia para sempre. Ele sabia que isso não lhe aconteceria. Não deveria acontecer. Não poderia falhar em sua missão, pois aquela seria uma noite especial...

Ela não acreditou no que seus olhos estavam vendo naquele momento. Mas era verdade. Havia uma cadeia montanhosa se erguendo e uma cachoeira a uma queda de cem metros. Quase escorregara nas pedras.

Ouviu a voz de uma mulher chamando por seu nome. Era sua mãe.

– Ela está aqui!

– A chave? – indagou distraído.

– Não, a Angelina!!!

Miguel se afastou. Isabel continuava ajoelhada diante daquela pedra redonda. Ele, no entanto, se dirigiu ao chafariz, onde toda aquela história havia começado. Algo lhe dizia que bastava prestar atenção a tudo o que estava acontecendo.

Olhou o chafariz como se nunca o tivesse visto. Era cercado por pedras e estava cheio de água. O barulho de água sendo jorrada, o fez lembrar que chovia naquele momento, e ele estava encharcado do mesmo modo quando conheceu Isabel. Sorriu. Uma lembrança vaga, mas que havia mudado sua vida por completo. Sentou-se ao lado das pedras, procurando se concentrar. Não havia nada de anormal ali. Recordou-se do

primeiro verso: *Sou como o pássaro que pousa no ninho... Ou como as pedras que estão espalhadas pelo caminho...* Desta vez, ele olhou dentro da pequena poça que havia ali.

Bem ali, debaixo da sustentação do chafariz estava escrito, de trás para frente, como na capela: *“A alma dos homens pertence a Deus”*. Ficou assustado. Se aquela frase estava ali, então só poderia estar... Ele abaixou-se e enfiou o braço na água. Tentou puxar algo e parecia que estava mesmo ali. Sentiu que sua mão pegou um metal. Era a chave. Tinha certeza disso. Resolveu segurá-la com mais força para puxar. Ela escorregou. Ninguém notaria um monte de pedras pelo caminho quando elas se escondem dentro da água, sorriu.

Isabel voltou seus olhos para o céu. A chuva que ameaçava cair, resolveu desabar sobre sua cabeça. Mesmo assim, não se moveu, estava diante do espelho esperando que Angelina lhe desse sinal de vida.

– Angelina... Você está aí dentro???

Mal dava para se ouvir a voz dela porque a chuva a encobria.

Seus ouvidos perceberam o ruído do vento batendo no desfiladeiro e voltando em sua direção. Começou a caminhar em direção ao extremo do local onde estava. Olhou para

baixo. Sentiu um frio na barriga. Não sabia quantos metros aquilo tinha de altura, mas, com certeza, não seria pouco.

– Angelina!!! – disse a voz que se transformou em eco.

Sabia que sua mãe não a ouviria.

Ela rapidamente se voltou e deixou escapar um grito quando pedrinhas deslizaram penhasco abaixo, mostrando-lhe o que aconteceria se não se afastasse.

O lugar montanhoso era composto por rochas, quase não havia vegetação e ela procurava um local onde pudesse avistar uma argola de fogo.

Isabel segurou o espelho com as duas mãos. Estava quase chorando quando Miguel se aproximou com uma coisa conhecida em mãos.

– O que foi???

– Angelina... – disse vagamente – Ela gritou...

– Acalme-se... Não vai adiantar entrar em desespero agora...

– Miguel e se... – ela não conseguiu falar com medo do que estava pensando.

Ele a segurou nos ombros e a levantou. Estava trêmula, podia senti-la respirando rápido, quase em desespero. Não, não podia acontecer com Isabel o que aconteceu com ele... Seria muita injustiça...

A chuva cobriu de água dois seres que estavam agora, abraçados diante de um espelho enferrujado.

Angelina, cautelosamente, caminhava sobre as rochas. Percebeu que havia uma saída sim, mas não era da forma que imaginava.

Diante da montanha em que estava, um enorme desfiladeiro se erguia. Havia muitas pedras no alto dele. Ela se aproximou para ver melhor. Algo ligava o local em que estava ao desfiladeiro. Quando percebeu teve certeza de que era uma ponte.

Duas estacas a fixavam no chão seco. As cordas estavam enfraquecidas pelo tempo. Qualquer peso que elas sustentassem, poderiam fazer com que se rompessem e dariam um trágico destino à sua vítima. Suas tábuas estavam deterioradas e em alguns locais estavam ausentes.

Angelina refletiu um pouco antes de seguir por aquela trilha. Porém, o mais trágico era que perto dela, o Portal se erguia.

Miguel segurou as mãos macias dela. Isabel estava pálida. Os cabelos de ambos estavam úmidos. Um relâmpago cortou o

céu, e logo, os trovões se fizeram presentes.

– A chave. – murmurou ele ao seu ouvido – Eu a encontrei.

A esperança voltou a brilhar em seus olhos. A solução estava ali. Soltou-se dele e se aproximou do espelho.

Um brilho passou refletido no espelho, mas desta vez, não era um relâmpago.

Ela deu o primeiro passo. Os passos seguintes vieram sem que percebesse. A ponte estremecia com o leve peso de seu corpo. Se tivesse que sustentar um adulto qualquer, com certeza se romperia.

Via o chão a alguns metros de altura. Lá embaixo corria um rio e jatos de água cristalina se quebravam nas pedras. Era um barulho forte, mas ela não se intimidou. Procurou não olhar para baixo e seguiu em frente.

Havia corvos enfileirados no desfiladeiro e a acompanhavam com olhos atentos. Ela percebeu que eles só queriam que ela caísse daquela ponte para virar comida fresca para eles.

A sapatilha era escorregadia. Uma das tábuas se rompeu e cortou levemente seu tornozelo. Conseguiu esticar os dedos até a outra extremidade da corda. Segurou-se firme e continuou, faltava pouco para terminar. Em pouco tempo estaria diante do Portal. Faltavam só mais alguns passos...

– Angelina?!

Ela o encarou.

– Me dê a chave, Miguel.

Ele a fitou com espanto.

– E se ela estiver ainda presa lá?

– A chave!!!

Mesmo contra a vontade, ele entregou a chave prateada. Nos olhos dela notava-se a aflição. Por que ela faria aquilo?

Ela aproximou lentamente a mão da abertura do espelho. Era ali que teria que colocar a chave. Hesitou. E se Miguel estivesse certo?

Alguns metros a separavam do Portal. Sentia medo de altura, aliás, muito medo mesmo. Não havia volta. A energia começou a ficar cada vez mais intensa. Olhou para o horizonte. Um vento forte se aproximava dela e a ponte começou a balançar.

Angelina se obrigou a permanecer paralisada, enquanto o vento batia na ponte e a jogava contra o desfiladeiro. Ficou desesperada. Poderia cair a qualquer momento. A ponte rangia por causa das rajadas fortes, fazendo com que os cabelos dela esvoaçassem, enquanto fechava os olhos, sentindo

o vento roçar-lhe a face.

Quando sentiu que o vento cessou, correu o mais rápido que pôde.

O Portal estava bem ali, em cima de uma rocha. Faltava só tentar alcançá-lo.

Faltava pouco... Muito pouco...

Angelina conseguiu chegar até o extremo da rocha, mas isso não era suficiente para que o Portal a sugasse. Teria que chegar mais perto, pelo menos para encostar sua mão nele. A ventania a envolveu, mas ela conseguiu subir em uma pedra e encostar-se à passagem. Era a primeira vez que ultrapassava um Portal sem que o anterior explodisse diante de si.

Cerrou os olhos. Só os reabriu dez minutos depois.

– A chave emperrou!!!

– Como???

– Não está encaixando direito... – ela forçou mais uma vez.

Miguel se aproximou e forçou a chave contra o encaixe, só assim ela pôde entrar por inteira.

Ele girou a chave no espelho que demorou a se partir, mas quando o fez, se trincou em alguns pedaços, fazendo com que uma fumaça saísse de seu interior.

– Pegou a senha? – indagou Miguel sem olhar para ela.

– Não a encontrei...

Ele foi até o espelho ver se estava ali, mas não encontrou nada. Ficou surpreso. Foi então que percebeu que havia algo de diferente na pedra redonda. Sim, pressionada contra ele, estava um pedaço de pergaminho dourado. Sorriu.

– Acho que podemos ir, agora.

Sentindo-se um pouco mais tranquila, ela podia respirar com mais calma. Seus passos foram lentos, embora a chuva continuasse forte. Ambos estavam encharcados.

Fique calma, pensou consigo, Angelina deve estar bem. Queria realmente acreditar que sim, mas era angustiante não ter notícias de sua filha.

Miguel a conduziu até o carro. Tirou o casaco e pediu que Isabel fizesse o mesmo. Suas roupas estavam úmidas e além disso, precisavam continuar o que haviam começado. Se Angelina corria risco, eles também corriam.

Ele ligou o carro e partiu. Precisava encontrar um lugar para descansar um pouco durante o almoço.

Passaram por alguns lugares. Miguel achou o que queria, um bar. Os dois entraram no local caloroso e se acomodaram. Um rapaz veio atendê-los.

– O que vão querer?

– O que você quer, Isabel?

– Tanto faz. – murmurou.

– Bem... – ele pensou um pouco – Dois sanduíches e dois sucos.

O rapaz se virou e foi na direção da cozinha. Dez minutos depois, voltou. Miguel pediu que horas eram e ele indicou o relógio no alto de uma parede azul. Eram 11h45min.

Ele se serviu. Percebeu que lentamente ela começou a mover as mãos. Sentiu que ela estava arrependida de alguma coisa, mas não queria tocar no assunto naquele momento.

– Tenho uma coisa para lhe contar, mas só faço isso se você comer.

– E se eu não conseguir?

– Eu sugiro que aproveite a oportunidade, afinal, não é todo o dia que Miguel Castilho paga um almoço a uma dama. – sorriu sarcástico.

Ela sorriu.

PORTAL V

MISTERIO

“A deformidade mais horrível da face da Terra está na perfeição.”

O ESPIÃO

Enquanto conversavam durante o almoço, do outro lado da rua, um rapaz os espiava cautelosamente. Sabia que dali não poderia ser visto mesmo que estivesse usando uniforme da seita: uma calça cinza e um casaco quase da mesma cor com o símbolo do Arco da Libélula.

Gerônio era um pobre rapaz, órfão de pai e mãe, adotado pela seita como um dos protegidos, pois até o momento quem comandava a seita era o Mago. Estudou até o terceiro ano do segundo grau, conseguiu um emprego de garçom, mas logo foi demitido porque não tinha talento nem para isso, nem para qualquer outra coisa. Conseguiu uma vaga para trabalhar em um posto de gasolina, mas foi demitido depois de duas semanas. Foi aí que o Mago lhe disse que se ele fosse capaz de ajudá-lo no ritual do Retornus Originus, ganharia uma enorme quantia em dinheiro e poderia viajar o mundo e viver o resto da vida sem se preocupar. O que passou em sua mente era o fato de que o Mago não se interessar por dinheiro algum, então seria possível ele cumprir tal acordo?

Pensava em chegar ao nível do Mago, mas ele era apenas um Protegido. Ao que ele se entregara por adoração, era o pior nível possível, e nem deveriam ser chamados de Protegidos, mas sim, de cobaias. Eram eles os convocados para seguir,

espionar pessoas e até carregar mantimentos para os rituais, ajudar o Mago no que ele precisasse, mas, acima de tudo, arriscar a própria vida para, se necessário fosse, proteger a seita.

Conheceu o Mago em uma bela tarde de domingo, enquanto brincava em uma praça. Estava com treze anos, maltrapilho, e ele lhe ofereceu abrigo. Até ali, tudo bem. Após algum tempo, o Mago mencionou a seita. Disse sobre a lenda do Lorde, ele não se assustou e ficou muito curioso a respeito do assunto.

– Quando o Lorde retornar das sombras da morte, lhe prometo que terás a recompensa que todo homem deseja...

E ele fitou-o, quase em êxtase.

– Vou ganhar dinheiro, senhor?

– Muito dinheiro. Basta você me ajudar no que vou precisar.

Os anos passaram e ele se transformou em homem. Nunca recebeu carinho de uma garota e isso prejudicava seu ego. O Mago mencionou que Miguel tinha parentesco com o homem que o ajudou a construir os sete Portais há trinta anos. Mas, então, apareceu Daiane para complicar a situação.

Sentia medo de desobedecer, e talvez por isso o venerava. Queria dinheiro em troca do favor que estava cumprindo, mas o que o Mago fez por ele, o fazia sentir-se como um filho

adotivo.

Esgueirou-se para ver melhor. Isabel sorria discretamente enquanto conversava com Miguel. Seus pensamentos se voltaram para o que o Mago havia pedido.

– Não importa o que aconteça, agora é eles ou você.

Seria eliminado se não cumprisse sua missão.

Seus pensamentos voaram longe quando viu Miguel se levantar e ir ao balcão.

Olhou no relógio. Eram 12h15min. Quanto tempo eles ainda ficariam ali?

O céu estava tempestuoso, mas ele estava protegido da chuva embaixo de uma varandinha de hotel. A chuva seguia forte, e o vento causava uma sensação de frio. Estava implorando para que aquilo acabasse logo...

Isabel levantou-se. Alarme falso. Queria ser uma mosca para saber sobre o que eles tanto conversavam. Não conseguia ler os lábios deles, estava muito afastado do local. A expressão no rosto de Isabel parecia séria, isso dava para perceber. Ele no entanto, estava bem animado. Sorria, mesmo que isso fosse só para disfarçar a preocupação. Viu que ele passou um pedaço de papel a ela. Sabia que aquilo só poderia significar que eles estavam com uma das senhas do Portal.

– Dessa vez eu vou conseguir pegar... – prometeu a si mesmo.

Alguns minutos depois, a chuva cessou milagrosamente por completo. Uma garoa fina invadiu a cidade, mas logo cessou.

Agora sim, Miguel se levantou. Saiu do bar sozinho e se dirigiu ao carro. Isabel parecia ter ido ao banheiro e quando voltou, entrou no veículo. Não poderia perdê-los de vista. Rapidamente examinou os bolsos. Ali havia dinheiro suficiente para pagar um táxi. Se atracou no meio da rua o mais rápido possível e um táxi parou. Embarcou e pediu que seguisse o carro que saía naquele momento. Agora, não os perderia de vista.

No banco de trás, Gerônimo sorria com tranquilidade. Agora, eles não escapariam.

O MISTÉRIO

Miguel não percebeu que estava sendo seguido porque conversava com Isabel sobre a senha do Portal.

– O estranho é que são palavras muito simples e que parecem não ter nenhuma coerência...

– Isso já aconteceu quatro vezes. – sorriu.

– Mas desta vez é diferente. – ele tirou do bolso o pedaço de pergaminho novamente. – Leia.

Isabel percorreu os olhos pelas palavras como se as subentendesse.

O medo nos fez existir e a morte nos fez viver

– Como o medo pode fazer existir? Isso não tem sentido... E a morte nos fez viver???

O carro se locomovia muito rápido.

Naquele momento, ele só possuía um pensamento que invadia sua mente, salvar Angelina a qualquer custo. Sentia que não poderia deixar acontecer com ela o que aconteceu com Pedrinho. Ao menos havia uma possibilidade de salvá-la e seria isso o que faria.

O silêncio foi quebrado pelo celular de Isabel. Era o número da professora de música de Angelina.

– Sra. Oliveira? – disse uma voz esganiçada.

– Sim?

– Desculpe o incômodo, mas sou professora de sua filha e me preocupei porque esta semana você não a trouxe às aulas... Aconteceu alguma coisa?

Isabel permaneceu em silêncio pensando exatamente o que diria.

– Bem, é que... Tive uns problemas para resolver e ela não pôde...

– Problemas financeiros???

– Não, não...! – ela ficou sem graça – Angelina só não passou bem... Mas logo ficará melhor.

– Certamente. Só espero que ela retorne em breve ao colégio...

Isabel fez menção de desligar, mas a voz interrompeu-a novamente.

– Só mais uma coisa... Seu ex-marido não deveria estar com Angelina este final de semana?

Um nó na garganta. Era óbvio que ela já havia ligado para Bruno.

– Como eu disse, tive alguns problemas, e eu preferi cuidar de Angelina para que ela melhorasse, se quisesse que minha filha fosse internada, com toda a certeza, ela estaria com o pai.

Silêncio do outro lado a linha.

– Desculpe por incomodá-la, sra. Oliveira. – e desligou.

Miguel a encarou com ar de desconfiança. Ela permaneceu séria.

– Acho que a guarda de Angelina está perdida.

– Não diga uma coisa dessas!!! Pelo menos, não por enquanto.

As palavras de Miguel já não a consolavam. Em sua mente, se Bruno viesse a conseguir a guarda de Angelina, seu mundo desabaria por completo.

– Ele vai se casar daqui a duas semanas... Será que ele não entende que não precisa disso?

Precisava ao menos tentar impedir que se Angelina saísse do Portal, ela sofresse por ser tão disputada.

O DESERTO

Sua cabeça doía por causa da queda do Portal. Estava sentada, o vestido quase rasgado e muito sujo. Suas mãos estavam deitadas no chão e ela percebeu que ali havia areia. Foi então que abriu os olhos.

Era noite, e estava muito frio. Ficou assustada ao perceber que o mundo ao seu redor era feito por dunas e muita areia.

Caminhou durante algum tempo, sem rumo. O vento ainda lhe batia na face e sua pele estava arrepiada. Percebeu que estava só e cercada por dunas em todos os lados, foi então avistou algo.

Ao longe, uma pequena faísca de luz brilhava na densa escuridão. Iludida com a possibilidade de ter visto o Portal, correu em sua direção. No entanto, quando conseguiu chegar mais perto, notou que havia um ser encapuzado perto de uma fogueira.

Angelina pensou que pudesse ser o Mago, e isso fez com que ficasse amedrontada. O cansaço a vencia e ela se rendeu ao se aproximar da criatura. Sorrateiramente, ela deu os primeiros passos na direção da fogueira, na tentativa de ver quem estava ali.

– Aproxime-se, menina. – pediu uma voz áspera por debaixo do capuz.

– Primeiro, deixe-me ver seu rosto.

– Não!!! – disse em um sussurro – Se mostrar meu rosto, posso lhe assustar. Minha imagem vale menos do que minhas atitudes.

– Então, quem é você?

– Sou o Equilíbrio... – sorriu – Você é muito corajosa, criança...

– Está aqui para me ajudar?

– Talvez... A decisão é sua, confiar em mim ou não.

Aquela criatura que estava sentada perto da fogueira, levantou-se, mostrando sua admirável altura de três metros.

Era um ser estranho, bem diferente de tudo o que se pode imaginar. Sua pele escura e fina mostrava os ossos lamentavelmente visíveis, tornando-o esquelético. Os olhos eram amarelados, e seu focinho era semelhante ao de um cachorro.

Ele lhe estendeu a mão, mostrando dedos estreitos e longos.

– Fique com este cristal para que ilumine seu caminho. Ele pode indicar a saída deste Portal ou o fim de sua jornada aqui. Mas lembre-se, não haverá chance para erros ou dúvidas.

Angelina pegou o cristal e o admirou. Quando voltou seus

olhos, a criatura não estava mais ali, restava somente a fogueira.

Ela percebeu que não haveria perigo se descansasse naquele lugar por algum tempo. Aconchegou-se perto da fogueira. O frio aos poucos foi deixando seu corpo, sua mente começou a vagar... E cerrou os olhos como se aquela fosse a melhor sensação do mundo...

E adormeceu.

O táxi que os acompanhava logo atrás não estava preparado para a mudança de rumo e quase bateu no carro que estava seguindo.

– Preste atenção!!!

O taxista lhe encarou pelo retrovisor, parecendo irritado.

Gerônimo não se deixou abalar, mas ficou em silêncio no banco de trás, esperando que Miguel parasse logo aquele carro, antes que o taxímetro lhe roubasse todo o seu dinheiro.

– Acho que estamos sendo seguidos. – disse Isabel olhando pelo espelho do carro.

Miguel olhou pelo retrovisor e viu o mesmo táxi que estava acompanhando-os desde o bar.

– É verdade. – disse calmamente.

– Como você simplesmente pode achar isso natural?

– Isabel, pense comigo... Esse homem que está nos seguindo, não é tão esperto quanto parece.

– Ah, e vamos deixar que ele nos siga até quando?

Eles entraram em uma rua estreita, deixando a estrada principal, e perceberam que o táxi ainda os seguia.

– Eles apanharam a isca.

Ela olhou em volta e viu que eles não estavam em uma rua desconhecida.

– Por que estamos na rua da minha casa?

– Você já vai entender.

Gerônimo não prestou atenção ao movimento do carro à sua frente, apenas percebeu o momento em que o táxi freou bruscamente.

Estavam diante de uma rua larga, um edifício azul surgiu diante de seus olhos. Olhou uma placa com o nome da rua e achou aquilo muito estranho.

Um pouco afastado, estava o carro prateado perto da calçada do estacionamento.

– Vamos esperar?

Gerônimo o fitou.

– Eles já saíram do carro?

– Ainda não.

Gerônimo os espiava cuidadosamente. Percebeu que havia um movimento lá dentro, como se eles procurassem alguma coisa. De repente, os dois saíram do carro e seguiram rumo ao edifício.

– O que eles vieram fazer aqui?

Angelina despertou junto com o amanhecer. Quando tomou consciência das coisas, tentou lembrar-se se o que havia acontecido era mesmo verdade ou se tudo não passou de um sonho.

A areia se erguia em dunas ao seu redor, e no solo haviam cinzas, o que havia restado da fogueira. Apoiou-se no chão para se levantar, e foi tomada por uma dor latejante. Era o cristal, preso em uma de suas mãos.

Olhou atentamente para ele. Não sabia para que servia e tampouco se deveria confiar nele. Segurou-o fortemente entre as mãos, mas nada acontecia. Girou, balançou, e em um gesto de desespero, deixou que ele caísse. Ao cair, o objeto formou pequenas ondas de luz em uma de suas bordas, indicando uma direção.

Caminhou muito, e estava cada vez mais quente, a cada instante o cristal brilhava mais forte. A luz estava exatamente no meio do cristal, com toda a sua intensidade, mas Angelina

não percebia vestígio algum do Portal.

– Sem olhar para trás!!! – sussurrou ele.

Isabel foi tomada por um arrepio. Sentiu que havia algo acontecendo e ela odiava saber que Angelina estava longe.

– Angelina corre perigo... – disse para si mesma.

Eles haviam saído do carro com o laptop debaixo do braço. Miguel trancou o carro, assim que o estacionou na ruazinha.

– Por que não estaciona lá dentro?

– Faz parte do plano... Perceba que eles também estacionaram o táxi.

Ambos entraram no edifício, seguindo até a garagem. Havia uma planta bem cuidada que enfeitava o corredor.

Estavam se dirigindo ao fundo da garagem onde havia poucos carros estacionados. Miguel se sentiu perdido.

– A maioria dos carros são do mesmo modelo... Você sabe qual deles é o seu?

Ela encarou-o e ergueu a sobrancelha. Depois, sem se virar, apertou o botão na chave e um alarme de bipe iluminou o pisca de um carro à direita deles.

– É aquele!!!

Ele riu. Isabel entrou no carro e apertou o interfone.

– Celso, é Isabel Oliveira. Preciso que me faça um favor.

Sim, é uma emergência... A saída atrás do edifício pode ser acessada neste momento? Ah, tente, por favor...o.k. Eu espero.

Um bipe soou no interfone. Celso havia desligado.

Um minuto de silêncio se passou entre os dois.

– Será que eles não vão perceber que estamos saindo pelos fundos?

– Só se eles conseguirem entrar aqui.

O silêncio foi quebrado por um bipe do interfone. Isabel pegou-o rapidamente.

– Sim?

– Isabel, fiz o que pude, mas... Há uma reforma sendo realizada, é tudo muito perigoso, principalmente se tiver que passar de carro... Mas você tem cinco minutos para tentar passar...

– Muito obrigada, Celso.

– Mas tome cuidado.

O interfone foi desligado. Miguel quase levou um susto quando a viu ligar o motor do carro e sair dirigindo em direção a uma porta onde havia uma rampa. Ela passou deslizando e logo entrou no corredor de cimento. Ela girou o volante à direita, e em pouco tempo estavam do outro lado do edifício se encaminhando para o lado oposto da rua principal.

– Conseguimos. – sorriu.

Isabel apertou o botão do rádio e apareceram as horas.
Eram 13h18min.

Miguel largou o laptop no banco traseiro do carro e pegou um pedaço de pergaminho do bolso. Examinou mais uma vez, como se fosse ler alguma língua estranha.

– *O medo nos fez existir e a morte nos fez viver...*

– Esse lugar deve estar associado a alguma história de terror... – brincou ela.

– E por que não? Como o medo pode fazer alguém existir? Como a morte pode fazer viver?

Por um instante, ela silenciou. Queria falar algo que poderia irritar ou comover Miguel, mas sabia que não era uma boa hora para discutirem.

– Daiane...

– O que disse?

– Miguel, me veio em mente uma coisa estranha... Pense... Se esta senha estiver voltada para um lugar que se ligue quase diretamente à...

Miguel esperou que ela continuasse, e ela tentou, insegura.

– Daiane...

Desta vez, foi ele quem ficou em silêncio. Poderia não fazer sentido o que ela acabara de dizer, mas se fosse verdade, então haveria um motivo que ligasse Daiane ao Portal...

– Até agora, só ela tem nos auxiliado, e cada vez mais me sinto perto de ser surpreendido pelo passado novamente...

Isabel estremeceu. Restava a senha que ainda não haviam decifrado. Ela releu mais uma vez.

– Miguel... – disse de repente – Você conhece algum lugar que ela tenha frequentado e que lhe faz lembrar desta senha?

Ele tentou se lembrar dos momentos em que passara com ela. Estavam noivos quando ela o levou para conhecer aquele lugar especial, embora não gostasse das lembranças daquele lugar. Ainda sabia o caminho.

– Vamos ter que sair da cidade. Não é muito perto, nem muito longe.

– Há quanto tempo?

– Uma hora...

– E onde é?

– Já ouviu falar no Casarão dos Roy?

OUTRO ENGANO

Gerônimo estava parado dentro do táxi, perto do edifício, esperando que Miguel e Isabel saíssem dali. O que ele não previa era que estava perdendo seu tempo.

Quase ficou estrábico ao ver que ainda rodava o taxímetro.

Eram mais de cem reais. Resolveu que esperaria mais um pouco e entraria no edifício para surpreendê-los.

– Quanto tempo ainda vamos ficar aqui?

– Só mais um pouco. – disse inquieto.

Se não conseguisse arrancar pelo menos uma senha para impedir que eles continuassem quebrando Portais a uma velocidade surpreendente, Alan Lorde, mesmo com eclipse, não ressuscitaria. Olhou para o relógio. Eram 13h45min.

– Será que eles não vão sair daqui?

Gerônimo engoliu em seco. Rapidamente saiu do táxi e pagou o homem quase esfregando o dinheiro em seu bigode. Saiu rumo ao edifício.

Isabel estava dirigindo em alta velocidade na estrada de chão que até era adequada para dirigir.

– Perguntei se você conhece a lenda do Casarão dos Roy?

– Não sei se já ouvi falar... Por quê? Ela é mal-assombrada???

Miguel franziu o cenho. É, talvez fosse.

– Pode ser. Mas sabe o que me fez lembrar desse lugar?

Ela encarou-o, esperando sua resposta.

– Daiane me levou até lá.

Angelina não conseguia entender, andava em círculos tentando encontrar uma resposta, e começava a pensar que aquela criatura a havia enganado.

Ela continuava seu trajeto, quando acabou resvalando em uma superfície estranha. Percebeu que a areia descia em forma de funil e agora estava sendo sugada pela areia movediça. Esforçou-se ao máximo, mas não era possível sair dali. Uma voz conhecida a despertou de seus pensamentos.

– Não se preocupe, menina. Logo tudo vai acabar.

– Foi você quem fez isso??? Eu confiei em você!!!

Apenas um sorriso surgiu por debaixo do capuz, enquanto o pequeno corpo da menina estava quase todo submerso. Angelina fechou os olhos e trancou a respiração, pois seu corpo estava agora por inteiro embaixo da areia, seria seu fim...

Ela caiu e seu corpo rolou para baixo, e quando chegou ao fim daquela enorme torre de areia, limpou seu rosto para que pudesse olhar ao seu redor e a escuridão a envolveu. Havia somente o cristal que piscava, iluminando aquele local.

Angelina não acreditava que estava viva. Estava sem forças para chorar, mas teve a certeza de que não havia sido enganada. O cristal em suas mãos ainda brilhava

intensamente e isso foi o bastante para que ela continuasse sua jornada na escuridão.

Não havia ninguém. Ela e Miguel não estavam no edifício, haviam escapado.

Estava se sentindo muito irritado, e saiu do prédio antes que cometesse alguma loucura.

Alguma coisa estava errada.

Com certeza estava errada. Viu que não tinha para onde ir, mas isso não era o caso. Precisava saber como os dois haviam fugido e onde eles poderiam estar naquele momento.

Colocou as mãos no bolso e encontrou algumas notas. Não poderia pegar outro táxi, sabia que aquilo não seria suficiente.

– Ai, que ódio!!! – desabafou – Se ele souber que perdi o rastro...

Onde Miguel iria naquela situação... Poderia tentar seguir seus passos...

Se eles haviam escapado do campo de visão dele, certamente haviam usado uma saída pelos fundos do edifício. E se eles conseguiram essa proeza, provavelmente haviam saído na estrada principal... E depois disso...

– ... A estrada de chão.

Sim, só poderia ser isso. Eles pegaram a estrada de chão, seja lá para o que tenha sido. O resto era deixar acontecer. Correu um bocado. Precisava de uma condução. O lugar era longe e andando não chegaria a tempo. Precisava arrancar a senha deles antes que eles quebrassem o quinto Portal.

Aproximou-se de um estacionamento. Era isso que precisava naquele momento. Havia dois carros e oito motos. Permaneceu um momento parado, observando. Pé ante pé, ele aproximou-se de uma moto bem simples. Algumas pessoas circulavam por ali, mas nenhuma parecia notar sua presença.

Contou até três. Um... dois... TRÊS!!!

Pulou na moto e passou a mão na fechadura, uma fumaça negra saiu de seu anel, encobrindo a palma de sua mão e penetrou sobre a abertura, fazendo com que um baque surdo ligasse a ignição, dando arranque ao motor. O dono da moto não estava entre aquelas pessoas.

O que Gerônimo não percebeu era que estava sem capacete e seria fácil de encontrá-lo onde quer que estivesse.

A moto não era excelente, mas se locomovia rapidamente. Já se aproximava da rua principal, e logo sairia na estrada de chão. Só precisava tirar a senha deles, sem senha, não haveria como encontrar os outros Portais.

– O Mago vai gostar muito de ver que consegui... O Lorde vai me recompensar...

Agora ele estava em alta velocidade. Entretido em seus pensamentos, não percebeu que um besouro voava no meio da estrada e logo sentiu uma forte pancada no rosto.

– Meu olho!!!

Quando o inseto o atingiu, Gerônimo perdeu o controle sobre a moto e caiu. Quando se recuperou do susto, foi até o espelho do retrovisor e viu o resultado da pancada, um olho roxo que mal conseguia abrir.

– Não acredito nisso!!!

Sentiu tamanha raiva naquele momento, mas teria que continuar seguindo viagem.

Eram 13h45min. Miguel sentia seu estômago revirar.

A estrada estava regular, mas Isabel havia manifestado uma habilidade para dirigir rápido sem pensar duas vezes em pisar no acelerador.

– Estou fazendo isso por Angelina. – disse de repente – Ela é tudo o que tenho, não posso perdê-la!!!

– Admiro sua coragem, queria ter feito o mesmo por Pedrinho...

A frase ficou no ar. Não queria dizer que seu filho havia morrido porque nem mesmo ele tinha certeza disso.

– Miguel, você não sabe o quanto foi difícil chegar até aqui... Não tem que se sentir assim, ainda nos resta

esperança!!!

Ele teve a impressão de que um dia Daiane lhe disse essas palavras enquanto ele chorava diante do Portal. Sentiu uma dor no peito e um nó na garganta.

Isabel levou a mão ao peito. Outra pontada. Um pressentimento, talvez. O destino de sua filha estava em suas mãos.

O Mestre vinha em sua direção. A esposa dele estava grávida, mas ele ainda não sabia disso.

O vento soprava mais forte, era como se preparasse o caminho para a chuva descer sobre eles.

– Não vai meditar?

– Na verdade, estou meditando há algum tempo...

– Você se preocupa demais. Recobre suas energias para esta noite. Vai precisar muito.

– Você está certo. – disse levantando-se, a capa que vestia esvoaçava com o vento – Esta pode ser a última noite de minha vida.

– Não diga isso...

– Vou cumprir o que prometi, independente das consequências!!!

– Miguel também quer acabar de uma vez com isso, está

impaciente...

– Não é ele quem deve acertar as contas com o Mago, sou eu.

– Pense bem no que vai fazer...

– O que ele queria?

– Ajuda. – sorriu.

– E o que você disse???

– Que não poderíamos fazer nada.

– Ele acreditou?

– Sim, mas temos que garantir que mais ninguém além de nós, saiba que não cumprirei com o que disse.

– Ninguém saberá.

O CASARÃO

Faltava alguns poucos quilômetros para chegarem a seu destino. Miguel podia se sentir mais leve conforme se aproximavam. Estava com esperanças de que estava no lugar certo.

Isabel começou a reduzir a velocidade, porque o lugar começava a ter ar de pântano. Viu que o rosto de Miguel estava sereno..

– Que horas são?

O relógio marcava exatamente 14h00min.

– Será que Gerônimo ainda está nos seguindo?

– Como sabe que era ele?

– Ah, o Mago é que não seria!!!

– Será que ele ainda está parado diante do prédio esperando a nossa saída?

– Gostaria muito de saber!!! – riu ela.

Os buracos na estrada o impediam de ir muito rápido e sabia que era por ali que eles haviam passado. Então, a única conclusão que possuía, era que só havia um lugar que poderiam ter ido.

– O Casarão dos Roy...

O carro foi reduzindo a velocidade até que parou. Estava diante de um vasto jardim coberto de ramos e arbustos, quase impossibilitando o acesso ao casarão.

– É aqui. – sorriu Miguel descendo do carro.

O cenário era mesmo deslumbrante. Ele se sentiu meio nauseado por causa dos acontecimentos, mas se recompôs rapidamente.

Miguel apontou para o meio dos arbustos. Eles se

aproximaram, vagarosamente, e descobriram um casarão antigo. Estava em pé, embora houvessem as cicatrizes do tempo em todas as paredes. O branco da casa agora estava envelhecido, e há tempos já não era o mesmo.

– O casarão!!! – disse surpresa.

– Sim, e ele pertenceu ao bisavô de Daiane, Abílio Roy.

Ela encarou-o, quase sem fôlego.

– O sangue que ela herdou de Abílio passou por Ângelo, seu avô, e pelo seu pai Bernardo. Foi pelo sangue desses três homens que Daiane foi aceita como Protetora do Livro Sagrado da C.O.

– E o que a morte dela tem a ver com esse casarão se ela nunca morou aqui?

– Está ficando esperta!!! – ele parou e começou a lembrar

– Na manhã em que escreveu a carta direcionada a mim, ela pegou o carro e ganhou a estrada...

Isabel sentiu um arrepio quando se obrigou a olhar para o casarão.

– Ela vinha para cá...

– Sim, você acertou.

– Mas ela não morreu aqui, e sim na estrada.

– Mas ela estava a caminho daqui.

Isabel ainda estava pensativa... Algumas coisas não faziam

sentido...

– O pai dela morreu, estou certa?

– Sim, ele se enforcou... E sabe como identificaram o corpo dele?

– Não faço a menor ideia...

– Ele possuía um anel de bronze no dedo indicador.

Isabel parou de rir. Miguel não havia percebido que ela acabara de encontrar um novo mistério.

– Um anel de bronze?

– Sim, bronze. Algum problema?

Ele franziu a testa.

– Enquanto eu procurava sobre a C.O., na Web, encontrei uma coisa interessante. Eles não utilizavam anéis porque seria fácil de perceber, por isso optaram por usar cristais.

Miguel deixou-se levar. Havia cristais azuis na caixa que Daiane havia lhe deixado.

– Cristais?

– É, cristais. Era mais fácil usá-los em rituais.

– Daiane...

– Sim, ela tem cinco deles.... Mas se cada cristal pertence a uma pessoa...

– De quem são os outros quatro que ela tem?

– De quatro bruxos... Exceto o quarto...

- Ah, e quem são eles?
 - Abílio Roy, Ângelo Roy, Bernardo Roy... Faltam dois...
 - Um pertencia à Daiane... – sorriu – Ainda falta o último...
- Isabel sorriu. A linhagem ainda não estava completa.
- Sabe a quem pertence o último???
 - Não faço a menor ideia...
 - Pertence ao descendente de Daiane.
- Miguel caiu em si, era óbvio.
- Pedrinho...

BECO SEM SAÍDA

Gerônimo podia ver as copas das árvores do jardim do casarão. Faltava muito pouco para chegar até lá. Acelerou a moto e percebeu que a gasolina já estava na reserva.

Sabia que deveria chegar a tempo de lhes tirar a senha do Portal, mas estava cada vez mais difícil. Conseguiu erguer o pulso e ver no relógio que eram 14h11min.

- Vamos... Continua coisinha...

A motocicleta começou a falhar e foi diminuindo a velocidade até parar. Esperou um pouco e ligou de novo. Não adiantava. Estava sem gasolina.

Desceu, resmungando, e seguiu andando. Ao longe já podia ver o carro estacionado perto dos arbustos. Se aproximou, aos trancos, e conseguiu visualizar melhor o que queria.

Os dois fugitivos não estavam ali, parecia que já haviam entrado no casarão. Seria excelente, já sabia como pegá-los de surpresa.

– Vocês me pagam!!!

Ele se encaminhou para a porta e ao abri-la, ouviu um leve rangido. Não queria fazer barulho. A casa estava mobiliada pelo último Roy que morara ali, e curiosamente ele o conheceria pessoalmente.

Curiosamente a casa estava limpa e impecável. Era de se esperar. Cada cômodo era simplesmente perfeito, tudo estava em seu lugar e não havia sinal de sujeira. Os móveis era estilo século XIX e ainda havia um ar moderno por ali. Toda a decoração era minuciosamente pensada, e exibia um adorável conforto.

Estava diante das escadas em forma de espiral. Segurou o corrimão e respirou fundo. Subiu.

Conforme subia os degraus, o cenário começava a mudar. Pisou em um tapete persa e sentiu-se emocionado. Como aquilo tudo significava para ele...

As paredes eram brancas. Uma bela luminária de cristal pendia do teto do corredor. Agora ele se viu diante de oito portas. Em apenas uma delas estavam os dois que ele procurava.

Outra vez ficou confuso. Tudo dependia da escolha que

fizesse. Ponderou por um instante: se escolhesse a porta errada, poderia dar tempo para que os dois fugissem do casarão. Se ele escolhesse a porta certa, poderia usar Isabel de refém em troca da senha. Restava saber qual delas poderia estar com ambos.

Ouviu um riso. Era de uma mulher. Havia vindo da terceira porta. Se aproximou. Sim, era ali.

– ...Nem conheci Bernardo. Mas pelo que tom de Daiane quando me falava dele, acredito que tenha cometido muitos erros...

– Miguel!!! – sussurrou – Acho que ouvi um barulho.

– Pode ser, a casa é mal-assombrada...

– Tem alguém aqui....

Miguel olhou para o lugar onde estavam. A sala parecia ser de música. E era. Na verdade, foi Daiane quem lhe disse isso. Segundo ela, a família adorava música e era tradição alguém da família saber tocar algum instrumento musical. Daiane adorava piano.

Naquela sala haviam alguns instrumentos, uma mesa, um piano e cortinas.

Miguel conseguiu puxar o braço dela a tempo.

A porta abriu. O que Gerônimo viu, não lhe agradou. Não havia sinal de que os dois estivessem ali, mas ele ouviu o riso vindo daquela sala...

Atrás da cortina, Miguel e Isabel respiravam com dificuldade.

Gerônimo examinou cada canto, em busca de algum vestígio. Viu um movimento vindo da cortina. Se aproximou, e quando a puxou, sua visão se misturou com uma dor que latejava no meio de suas pernas. Deixou-se tombar e percebeu que dois vultos se dirigiam para fora da sala.

– Não!!! – conseguiu falar.

– Vamos... Depressa!!!

Não havia como saber para onde eles se dirigiam. Sua respiração estava difícil.

Ambos se direcionaram até uma sala mais próxima do salão de festas que ficava no porão. Era um salão amplo, bem conservado, e com indícios de que não era frequentado há anos.

– O que viemos fazer aqui?

– Temos que quebrar o Portal antes que Gerônimo apareça...

– Mas onde está o Portal?

Algo lhe dizia que estava ali. Isabel continuava séria.

– Leia a senha de novo. – pediu ela.

– *O medo nos fez existir e a morte nos fez viver...*

Isabel achou graça naquela senha. Como não havia percebido antes?

– Ele é patético. – desdenhou, com braços cruzados.

– Por quê?

– O pronome “nos” tem três letras e que por um acaso estamos nos referindo a três bruxos que pertenceram à família dos Roy, os quais têm uma morte praticamente enigmática...

Miguel voltou ao passado, esperando encontrar algo que lhe clareasse a mente. Tinha que descobrir um local onde poderia estar escondido um espelho.

Isabel pensou em todas as coisas possíveis. Uma ideia passou por sua mente, quase que despercebida.

– Além de professora, Daiane já foi bailarina?

Ele franziu o cenho.

O lugar era frio e úmido, era quase impossível acreditar que aquele local subterrâneo fazia parte daquelas dunas. Havia um túnel um pouco maior do que Angelina. Nas paredes escorriam raízes até o chão e o lugar irradiava vida. Aos poucos, flores começaram a aparecer, podia sentir o cheiro de rosas ao seu redor.

Ficou maravilhada com a visão do Portal, dessa vez percebeu a presença de mais alguém ali, como se já esperasse sua chegada, a mesma criatura culpada por sua trajetória.

– Venha, menina corajosa. – disse com alegria em sua voz.

Angelina, com lágrimas nos olhos, se aproximou, abraçando aquela criatura. Ela se abaixou.

– Sei que seu tempo aqui está acabando, mas tenho algo importante para lhe dizer. – e retirou o capuz que cobria seu rosto – A deformidade mais horrível da face da Terra está na perfeição. – houve uma pausa – Então, criança, se sentir vontade de chorar, chore. Se sentir medo, o enfrente, não viva o medo dos outros nem suas vidas, contrarie os sábios e descubra suas próprias verdades. Só assim terás uma vida, independente se está no Portal ou fora dele.

Angelina assentiu com a cabeça, como se fosse levar aquelas palavras sempre consigo. Deu um último abraço e seguiu em direção ao Portal.

– Talvez tenha sido.

– Como, talvez?

– Não sei tudo sobre ela, mas pode ter sido. – ele coçou a cabeça – Ela sempre dançou muito bem e me garantiu que não fez aulas de dança... mas nunca me disse nada sobre balé.

Isabel suspirou e passou a mão no pescoço.

– Você conhece essa casa o suficiente?

– Não. Mas não custa tentar. Pra onde vamos?

Ela pensou por um instante. Estava tentando localizar

exatamente o local que pudesse estar o que procurava.

– Um... Ateliê?

Miguel ficou surpreso, poderia haver um por ali, sim, mas onde?

– Acho que deve ser bem próximo do corredor. – ele se dirigiu a uma porta que estava trancada. Bateu nela, mas precisava de uma chave.

Isabel, inesperadamente começou a tatear as paredes. Parecia que estava por ali a resposta. Tem que ser aqui... Em algum lugar com uma trava... Ou um símbolo....

Seus dedos deslizaram por alguma coisa. Não sabia o que era. Afastou-se e procurou algo forte o suficiente para chocá-lo contra aquela extremidade. Achou uma barra de ferro.

– Isabel, não pode... – a frase pairou no ar.

A parede já exibia um símbolo grotesco.

Os olhos de ambos estavam vidrados naquela simbologia que exibia na parede. Era uma espécie de porta ao mesmo tempo que se assemelhava a um cofre. Ali, diante deles, o instrumento de ferro com cerca de um metro quadrado de área, tatuado com uma série de desenhos que não podiam ser distinguidas.

– Parece com um arco... Ou... Uma estrela e duas luas... Sim... Parece o símbolo do C.O.

Havia perdido a noção de quanto tempo estava naquela posição. Aquela mulherzinha pagaria por aquilo... Por mais que ainda doesse aquele local, deveria segui-los.

– Se prepare, queridinha... – resmungou – Você será a primeira...

De súbito, ele se levantou. Precisava ir com mais calma. Abriu a porta, não havia sinal deles. Deu alguns passos para fora. Olhou pelo corredor estreito. Nada. Silêncio. Nenhum ruído. Estava desconfiado. Alguma coisa estava errada.

Ouviu cochichos. Vinham de algum lugar ali perto. São eles. Se aproximou mais do corredor e agora podia ouvir as vozes claramente. Mas não queria pegá-los ali.

– É um símbolo do C.O.?

Isabel se aproximou mais da porta. Percebeu que aquilo não era usado há anos e que haviam pintado a parede para cobrir a passagem. Alguma coisa importante estava oculta ali dentro.

– Vamos abrir...

Isabel retirou a varinha do blazer e tocou o símbolo. Nada aconteceu. Pensou um pouco. Tocou o símbolo novamente, desta vez, na parte do arco. Uma luz prateada iluminou a fenda lacrada e abriu a porta.

– Impossível!!!

– Por que abriu com... O arco?

Preferia não responder e acreditar que aquilo deveria ser engano...

Lá dentro estava escuro. Miguel entrou primeiro e tateou as paredes em busca de luz. Não havia nada. Os olhos de Isabel viram um castiçal em cima de uma mesa de canto. Correu até lá e o acendeu. Entregou-o a Miguel. A luz iluminou o local, a princípio, deserto. Não havia nada ali. Era um cubículo. Vazio.

– Não há nada!!!

Isabel parecia estar decidida. Outra vez tateou as paredes e, inaceitavelmente, encontrou o que procurava. Outra fenda. Puxou a varinha e murmurou para que ele não ouvisse: Bernardo Roy. A porta emitiu um rangido e permitiu sua entrada. Miguel, espantado, entrou logo atrás dela. Receava que estivessem sendo seguidos. A qualquer momento o servo do Mago poderia aparecer ali e surpreendê-los.

A luz que vinha do castiçal iluminou todo o quartinho. Era abafado ali dentro. Não havia muita coisa. O espaço era surpreendentemente amplo.

Haviam duas estátuas brancas feitas de mármore. Detalhes à parte, uma, à direita da porta era de um inseto gigante e a outra, à esquerda da porta, era de uma mulher com uma enorme estrela em uma das mãos e na outra, uma enorme lua. O chão era de madeira, diferente do resto da casa, o que era estranho. A parede lateral exibia um enorme espelho, mas não

era o Portal.

Miguel olhava as paredes como se aquilo fosse impressionante. Era apenas uma sala mal iluminada, onde deveria haver um espelho de mais ou menos um metro e meio. Mas onde ele estava?

– Acho que erramos de lugar. – disse Isabel.

Ele não ouviu. Percorreu os cantos daquele lugar, quase ofegante. Parecia estar em êxtase. Era como se ele enxergasse com os olhos de outra pessoa e procurasse por algo que ninguém soubesse.

Isabel notou a mudança de comportamento. Lembrou que já se sentiu assim. Sabia que quando ele voltasse à si, não lembraria de nada do que havia feito. Os olhos deles estavam inexpressivos.

Sentiu-se trêmulo. Segurou-se na parede, aparentemente nauseado. Dentro de sua cabeça, tudo girava, mas ele estava bem perto do que precisava. Não, alguma coisa estava errada. Não era ele, era outra pessoa, alguém que ele não conhecia. Cambaleou. O cenário estava escuro. Sentiu que uma força lhe segurava. Viu, mesmo naquela escuridão, um brilho. Ele ficava mais intenso conforme se aproximava. Miguel achou que desmaiaria.

Uma dor latejante invadiu sua cabeça. Ele se sentiu desesperado, sem saber o que fazer. Sabia que estava sendo

segurado por alguma coisa e ao mesmo tempo, não podia ver o que era. Somente a voz daquele homem ecoava em sua cabeça, ameaçadora.

– Sua família é amaldiçoada... Saia daqui... Ou matarei todos eles... matarei um por um...

– Não se atreva!!! – sua voz saiu misturada a desespero e raiva.

– A menina está dentro do Portal... – sussurrou – Depois não adiantará se arrepender!!!

Desta vez a força o puxou com precisão. Ele se sentiu sufocado, mas aos poucos se sentiu mais aliviado. A escuridão foi se dissipando e começou a voltar sua visão. Tudo havia voltado ao normal, e ele percebeu as mãos de Isabel em seu rosto. Sentia o toque suave em seu rosto molhado de suor. Percebeu então, que estava agarrado à parede, os cabelos úmidos lhe escorrendo pela testa suada. Nos seus olhos claros ainda brilhavam lágrimas.

– O que aconteceu? – indagou trêmula.

– Não sei... – ele ainda tremia – O Mago... Ele... Falou comigo...

– E o que ele disse???

– Pediu para desistir do Portal... A Angelina...

– O que tem a Angelina?

– Ela ainda está viva...

Ela pensou no pior. Era óbvio que não custava acabar com a vida dela aos poucos.

– Precisamos encontrar o espelho. Mas acho que erramos desta vez.

– Não erramos.

– Como sabe?

– O Mago não tentaria fazer o que fez comigo se não fosse que a essa altura do campeonato, dois Portais decidem a vida do Lorde deles. É aqui. – ele andou em direção à parede oposta – *O medo nos fez existir e a morte nos fez viver.* – ele encarou – A sala secreta dos Roy, onde eles faziam suas reuniões. Há um espelho atrás desta parede. Ninguém sabe disso... Nem eu sabia até agora... – procurou alguma coisa. A parede estava coberta por uma madeira muito fina, fácil de ser quebrada. Com uma estaca, quebrou-a, revelando o espelho envelhecido.

– E a chave? – releu a senha – A senha não nos leva à chave!!!

Havia três quadros na parede, e cada um deles mostrava o retrato dos bruxos Roy. Ele tornou a repetir em sua mente aquela frase. *“O medo nos fez existir e a morte nos fez viver.”*

– O medo de chegar a esta casa fez com que as pessoas fizessem essa história virar lenda. E a morte deles os tornou uma lenda. Eles podem estar vivos em qualquer lugar, até

mesmo... Em seus retratos!!!

Ela correu para ver melhor cada um deles. Em apenas um, estava a chave. Abílio Roy, Ângelo Roy e Bernardo Roy. Com qual deles estaria a chave? Não havia muito tempo, por isso teriam que pensar rápido.

– Daiane...

– Bernardo. – disse ela – É no quadro dele que está!

Miguel arrancou-o da parede, e dali percebeu o brilho misterioso, onde estava a chave.

Não perceberam que alguém os espiava atrás da porta. Sim, Gerônimo poderia encurralá-los a qualquer momento. Miguel suspendeu a chave em sua mão, como se aquilo fosse um tesouro.

– Vamos, logo...

Ele suspirou nervoso. Precisava de mais uma coisa. Isabel se dirigiu ao espelho e se ajoelhou. Chamou por Angelina.

Miguel se aproximou do encaixe da chave. Mas, antes que pudesse encaixá-la, um vulto pulou em seu pescoço e ele percebeu que a chave havia caído no chão. Isabel ficou assustada. Os dois se atracaram em uma luta sem fim, rolando no chão aos socos.

– Miguel!!! – gritou aflita.

Os olhos de Gerônimo perceberam o movimento dela em direção à chave. Mais do que de depressa, pulou em seus pés.

Agora estava com a chave do Portal em mãos. Miguel estava atirado no chão, desmaiado. Ela estava só, e Gerônimo esticou a mão.

– Me dê a senha!!! – vociferou com a chave na mão.

Ela não sabia o que fazer. Miguel estava desacordado no chão. Viu o espelho ao lado, sabendo que Angelina ainda estava ali dentro, pronta para atravessar o Portal. Respirou fundo. Sentiu que as lágrimas brotavam em seu rosto. Estava trêmula e encarava os olhos de Gerônimo.

– Me dê a senha e eu deixo vocês em paz!!!

– Eu não tenho!!!

– Tem, sim!!! Eu vi quando Miguel retirou de dentro do quadro!!!

Ele era esperto. Sabia que não poderia ir contra ele. Mas não estava sozinha. Fechou os olhos. Sentiu que não pertencia àquele corpo, mas que ao mesmo tempo precisava dele. Tudo estava calmo e tranquilo...

– A senha!!! – vociferou outra vez, segurando-lhe pelo pulso.

– Está me machucando!!!

– Ah, e vou machucar ainda mais!!! – gritou, agora bem perto do seu ouvido – Se não me der a senha. – ele tirou o revólver da cintura e apontou para Miguel – Ele morre!!!

Ao contrário do que ele esperava, ela não demonstrou

medo. Sorriu, sensata.

– Você acha graça de ver que estou apontando a arma na cabeça do seu amigo, sem que ele possa reagir?

– Você é um idiota...

– Você não quer seu amiguinho vivo? Deveria pensar! Eu sou idiota, não se esqueça, posso esquecer que isso é um gatilho e apertar sem querer...

Gerônimo ouviu o silêncio dela, misturado ao cansaço e ao desespero daquele momento. Apertou mais forte o pulso dela.

– Quer que seja do meu jeito??? Então vou atirar... – disse com a arma apontada para Miguel.

Ele hesitou ao puxar o gatilho. Em vez disso, afastou-se dela e tirou de sua mão o pedaço de pergaminho. Isabel ficou assustada quando ele se aproximou do Portal e encaixou a chave.

– Nãaaaaaaaao!!! – gritou Isabel, agora aos prantos.

Isabel estava debruçada sobre o corpo de Miguel. Tentava reanimá-lo, mesmo com o coração aos pulos. Tentou ficar calma. Seus dedos tremiam.

– Miguel... – suplicou ela quase desistindo – Vamos... – sua voz estava angustiada.

Ele se remexeu. Começava a acordar. Isabel o ajudou a se levantar. Não disse nada, apenas olhou em volta e viu o espelho quebrado.

– Você não...

– Foi o Gerônimo...

Isabel não suportou e saiu correndo pelo casarão afora. Miguel teve um mal pressentimento. Olhou o relógio de pulso. Eram 14h46min.

Ele saiu correndo porta afora, em busca de Isabel. Quando chegou lá embaixo, deu uma última olhada para o casarão. Alguma coisa ainda estava nas entrelinhas daquele lugar.

Ela não estava no carro. Procurou em volta e foi encontrá-la ali perto, diante de uma árvore. Miguel se aproximou e lhe tocou o ombro. Quando ela ergueu o rosto, ele percebeu que por alguns poucos instantes os olhos castanhos dela haviam se tornado verdes. Seu rosto estava sereno.

– Vamos ir?

– Só queria me despedir daqui. – disse vagamente.

– Despedir? Você nunca esteve aqui... – ele ficou perplexo.

– Estou confusa... – e se dirigiu ao carro.

Ela ocupou o lugar do motorista e deu meia volta, pisando fundo no acelerador.

– Ele roubou a senha.

– Você não teve culpa.

– Tive. Eu não fiz nada para impedir.

– Não se preocupe. Eu a li quando a retirei do retrato.

PORTAL VI

O RETORNO

*“Jogamos bastante com a vida, nos afastamos, e por fim,
voltaremos onde tudo começou.”*

AS GELEIRAS

Poderia ser um cenário qualquer, no entanto, o chão era montanhoso e estava úmido. O vento era frio. Sentia seus olhos cerrados e seu corpo tremelicava. Tateou à sua volta. Não estava mais com o cristal.

Levantou-se. O vestido, que uma vez foi claro, estava todo manchado e molhado. Os cabelos estavam sujos. Suas sapatilhas, inundadas. Percebeu, então, que estava só.

O que viu depois, a deixou sem ar.

Diante de seus olhos, estavam milhares de cadeias montanhosas, todas cobertas de gelo. O céu estava limpo e a qualquer momento, nevaria. O chão era coberto por flocos de neve. Tudo plano. A impressão que tinha, era que estava em um lugar parecido com a Cordilheira dos Andes.

O vento soprou mais forte e em vez de rajadas, sentiu partículas de neve tocarem sua pele. Não havia como se aquecer e o frio era impiedoso.

Seus olhos não acreditaram no que viram a seguir. Dois vultos surgiram de dentro de uma ladeira. Mal os via. Poderia se o Mago mas lembrou-se que ele não podia entrar ali. E também, era muito pequeno para ser ele.

O rosnar que vinha dali a assustou. Sentiu que morreria. O pior ainda estava por vir. Atrás dos dois vultos, apareceram mais alguns e todos rosnavam. Ainda não sabia quem eram as

criaturas, mas tinha certeza de que eles não eram bonzinhos.

Isabel dirigia automaticamente. Miguel sabia que ela estava sofrendo. Havia dito que Gerônimo colocara a chave no Portal antes que ela soubesse se Angelina conseguira atravessá-lo. O que o tornava mais infeliz era o fato de estar desmaiado quando tudo aconteceu.

– E se Angelina... – ela mal conseguia falar.

– Não, não diga isso. – ele pegou em sua mão – Enxugue essas lágrimas. Nós vamos salvá-la, certo?

As mãos dela estavam trêmulas. Estava com medo, muito medo. Tudo dependia daquele dia. Estava a pouco tempo de decidir o futuro da filha.

O pé dela estava preso ao acelerador. Os olhos de Miguel perceberam que um dos ponteiros do visor do carro mostrava que a temperatura do motor estava aumentando. O carro não poderia estragar logo agora que precisavam realmente chegar rápido.

Eram 14h55min. O carro lhes dava a sensação de que flutuavam. Naquele momento o que importava para ele não era a velocidade que estavam, nem a temperatura do carro ou o pouco tempo que ainda lhes restava. A única coisa que ele via, era aquela mulher ao seu lado, tirando forças que ela

mesma desconhecia em busca de um só propósito: salvar sua filha a qualquer custo.

Poderia ver na natureza humana que uma mãe vê sua própria vida em seu filho, encontra nele todas as perfeições que só ela pode ver. Ele já havia passado por aquilo, mas se culpava por não ter encontrado ela antes, talvez assim, Pedrinho estaria com ele naquele instante.

Restavam apenas quatro minutos. Isabel sentia sua face arder em chamas. Temia o pior.

– Acalme-se, Isabel. – disse ele amenizando a situação.

Os olhos dela caíram no controle do motor. A temperatura estava subindo.

– O motor não vai aguentar...

Ele está superaquecendo, pensou Miguel. Faltavam dois quilômetros. Cada vez mais perto... A distância diminuía mais e mais... Dentro de meio minuto ele já poderia avistar o desvio para a estrada principal. Percebeu que ela começou a diminuir a velocidade. Estava com saudades de dirigir seu carro, pelo menos era mais tranquilo. Ela girou o volante e entrou na estrada asfaltada, entrando na rua principal.

Conseguira o que queria. O Mago se orgulharia dele agora. Encontrou uma bicicleta antiga nos fundos do casarão, e com

ela tentou voltar. Já estava a meio caminho da cidade, teve que pegar um atalho, já que sabia que poderiam querer dar o troco nele se desse de cara com Miguel.

Depois de mais de meia hora, chegou ao seu destino. Era hora de encontrar o Mago e lhe devolver a senha.

Subiu pelo prédio e se encaminhou ao esconderijo do Mago. Bateu à porta que se abriu contra a vontade. Gerônimo se precipitou, e entrou. Não havia sinal dele ali. Ficou parado no meio da sala.

Agora conseguia notar o quanto aquele lugar era sombrio. Sentia até um arrepio pelo fato de estar ali. As paredes e o teto eram de uma cor acinzentada que mal poderia ser distinguida. Havia um tapete persa no chão, muito bem definido. Duas poltronas em tom café, uma perto da estante de mogno que exibia vários tipos de vinhos, especialmente os importados, e a outra perto da janela, com cortina de seda clara. Uma luminária de cristal pendia do teto. Apesar de tudo, estava limpa e tudo estava em seu lugar. Uma mesinha de ébano estava no centro, decorando e dando um toque final naquele lugar assustador. Na parede, quadros que não lhe eram estranhos. Conhecia aqueles, mas não se lembrava de onde. Olhou o relógio no topo da parede, eram 15h00min.

– O jogo acabou para eles. – sorriu para si mesmo.

Ficaria ali, esperando o Mago chegar.

O freio fez o carro lançá-los para a frente. Por pouco, conseguiram chegar. Sentia o coração aos pulos e a respiração estava acelerada.

A voz de Miguel quebrou o silêncio.

– Estou com você...

Sim, estou com você. Três simples palavras, mas que continham um sentimento implícito. *Estou com você*, e ela poderia ter dúvidas disso depois de tudo o que haviam passado juntos? *Estou com você*, nada mais importava, não poderia desistir agora. Gravidade, talvez, *estou com você*, sua filha ainda está viva, lute por ela, ainda podemos conseguir!!!

Moveu o lábio em uma contração.

– Sim, eu sei disso.

Independente do havia ocorrido, ainda existiam os Portais, e seria para destruí-los que lutaria até suas forças se esgotarem.

O Mestre estava certo. Aquela seria uma noite longa, muito longa...

O rosnado se aproximava, e ela não tinha noção do perigo que estava correndo. Os vultos vieram mais para a claridade, e ela percebeu que se tratavam de lobos brancos, os mais

perigosos. Vinham lentamente, impedindo que Angelina pudesse se esconder. Estava sozinha novamente, e cercada por lobos em meio a uma geleira glacial.

Gritar? Quem a ouviria naquele fim de mundo? Certamente serviria de comida para aqueles lobos famintos...

O frio subia por seus pés até o topo de sua cabeça. Estava com medo, frio e fome. Queria saber por que sua mãe havia colocado a chave no Portal antes que ela tivesse atravessado.

Neve, havia muita neve. O que era ruim, ficou pior ainda porque começou a nevar mais forte. Flocos de neve caindo em um cenário muito branco. Parecia sonho se não fossem os lobos famintos que se aproximavam de seu corpo. O mais grande e que estava à frente do bando, arreganhou os dentes e pulou em direção à Angelina.

Ela não quis ver, apenas cobriu seu rosto com os braços e se agachou, esperando o golpe. Ficou assim por algum tempo, até que estranhou que a morte fosse tão silenciosa e indolor...

O que viu, a deixou paralisada. O lobo que a teria atacado, estava deitado no chão com uma flecha no pescoço, de onde jorrava sangue. Sentiu-se infeliz ao ver aquilo, mas lembrou-se de que ele havia tentado atacá-la. Havia uma flecha, quem a havia atirado? Voltou-se para trás. Havia um vulto em cima do penhasco. Ele foi ao seu encontro, enquanto vários lobos se aproximavam.

– Não precisa ter medo. – disse ele.

Várias flechas foram ao encontro dos lobos e eles caíram um a um, e os que sobreviveram, fugiram.

Angelina se aproximou. Lágrimas fluíam de seus olhos. O garoto pousou levemente a mão em seu ombro, como se aquilo fosse errado.

Isabel se recompôs. Ele ainda a encarava como se esperasse algo.

– Há algo errado, Miguel...

– Como assim?

– Gerônimo... Ele encaixou a chave no Portal...

Miguel analisou a situação por um instante.

– Por que ele iria contra a própria seita?

– Penso que ele não fez aquilo por acidente...

– É estranho, agora restam dois Portais, e ele acredita que não sabemos a senha.

Um barulho veio do corredor. Gerônimo se assustou, mas não se virou para ver. Outro barulho. Eram passos se aproximando. Um rangido. A porta se abriu.

– Há quanto tempo está aqui?

– Acabei de chegar, senhor... – disse ao fazer uma reverência.

– Cumpriu suas ordens???

– Sim, está aqui... – sorriu ele ao mostrar o pedaço de pergaminho envelhecido.

O Mago retirou das mãos dele o minucioso pergaminho, deixando que Gerônio contemplasse seu anel da A.L.

Leu o que estava escrito, curioso. Ele mesmo não se lembrava exatamente das senhas que haviam sido criadas, mas era aquela, sem dúvida. A senha que leva à chave indica também o Portal, tudo como em um círculo, assim como o próprio Arco da Libélula.

Eles ainda estavam parados no centro da cidade como dois bobos.

Um vento gelado tocou a face de Isabel. Era como se quisesse lhe dizer algo.

– Não podemos ficar parados aqui!!!

Ela estava em um campo florido e com muita relva ao redor, não, ela não poderia estar ali...

O vento soprou mais forte e desta vez ela despertou.

– Você está bem? – indagou ele.

Isabel pareceu se recordar de algo por um instante.

– Acho que esse tempo todo, eu não estava aqui...

Como era magnífico entrar na mente de outra pessoa...

Não era a melhor sensação do mundo, mas conseguia interferir no comportamento e atitudes de quem quisesse.

Àquela hora, sabia que Miguel e Isabel estavam próximos de acabar com os Portais. Restava-lhe rezar para que tudo continuasse assim.

O seu primeiro e último encontro com eles estava marcado.

Era só esperar.

– Onde eles estão, agora?

– Devem estar em algum lugar da cidade...

O Mago olhou para o relógio na parede. No quinto Portal havia uma seta vermelha.

– E você permitiu que eles quebrassem o Portal???

– Não, senhor!!! – havia uma ponta de orgulho em seus olhos – Eu mesmo o quebrei!!!

O Mago o fuzilou com os olhos e lhe atirou o objeto mais próximo de si, na cabeça de Gerônimo.

– Como você consegue fazer uma coisa dessas???

Ele encolheu os ombros, ainda sentindo sua testa latejar por causa do objeto que lhe foi arremessado.

– Mas fiz o que o senhor mandou...

– Não pedi para quebrar o Portal!!! Agora só me restam dois!!!

– O senhor não queria matar a menina? Eu coloquei a chave e ele se quebrou...

– Você não passa de um tolo!!! – ele recobrou o fôlego – Não funciona desta forma!!!

Gerônimo se encolheu mais ainda. O Mago deu uma volta na sala, tentando se distrair com alguma coisa para não precisar olhar aquela criatura que estava em sua sala.

– A criança morta no Portal quebrado não me vale de nada. Preciso da menina viva dentro dele, para que ela chegue até o último que está vazio. A energia deles é acumulativa...

Gerônimo confirmou com um aceno de cabeça.

– E quanto ao sexto Portal?

– Não há o que eles possam fazer, senhor, eu estou com a senha.

– Escute bem, Gerônimo – disse em tom ameaçador, bem perto de seu ouvido – se alguma coisa acontecer com aquele Portal nas próximas horas, você será o primeiro a saber como as coisas funcionam para Alan Lorde!!!

Ele engoliu em seco. Era bom começar a rezar.

Depois de longos minutos em silêncio, Isabel perguntou.

– Você disse que sabia qual era a senha?

– *Signo da oliva...*

– Hã? – estranhou – O que disse?

– *Signo da oliva.*

Não sabiam para onde estavam indo, a neve havia coberto uma espessa camada de gelo onde eles pisavam naquele momento. Angelina tremelicava, mesmo que o frio não fosse tão intenso quanto seria perto de uma geleira no mundo real. O garoto lhe entregou um casaco grosso que estava vestindo. Angelina agradeceu, mesmo sabendo que ele não moveria os lábios.

– Desde quando está aqui?

– Não sei... – disse tentando se recordar – Só me lembro do dia em que fui ao Museu com minha mãe e entrei num lugar escuro... Depois não vi mais nada. – ela pausou – Quando acordei, estava dentro do Portal.

– Sentiu medo?

– No começo sim, mas depois... Tudo aqui é tão estranho... Parece que estou sonhando...

O garoto sorriu por debaixo do capuz. Foi a vez de Angelina perguntar.

- E você? Desde quando está aqui?
- Não sei. Faz muito tempo... Muito tempo mesmo.
- Qual é o seu nome?

O garoto parou de caminhar. O vento trouxe aos dois uma rajada de neve em flocos. O cenário mais lindo que poderia ser presenciado por duas crianças. O topo da montanha coberto de neve, uma queda de 360 metros de penhasco, e um lago bem distante, que desaparecia no horizonte.

- Seu nome... – sussurrou ela.

Novamente o zumbido do vento.

- Seu nome...

O RAPTO

Eram 16h48min. Centro da cidade.

O carro passava agora em frente à Igreja Católica, uma enorme praça bem construída, pessoas circulando, curtindo o fim de tarde. Mães e filhos, casais apaixonados, criancinhas voltando da escola... Um dia normal para aquela cidade, exceto por um detalhe, era dia 13 de junho.

O que poderia haver de especial naquela data? A princípio, nada, é claro. Vários Clãs de Bruxos esperavam para comemorar na mesma data, a da Profecia da A.L., a data que

marca o retorno do pior Líder de uma seita. O Marco da Origem, o Eclipse de Socram, tudo fundido em um só.

– *Signo da oliva....* – repetiu pela oitava vez.

O que aquela palavra lembrava? Signo, só conhecia os do zodíaco... E oliva? Aquela que dá azeitona, não seria?

Outra vez o zumbido do vento.

Outra vez uma frase no ar...

Uma súplica no olhar da menina...

Uma resposta presa debaixo do capuz.

– Seu nome...

O sussurro passava como um eco distante nos ouvidos dele. Diria seu nome a ela? Para quê? Por outro lado, se morressem ali, ao menos o nome dele ela saberia... Grande coisa, pensou.

Outro zumbido, e mais flocos de gelo. O cabelo negro dela estava quase coberto de neve. Mais uma vez, os lábios dela proferiram a mesma frase inacabada...

– Seu nome...

Isabel lhe lançou um que no olhar.

– Signo da oliva. Só pode ser uma azeitona!!!

– Ah, sim... A senha nos leva a uma azeitona?

- Estou tentando pensar...
- Signo... Ele não deve estar se referindo ao zodíaco... Não...
- Ela parou o carro.

– O que foi, agora?

– Você dirige. – disse saindo do veículo.

Mesmo sem entender, ele saiu e Isabel entrou no lugar dele. Miguel entrou no carro e partiu.

Isabel estava debruçada no banco detrás, pegou o laptop e o trouxe para o colo.

– O que vai fazer?

– Descobrir um detalhe... – ela digitou a palavra signo e uma lista de sugestões apareceram. – *Signo do zodíaco... Numerologia... Símbolos...* –ela olhou para Miguel – Não deve ser signo. Tem outro significado?

– Está ligado ao zodíaco!!!

Ela clicou em um link.

– Áries, Touro, Gêmeos, Câncer, Leão, Virgem, Libra, Escorpião, Sagitário, Capricórnio, Aquário e Peixes.

– Procure em um item geral. – disse ele – Algo que seja comum entre eles...

Ela fez outra busca e uma lista apareceu.

– Elementos. Signos com elementos? *Água, Terra, Fogo e Ar.* O que isso tem a ver com... – ela captou alguma coisa.

– O que foi?

– Olhe isso... – ela mostrou o monitor. – *Água: Câncer, Escorpião e Peixes. Terra: Touro, Virgem e Capricórnio. Fogo: Áries, Leão e Sagitário. Ar: Gêmeos, Libra e Aquário...*

Os dois se encararam. Alguma coisa continuava estranha.

– Signo da oliveira. – repetiu Miguel – Se a oliveira existe e ela está presa à *Terra... Signo...*

A resposta estava bem ali.

– Você tem certeza que leu a senha inteira?

– Li. – frisou – Só porque fiquei desacordado por algum tempo, não significa que esqueceria do que aconteceu...

Isabel voltou na página da Web. Havia visto algo muito estranho, relacionado com uma oliveira. Ela clicou algumas vezes, mas a página insistia em não aparecer.

– Onde está?

– O que você está procurando, agora?

– Acho que encontrei alguma coisa....

Outro clique. A tela exibia um trecho de jornal. Uma notícia muito polêmica porque estava em uma manchete. Isabel se assustou com o que viu. Não esperava encontrar aquilo nem ali, nem em parte alguma.

Ela não sabia o que falar. Naquele momento era impossível desviar os olhos da tela do monitor.

– Miguel... – disse ela, com rosto lívido – Seu pai lhe disse algo sobre as crianças que morreram no dia em que o Mago...

Nada. Ele só havia mencionado alguma coisa sobre as crianças estarem com febre amarela. As vítimas morreram em menos de uma semana.

– Não que eu lembre... Mas por quê?

Isabel engoliu em seco. Os olhos dela fitos naquela notícia e imagem horrenda.

– Você está chorando?

Ele freou. Sim, dos olhos dela jorravam lágrimas sem explicação. Foi só assim que ele pôde ver o motivo daquela súbita reação.

Algo estava errado, e agora estava na cara.

Saiu do aposento e vagueou pelos corredores. Deu alguns passos e depois resolveu que desceria. Havia mais uma tarefa a fazer. Era como disse Alan Lorde: *“Os servos para nada servem a não ser que precise muito de algo que não possa fazer sozinho.”*

Agora ele percebia sentido naquelas palavras. Já estava em meio a rua escolhendo que caminho seguiria. Não queria que ninguém o visse, e para isso teria que seguir por um atalho. O lugar estava deserto, como era de costume, e ele andava mais do que depressa. Sua idade já não lhe permitia tanta força de

vontade, e ele tinha que aceitar isso.

Para sua decepção, um homem magrelo veio encontrá-lo.

– Senhor??? Posso me redimir de minha falha?

Ele encarou-o com desprezo. Estava prestes a lhe dar uma última chance.

– Tudo bem, vou lhe dar uma missão, quero garantir a segurança dos Portais que restaram... Precisamos nos livrar de um deles, assim não terão tempo de quebrar os dois Portais antes do Eclipse.

– Mas eles não tem a senha!!!

– Isso é o que você acha, ou tem certeza que Miguel não leu o pergaminho antes de você pegá-lo?

Ele engoliu em seco.

– E o que vamos fazer?

– O que deveríamos ter feito desde o começo.

Outro zumbido de vento e mais flocos de neve.

Mais um sussurro ao longe naquele deserto de gelo.

– Seu nome...

Os lábios vermelhos da menina ainda balbuciavam aquela frase inacabada.

Se os olhos de Isabel estavam assustados, havia como imaginar a reação de Miguel ao que ele mesmo via naquele momento.

– Isso é horrível!!! – conseguiu pronunciar.

Miguel leu a manchete: *“Crianças mortas são sequestradas.”* Logo abaixo, o texto.

– Refere-se ao dia da morte do meu tio. – disse Miguel surpreso – Mas...

Ele acabara de ver a data, e Isabel estava se perguntando a mesma coisa.

– Sim, Miguel. – disse num soluço – Hoje fazem trinta e um anos da criação do Portal... – ela engoliu em seco – A pior coincidência é que...

– ...O número trinta e um invertido é treze.

– O dia do Marco da Origem. O Retorno de Alan Lorde.

Miguel correu para o começo da página. Era verdade. A data exibida ali era 13/06/1978.

– *“...os corpos foram roubados do cemitério na calada da noite. Sabe-se que dois coveiros ajudaram Leonel Castilho, que segundo informações foi morto e seu corpo está desaparecido. Sabe-se que Leonel estava a serviço de um senhor que não foi identificado até o momento. As buscas pelos corpos das crianças ainda continuam, embora não haja mais vestígios do acontecimento (...).”*

Miguel sentiu um arrepio. Aquele ato havia sido cometido por seu avô e isso lhe pesava na memória. Aquele sequestro havia sido a maior polêmica da época, e os únicos que poderiam falar sobre os fatos, já estavam mortos.

Do lado de fora do carro, a vida seguia. O sol voltava a brilhar, deixando as nuvens nebulosas se afastarem. Sim, o eclipse apareceria naquela noite.

Gerônimo estava do outro lado da rua. Percebeu que o rosto de Isabel estava aflito. Saber se Angelina estaria viva ou morta? Para ele isso não fazia diferença. A missão agora era outra, e ele precisava de uma chance única.

– Você disse Terra, não é? – disse, tentando mudar o rumo da conversa.

– Sim, disse.

– Uma oliveira só pode estar presa à terra. Signo da oliveira... Há tantos lugares onde possam haver oliveiras... – outra vez o seu olhar caiu na foto, mas desta vez, ela não teve dúvidas.

A foto exibia em preto e branco o cemitério, com os túmulos vazios. Uma pequena foto abaixo, mostrava o lugar que ela não conhecia: um jardim e um casebre antigo. Apesar da foto pouco nítida, Miguel soube distinguir o local.

– Para onde vamos?

– Para o único lugar que deveríamos ter ido desde o começo.

Agora sim! – pensou Gerônimo.

Não havia como ir andando até o local onde Miguel se dirigia. Mas desta vez, ele não precisaria mais disso. O Mago foi muito generoso, e apesar dele não merecer, ganhou uma motoneta novinha.

– E lá vamos nós!!! – e deu a partida.

– Seu nome...

A voz dela já lhe causava dores de cabeça.

– CHEGA!!! – gritou e se atirou no chão gelado, colocando as mãos nos ouvidos.

Angelina ficou lívida. Não sabia que poderia tê-lo magoado.

– Desculpa... – sussurrou – Eu não queria...

– Por que quer tanto saber meu nome???

Angelina calou-se. Ele estava muito irritado e ela se sentiu reprimida.

– Tudo bem, se é isso o que quer saber... – disse

calmamente, se levantando – Meu nome é...

A frase ficou no ar. A camada de gelo abaixo dos pés do garoto se rompeu, e ele caiu na água. Angelina ficou desesperada, não tinha forças para tirá-lo de dentro daquele lugar.

O cenário foi mudando, assim como o humor de ambos. Isabel lutava contra a emoção. Pensou no horror de ter um filho naquela idade e vê-lo morrer sem poder fazer nada e ainda por cima, saber que o corpo foi retirado do caixão e estava desaparecido. Pior ainda é saber que mesmo depois de tanto tempo, eles nunca foram encontrados.

– Estamos chegando. – anunciou ele.

A paisagem tinha agora um certo peso. O céu estava calmo, anunciando um belo fim de tarde. Os pneus do carro andavam com dificuldade pelo terreno irregular.

– Você acha que o Mago não sabe que estamos atrás do sexto Portal?

– Não sei, mas duvido que ele já saiba. O pior será se ele vier atrás de nós.

– Pensei nisso também. – ela pausou – O estranho é que não é ele quem nos persegue, e sim o Gerônimo.

Um casebre se erguia por detrás de uma colina densa. Aos

poucos, o casebre se desmanchou e só lhe restavam ruínas. Tudo em sua volta era deserto. Havia um rastro de grama morta que se esgueirava por toda a casa. Ali deveria ter sido um jardim florido. O sol emitia raios de fim de tarde.

Miguel girou o volante e pisou no freio. Havia estacionado perto da estrada.

A motoneta funcionava bem, disse ele não podia se queixar. Estava só há alguns metros de distância do seu alvo. A pequena mata que se erguia em volta da estrada lhe dava cobertura.

Percebeu que Miguel estacionara perto da vegetação. Olhou, e mesmo de longe, pôde perceber que os dois já não estavam dentro do carro.

– O Mago estava certo, – admitiu – eles leram a senha...

Mais um passo e ela faria companhia ao seu amigo.

Um precipício se formara diante de seus olhos. Uma cadeia de gelo quebrada ao meio. Uma pequena rachadura que percorreu todo o gelo e fez com que o amigo de Angelina caísse dentro da água. Um eco longínquo, mas não tão distante. O frio, cada vez mais intenso, impedindo que ela sequer, conseguisse pensar.

Não havia como saber o que acontecia com ele. No momento da queda, ela só pôde ouvir um grito de horror confundido com alguma coisa que se quebra. Agachou-se e colocou a mão direita na água. Estava mais gelada do que tudo ao seu redor. Não sabia o que fazer.

Um baque surdo embaixo de seus pés. Por um instante ela pensou que o local onde estava, desabaria na água. Outro baque. Geleiras de mil anos se erguiam diante de seus olhos. Sim, ela estava num inferno de gelo.

– Foi aqui. – disse Miguel para si mesmo.

As recordações surgiam como um filme dentro de sua cabeça. Lembrou-se do dia em que seu pai o trouxe até ali, há mais de vinte anos. Sorriu. Lembrou-se do pequeno menino desengonçado que ainda não usava óculos, correndo naquele lugar. Mas a pior interferência que poderia ter, foi no dia em que conheceu o Portal. Frente a frente, ambos sem se apresentar. O remorso novamente. A desilusão. As ruínas... O jardim esquecido.... As cruzes...

Como um golpe fatal, a lembrança do acidente de Daiane... O carro destruído...

Pedrinho. Uma semana antes da morte da mãe, o rosto de Pedrinho preso no Portal. A última frase que ele disse... A última lembrança... O rosto de Daiane sem surpresa, como se

soubesse que aquilo aconteceria... As lágrimas que ela derramou... O choro... Os gritos... As palavras jamais ditas....

– Miguel!!! – chamou diante dele – Você estava chorando?

Subitamente ele passou as mãos no rosto, ocultando uma lágrima. Olhou para o local onde estava, sem vida, apenas em ruínas, um mapa desconhecido.

Ele saiu andando, seguido por seus instintos.

Isabel o seguiu, embora não soubesse para onde ele estava indo. Ele parou.

– Quando eu tinha sete anos.... – começou – Meu pai me trouxe até aqui.

– Foi aqui que conheceu o Portal?

– Ali. – ele apontou para uma árvore um tanto afastada. – Havia um espelho bem ali.

– Espelho? Como pode haver um espelho exposto dessa forma?

Nesse momento, um pensamento estranho passou pela mente dela. E se o Mago quisesse a alma de Miguel?

Ele apontou para as cruzes.

– Ali, eu meu pai enterramos simbolicamente, meu avô e tio Hugo.

Foi então que eles perceberam, as cruzes, aquilo que os trouxera até ali, diante de uma árvore bem conhecida aos

olhos de Miguel e ele sabia que era ela quem estavam procurando.

– A oliveira... – sorriu ele.

Ao som daquela palavra, Isabel sentiu um arrepio. Sim, aquele também era seu sobrenome.

– Você não sabia que iria me encontrar. – sorriu ela – Mas ele sabia.

– Não estou entendendo...

– Preste atenção, Miguel. Eu não acredito em acaso, e nem por isso o fato de nos encontrarmos foi planejado. Pense bem, poderia ser qualquer pessoa a roubar seu táxi naquele dia, mas fui eu quem estava lá. No momento que, sem me dar conta, perdi a pasta, você estava curiosamente lá para pegá-la.

– Você está indo longe demais. – observou – Quem faria com que você e eu nos encontrássemos, e para que faria isso? Não há lógica.

– Não tem lógica? – desdenhou e por um instante um brilho lhe iluminou o rosto – São sete Portais, e cada um deles é feito com a alma de uma criança, exceto o sétimo. – ela engoliu em seco – Tanto seu filho quanto minha filha foram puxados para dentro dele vivos...

– Onde quer chegar?

– Os sete Portais só estarão completos se houverem sete almas lá dentro, então, o Mago ressuscitaria Alan Lorde com

eles.

– E por que ele não fez isso ainda?

Ela encarou-o, trêmula.

– Porque a sétima criança ainda não morreu.

Uma físgada lhe passou pelo coração. Tudo o que ela havia dito, subitamente fez sentido.

– Você quer dizer...

– É preciso que nossos filhos estejam mortos para que Alan Lorde ressuscite... Mas não é necessário que os Portais estejam intactos, porque o ritual só precisa do último... É como se...

– O que foi???

– É como se a energia... Sim!!! A energia é acumulativa... Ele não precisa dos Portais inteiros, caso contrário teria desistido quando quebramos o primeiro...

– Então... – uma hipótese passou por sua mente, algo que ele não achava tão coerente – Ele está nos usando, Isabel!!! – agora ele começou a se alterar – Todo esse tempo ele nos enganou!!! Se ele é tão poderoso poderia ter nos matado a hora que quisesse em vez de mandar Gerônimo nos atrasar... Ele só queria que quebrássemos os Portais para ele... Exceto o último... O qual nossos filhos estão... Vivos...

Suas mãos tremiam. Ainda não compreendia exatamente o que o Mago estava fazendo...

– Isso explica as senhas... – disse Isabel – Por isso temos como encontrar os Portais... Por isso podemos quebrá-los sem nenhuma resistência... O Mago tornou tudo possível desde o começo... Somos seus ajudantes... Está nos auxiliando a levar Angelina de um Portal para outro... – sua voz começou a ficar alterada – Ele... está nos ajudando a matar nossos próprios filhos... E depois vai nos matar também...

O vento varreu aquele lugar, levando suas lembranças para longe.

– De qualquer forma – disse ela – Angelina precisa chegar até o último Portal, essa é a única saída...

Miguel, ainda trêmulo, se aproximou da oliveira. As cruzes negras estavam intactas, do mesmo modo que haviam ficado há vinte anos.

– Signo da oliveira... – repetiu desorientado – Não há coerência...

– Há sim. – sorriu – Você disse que foi aqui que conheceu o Portal, não foi?

Ele se pôs a pensar. Passou os dedos pelo tronco áspero da oliveira, que já estava tão antiga que não dava mais frutos.

– Um espelho não pode estar aqui dentro... – observou.

– E quem falou nisso?

Estava estampado. Não havia pista mais certa do que aquela. O Portal não estava na oliveira, mas no signo...

– Precisamos de uma pá. – disse ele correndo em volta para procurar.

Miguel sabia que, pela idade daquele local, ninguém mais frequentou desde a morte de seu avô. Era impossível aquilo, mas deveria haver uma pá por ali. Foi então que, o impossível aconteceu. Perto das ruínas, havia uma ponta enferrujada submersa sobre os destroços. Conseguiu desenterrá-la. Estava bem enferrujada, mas ele não desistiu. Encaminhou-se para o lugar e cavou. Uma, duas, três vezes. Algo começava a aparecer, mas ele duvidava que fosse um espelho. Era algo de madeira e bem largo. Precisavam da chave.

– Está aqui!!! – disse ele, removendo o pesado cofre do interior da terra – Falta a chave!!!

– Não precisa nem pensar muito!!! – sorriu e apontou para a oliveira.

Miguel correu até ela, mesmo sem entender. Seus dedos começaram a desintegrar parte do tronco, até que este exibiu um objeto luminoso.

Do outro lado da clareira, alguém os observava. A motoneta estava estacionada perto dali, mas estava fora do campo de visão do seu alvo.

Gerônimo podia ver o movimento de Miguel ao remover com

cuidado, a parte do tronco da oliveira até que esta revelou a chave.

– Aproveitem enquanto podem....

– É a chave!!! – sorriu Isabel.

Miguel estava debruçado sobre o cofre, Teria que encontrar a fechadura ou um cadeado.

– Acho que está enterrado há muito tempo... Não vai abrir...

– Você tem certeza que está enferrujado?

– Posso tentar, mas pode quebrar a chave...

– Então tente não pressioná-la...

Por todos os lados, um oceano glacial se erguia. Fechou os olhos, pensando no que faria em seguida. O silêncio era rompido por baques surdos que ecoavam pelas montanhas e voltavam para dentro da água.

Abriu os olhos. Tudo o que via era gelo. Não havia, nem mesmo há quilômetros dali, um sinal de fogo ou luz que indicasse o Portal.

O garoto não estava ali, não havia sinal algum de Portal para atravessar e a qualquer momento alguém poderia colocar a chave no espelho e acabar com a sua vida.

O que aconteceu no instante seguinte, ninguém soube explicar. Sentiu que alguma coisa rodeou seu tornozelo, e depois de um baque estrondoso que ouviu, ela só pôde ver água por todos os lados.

Um baque surdo.

A fechadura se rompeu e por pouco, a chave.

O que Miguel viu ali dentro, mexeu com seus sentimentos. O espelho emoldurado, como todos os outros, mas que tinha algo ali, muito especial, a lembrança de sua infância.

Sim, fora aquele mesmo espelho que quase o levou para dentro do Portal há vinte e dois anos.

O vento batia na copa das árvores e o silêncio era estranho. Um homem batia na madeira a alguns passos de distância. Algo brilhava perto de uma árvore, que seu pai lhe dissera ser uma oliveira. Sentia que não caminhava em sua direção, estava levitando. Ou talvez aquilo fosse apenas sua imaginação. A força o chamava... O infinito... A energia... A alegria... Uma mão pálida o chamava... Uma mão pálida... Uma mão...

– Miguel?! – indagou Isabel, vendo que ele estava imóvel e com expressão de demente.

O susto e o sufoco passaram como o vento. Segurou a chave

na mão e a direcionou para o encaixe no espelho.

Era agora ou nunca.

Deixou o esconderijo e, no instante seguinte, estava com uma espécie de faca diante do pescoço da vítima, fazendo-a de refém.

Isabel sentiu seu coração bater acelerado, mas sabia que Gerônimo não tinha capacidade suficiente para machucá-la.

– Solte-a!!! – pediu Miguel sem se mover.

– Quebre o Portal, e ela morre!!!

Qualquer tentativa, cortaria o pescoço dela. Gerônimo a apertava contra o peito, e ela podia sentir sua força bruta, apesar de sua magreza.

– Não lhe dê ouvidos, Miguel!!! Encaixe a chave!!!

Sabia nadar. Não fora à toa que sua mãe lhe ingressou em uma escola onde natação era uma das disciplinas.

Estava com o pulmão cheio de ar, e isso facilitou a percepção das coisas.

Havia sido puxada para baixo, mas não foi por acaso. Quem puxara fora o mesmo garoto que havia sumido. Ele nadava e indicava um lugar mais ao fundo, onde brilhava algo bem estranho. Era um arco luminoso, bem no fundo do oceano.

Angelina percebeu que o garoto queria levá-la para lá, caso contrário ficariam presos no Portal para sempre.

O capuz já não lhe cobria o rosto, mas, mesmo assim, Angelina não podia ver naquela escuridão. Faltavam alguns poucos metros, até que chegassem até o arco.

A mão dele estava trêmula. Quando havia decidido que a colocaria, a imagem de seu filho apareceu no espelho.

– Não faça isso, papai!!!

Miguel não acreditou no que seus olhos viram. Pedrinho estava ali, vivo...

– Eu não vou, meu filho...

A mão de Pedrinho vinha em sua direção, como se pudesse sair do espelho e lhe tocar. Miguel estava tão confuso com a imagem de Pedrinho no espelho que não percebeu que uma mão deformada e envelhecida vinha em sua direção.

– Coloque a chave, Miguel!!! – gritou isabel quase sufocada

– Ele não é seu filho!!!

Por um instante, seus olhos se desviaram da imagem de Pedrinho e ele percebeu que o que estava lhe acontecendo

também acontecera a Isabel.

– É só uma ilusão para que você não o quebre!!! – gritou.

Gerônimo os encarava assustado. Sentiu um peso em seus braços, e notou que ela havia desmaiado.

Miguel voltou a si no instante em que a imagem de Pedrinho o puxava pela gola da camisa para dentro do Portal. Com uma das mãos, segurou-se no espelho e com a outra, enterrou a chave na armação.

A chave entrou no encaixe, mas desta vez o espelho demorou alguns segundos para se quebrar.

– Vocês não vão conseguir!!! – disse pela última vez a voz do espelho.

Uma sombra saiu do Portal e passou perto do rosto de Miguel, fazendo com que ele cambaleasse.

Quando olhou em volta, não havia mais sinal de Gerônimo e muito menos de Isabel.

Tudo ao redor era água. O que poderia acontecer de pior? Um furacão?

Angelina e seu amigo estavam exatamente no olho do furacão, sem ter para onde fugir e quase sem forças para lutar. Em sua consciência de menina, ela sabia que o Portal estava sendo quebrado e se não o atravessassem a tempo, nada mais existiria.

O garoto relutou contra a força bruta das águas, e Angelina, veterana em natação, nadou o máximo que pôde e puxou a mão dele em direção ao Portal. Duas grandes forças opostas ocorriam: uma vinha de mais acima, do furacão, e a outra, de baixo, do Portal.

O oxigênio já se extinguia, nos pulmões de ambos, e o desespero aumentava porque a força do furacão vinha em sua direção, sugando-os.

A extremidade dos dedos dela conseguiram tocar no arco de luz, e ela se impulsionou para dentro, sem largar a mão do garoto. A água insistia em livrá-lo dela, mas ela resistiu.

Um grande choque percorreu o corpo de ambos no instante seguinte.

O resto era escuridão.

Miguel se ergueu, estava aflito. Ao seu redor, nem sombra de alguém.

– Isabel!!! – gritou.

O vento levou consigo a sua voz. Ao longe, um ronco de motor.

Não teve tempo de pensar, saiu correndo, sentia que ainda havia um pedaço de pergaminho preso em sua mão. Não havia ousado ver o que era a senha do sétimo Portal, mas pouco lhe importava. Isabel estava nas mãos de Gerônimo, e ele

tinha que resgatá-la, pois sem ela não havia como quebrar o último Portal.

O corpo dela não era pesado, mas para a magreza de Gerônimo, aquilo era muito. A motoneta custou a pegar no tranco, mas ele insistiu e, amarrando o corpo de Isabel ao seu, dirigiu pela estrada esburacada.

– Excelente... – sorriu ele vitorioso – O Mago vai gostar de vê-la...

Isabel estava amarrada nas costas dele. A postura de uma mulher séria, agora parecia a de um doente mental presa a uma camisa de força. Estava pálida, as roupas ainda úmidas e levemente sujas, além de exibir um enorme aranhão em seu pescoço ocasionado pela faca de Gerônimo. Ainda possuía a mesma expressão triste de ver Miguel diante do Portal, pronto, quem sabe, para tirar sem querer a vida de Angelina a qualquer momento. Talvez nem se lembraria disso quando voltasse à si.

A estrada estava deserta e ele estava se perguntando como aquele tolo conseguira chegar até ali sem que ninguém o percebesse. Não deveriam estar muito longe – pensou.

Avistou o carro de Isabel. Correu até lá.

O motor do carro roncou e se tivesse sorte, Gerônimo não chegaria muito longe.

Antes de sair, um último olhar para aquele lugar. Uma lembrança lhe ficaria na memória. O tempo foi cruel, mas também foi professor.

A oliveira se erguia pela colina, ainda com a cicatriz do local onde estava a chave. O vento movia as copas das árvores lentamente. A solidão daquele lugar era indescritível.

Pisou no acelerador.

Os últimos raios de sol ainda iluminavam a paisagem.

Gerônimo estava impedido de correr muito poque carregava alguém consigo, e sua motoneta não aguentaria por muito tempo.

O vento batia nos cabelos de Isabel, e Gerônimo pôde, pela primeira vez em sua vida, pelo retrovisor, ver uma beleza tão tocante. Ela era como todas as mulheres, o mais intrigante era que algo a diferenciava do restante, mas ele não sabia ao certo o que era.

– Sorte sua ser tão linda... Ou não ficaria amarrada em mim...

PORTAL VII

O PROTETOR

” Só a verdadeira Criador do mundo pode acabar com ele.”

A PRISIONEIRA

Seu corpo estava dolorido. Mesmo com os olhos cerrados, sentia que estava deitada sobre algo sólido e frio. Tentou se levantar em uma tentativa malsucedida, porque suas mãos estavam torcidas para trás. Resolveu que abriria os olhos, nada poderia ser pior do que aquela sensação. Abriu e não viu nada. Tudo mergulhado em uma escuridão absurda. Não ouvia nada. Parecia estar sozinha ali. Mas não estava.

As pernas e os braços estavam contorcidos bruscamente e foi então que seu corpo sentiu as dores da má circulação sanguínea pelos seus membros. Seus músculos latejavam, mas ela não estava preocupada em saber disso. Precisava saber onde estava.

Ouviu passos. Pelo barulho deles, o lugar onde estava parecia ser amplo. A sensação mais estranha era que conhecia aquele lugar, mas não havia como ter certeza. Os passos se aproximavam do seu corpo. Quem andaria em uma escuridão daquelas?

– Ela está aqui. – disse uma voz conhecida.

– Vou pegar uma vela... Onde está o castiçal?

– Deve haver um lá dentro!!!

Passos que se afastavam, e passos que se aproximavam. Pararam. Nenhum movimento. Um baque surdo a alguns

metros, e os passos que voltam a se aproximar. Andavam. Corriam.

– Onde ela está?

– Aqui!!! – indicou a voz.

Isabel sentiu que alguém lhe segurava o corpo e logo depois, um flash iluminou seu rosto.

A fisionomia daquele rosto não poderia ser vista, ainda mais com os olhos embaçados. Sentiu em sua face o vento úmido, percebendo que por ali havia uma porta aberta. A escuridão ainda era densa.

– Percebo que não foi esperta o suficiente para escapar do magrelo do Gerônimo.... – riu.

Isabel mal se moveu. Estava nauseada.

– Estás com frio? – desdenhou.

O fluxo de sangue nas suas pernas era fraco.

– Não quer responder... – observou ele – Se continuar assim, vou ter que cuidar de sua filha...

– Não toque na minha filha!!! – conseguiu falar.

– Ah, resolveu falar, não é? – ele se inclinou – Pois então, se você for boazinha, eu não lhe machuco...

– Não acredito em você!!!

– Mas deveria acreditar... Ou vai me dizer que acredita em Miguel?

– Acredito...

– Então por que ele ainda não veio lhe socorrer? – silêncio –
Por que ele não está aqui???

O coração dela palpitava, e a sua respiração estava ofegante.

– Onde está seu anjo da guarda?

A raiva começava a lhe brotar.

– Será mesmo que ele se preocupa com você?

Na tentativa de fazer com que ela se sentisse culpada ou rejeitada, ele acabou lhe dando uma pista.

– Isso tudo é uma armação, não é?

O Mago calou-se.

– Me sequestraram para trazer Miguel até aqui e encurralá-lo também, assim vocês ainda têm o último Portal intacto para o eclipse...

Ele sorriu, confirmando o que ela havia dito.

Isabel sentiu medo do que pensou a seguir. Se sua filha estivesse viva, deveria estar no último Portal, mas se a alma de cada uma das seis crianças que morreram se transformaram em um Portal, era óbvio que o sétimo Portal só existiria se mais uma criança morresse...

Lágrimas brotaram em sua face.

O Mago resolveu que era hora de se retirar dali, deixando-

a ser torturada pelos próprios pensamentos.

Os passos gélidos começaram a se afastar lentamente, até que ela não os ouviu mais. O frio na barriga havia passado, mas o pressentimento que possuía naquele momento era algo impossível de descrever.

– Angelina....

Em suas lembranças via a menina sair correndo de sua casa para entrar no carro, querendo lembrar sua mãe de lhe trazer a boneca preferida... Quantos beijos e abraços... Quanta saudade daquela princesinha que era só sua... Aquele anjinho que poderia estar morto...

Estava quase sem forças, nauseada e mal conseguia respirar. Seus pensamentos não só a atormentavam, mas lhe enfraqueciam a cada minuto que se passava.

– Proteja minha filha, Senhor... Proteja a minha Angelina....
– e em lágrimas, adormeceu febrilmente.

O PÔR DO SOL

Era fim de tarde e ele ainda não havia adentrado na cidade. Faltavam alguns quilômetros para encontrar a estrada principal. Pensou em diversas coisas, como por exemplo, que o Mago logo o tiraria da jogada e, como ele era o único que poderia quebrar o Portal, certamente seria o próximo.

Teria que decidir que rumo tomar. O vento batia forte em seu rosto, um vento frio, desses que são de inverno em um belo dia de sol, mas que a chuva ajudou a molhar. O mesmo vento que fazia os cabelos de Isabel balançarem quando ela ficava perto da janela do seu carro.

Enfiou as mãos no bolso. Havia algo seco ali dentro, a textura era a de um pergaminho. Não havia visto qual era a senha do sétimo Portal, mas nem queria pensar nisso.

Olhou o céu. Límpido, a lua já se mostrava dona do espaço, competindo com o sol que, a cada minuto, se aproximava mais do horizonte. O zumbido do vento, os pássaros voando ao longe... O barulho do motor roncando solitário na estrada... A luz que se exprimia no escurecer daquela tarde... Daquela infinita tarde...

Miguel parou o carro. Não queria continuar aquilo tudo sem ver aquele pôr do sol para aliviar sua alma. As lembranças lhe atormentavam, o destino havia sido cruel, lhe tirou o filho... Sua esposa... E agora, Isabel.

Saiu do carro e ficou contemplando aquela maravilha chamada pôr do sol. Aquilo que ele não tinha tempo para perceber há muito tempo.

Fitou o horizonte não muito longe. A relva se erguia entre as colinas em um tom azulado. Os últimos raios de luz laranja agora sumiam atrás das nuvens e das montanhas. Entrou no

carro e partiu.

Lembrou-se do dia em que levou Daiane à praia e lhe pediu em casamento. Mas, agora, aquilo era só uma lembrança, profunda e infinita, e as palavras que ela sempre repetia no lugar do conhecido *“te amo”, Eu estou com você.*

Fechou os olhos, sereno. Pensou que era hora de acabar com aquele pesadelo. Sentiu-se sufocado. Não poderia machucar seu próprio coração, nem o dela.

O último raio de sol brilhou, e ele jurou consigo que terminaria com aquele pesadelo a qualquer custo.

Quebraria o Portal, mas faria isso por ela. Talvez nunca viesse a saber de seu fiel segredo, mas ele não fazia questão. O que importava era que ela fosse feliz, com quem quer que fosse. O que mais o incomodava era que Bruno havia sido capaz de perder uma mulher tão especial quanto ela, enquanto o destino se encarregava de tirar quem ele mais amava.

O coração batia-lhe acelerado, sem motivo. Não queria perder Isabel como havia perdido Daiane, sem sequer mexer um dedo. Seria diferente dessa vez, ele lutaria para que aquela mulher fosse feliz. Precisava quebrar o último Portal.

O pergaminho foi removido do bolso. Pegou-o para si e viu, indignado, a frase: *“S.A. a alma dos homens pertence a Deus.”*

Diminuiu a velocidade e entrou na estrada principal.

Apertou um botão. Eram 18h26min.

Precisava saber o que S.A. significava. Nenhuma pista concreta, nenhuma certeza, nenhum sinal. Que lugar era aquele para o qual o Mago os conduzia?

Sentiu um arrepio. O medo e o terror estavam lado a lado, competindo pelo espaço maior.

Entrou na cidade. As ruas começavam a se esvaziar, o movimento era pouco. As pessoas não circulavam mais.

Deu uma volta pela cidade, em busca de esfriar a cabeça ou de clarear os pensamentos. Se sentia péssimo por poder estar ali, sabendo que de nada adiantaria chamar a polícia porque Isabel havia sido sequestrada.

O céu escureceu e ele partiu.

Sem saber que horas eram e com fortes dores na coluna e nos braços, ela despertou. Não sabia quanto tempo havia dormido e isso a preocupava. Sem noção das horas, ela não poderia saber quanto tempo ainda lhes restava.

Tentou se mover. Foi em vão. Os músculos do corpo inteiro estavam rijos e o fluxo de sangue estava paralisado. Sentiu que suas mãos latejavam. Desejou morrer.

Naquele momento, pensou na única criatura que poderia devolver a vontade de continuar.

– Angelina...

Fechou os olhos lentamente. Viu uma menina sorrindo. A pele clara, os cabelos lisos e negros escorrendo pelos ombros delicados, a face perfeitamente modelada, um rosto angelical, os olhos verde-esmeralda iguais aos do pai, a boca bem desenhada e um narizinho delicado. Estava ainda de pijamas na porta da sala. Queria que sua mãe fosse colocá-la para dormir. Havia algo em seu braço, que ela segurava junto ao peito, um ursinho de pelúcia. Isabel lhe deu a mão e as duas seguiram pelo corredor. Quando chegaram na porta do quarto, se jogaram em cima da cama...

Uma grande luz veio em sua direção. Abriu os olhos. Soltou um grito de espanto quando viu dois olhos grandes paralisados em frente ao seu rosto. Os dois gritaram.

– O que está acontecendo aí? – indagou o Mago ao longe.

Gerônimo olhou para Isabel com a luz da lanterna.

– Ela está acordada!!!

– Traga-a até aqui!!!

Gerônimo se agachou para segurar seu corpo. Como ela estava amarrada, ele resolveu tirar as amarras dela e ao fazer isso, Isabel quase desmaiou de tanta dor.

Ela não sabia ao certo o que estava sentindo. Sua consciência se alternava e não tinha noção do que era real ou imaginação sua. Desabou nos braços ossudos de Gerônimo,

enquanto sua circulação sanguínea voltava aos músculos.

Estacionou em um lugar remoto perto da praça. Saiu do carro e sentiu o vento úmido lhe bater na face. O frio do inverno o fez lembrar-se de como isso une as pessoas. Foi até um dos bancos e sentou-se. O movimento era singular.

O peso de uma grande revelação lhe pesava nas mãos. Teria que decidir logo o que faria. Isabel não gostaria nem um pouco que ele fosse até ela. Era esse o plano do Mago. Atraí-lo.

– Não posso desistir, não agora!!!

O que S.A. significava? Qual a sua origem? Como aquela palavra poderia ser a senha do último Portal?

Estava com o diário de Daiane no bolso. Abriu-o em busca de alguma coisa útil. Encontrou a mesma página que haviam decifrado há algum tempo.

“S.A. esconde o tûmulo do Lorde Alfa Líder.” Que coerência havia nisso? S.A. poderia significar tantas coisas....

– Preciso do laptop.

Levantou-se e foi até o carro. Sentou-se no banco traseiro e ligou o aparelho. Fez uma busca na web.

Alguns itens apareceram. Miguel estava duvidando que fosse encontrar algo por ali. A página abriu, mas desta vez não havia nada. Teria que descobrir o significado de S.A.

– *S.A. a alma dos homens pertence a Deus...* – repetiu ele –
Para onde isso nos leva?

Descansou o rosto em suas mãos, enquanto tentava se concentrar. Aquilo não o estava ajudando de forma alguma. Se Isabel estivesse no lugar dele naquele momento, com certeza já teria descoberto a senha....

Se colocou a pensar. Onde poderiam esconder uma alma...

Olhou para a praça, agora deserta. Só ele estava ali, sentado. O silêncio invadia o lugar. Agora estava escuro, a lua já brilhava no céu, solitária. Lua cheia. Lua do eclipse. Por alguns instantes a contemplou, pensando como poderia acontecer algo tão desastroso...

Ela não respondia, mas continuava a brilhar no mesmo lugar. O vento leve lhe tocou o corpo. Uma fina neblina começava a surgir. Aquela não seria a primeira vez que se sentia só.

Tirou o celular do bolso. Eram 18h56min. Cedo para alguns, muito tarde para ele.

Fez os cálculos mentalmente. Menos de cinco horas o separavam do Portal.

Isabel não sabia o que estava acontecendo, mas sentia que alguém lhe segurava os pulsos. Via luzes que se confundiam naquele labirinto de escuridão. Vozes distantes.... Se

aproximavam dela... Gritavam...

Ela gritou ao abrir os olhos.

Tudo escuro. Uma vela lhe iluminou o rosto. Gerônimo estava na frente dela.

– Se você tiver medo de altura, não olhe para baixo. – sugeriu.

Sua mente ainda vagueava, mas quando tomou consciência das palavras dele, entrou em pânico.

Seu corpo pendia de uma certa altura. A luz da vela aumentou e ela viu que estava pendurada por uma corda, suspensa no ar, em algum lugar onde havia uma corrente de ar.

– Onde estou???

– Ah, não sabe?! – desdenhou – Vou acender a luz, então. – e apertou um botão.

Isabel pensou que desmaiaria novamente, mas desistiu diante daquela situação.

Seus pés pendiam de mais ou menos uns cinco ou seis metros, ou talvez até mais. Os braços estavam estendidos para cima e amarrados por uma corda que lhe acorrentava o pulso.

O espaço era amplo. O chão, pelo que poderia perceber, era frio e de mármore. O teto estava perdido e confuso na escuridão daquele local. As paredes retas e bem conservadas. Nem poderia dizer quantos anos aquilo estava em pé. A

sensação de conhecer aquele lugar era cada vez mais aguçada.

O local onde estava não tinha mais do que oito metros quadrados: era a torre. Gerônimo estava na escadaria, onde poderia ver o rosto dela com a vela acesa. Por ordem do Mago, retirou-a do recinto, pois ela poderia reconhecer o local. Funcionou. Até agora ela não lembrava quando esteve ali e porquê.

– Confortável aí em cima?

Gerônimo insistia em dificultar a situação.

As forças de seu corpo estavam se esgotando. Sentia que não conseguiria ir muito longe se a ajuda não viesse logo. Pensou em Angelina. Sentiu um aperto no peito ao pensar que ela poderia estar morta. Sua cabeça latejava. Implorava, naquele momento, mais do que nunca, uma ajuda dos céus.

Enquanto Isabel estava desesperada, ele sorria, satisfeito. Até ali, seu plano havia funcionado. Estava orgulhoso dessa proeza. Do local onde estava não podia vê-la, mas pediu a Gerônimo que ficasse vigiando, como se isso fosse preciso. Miguel não viria, ele tinha quase certeza. Mas, se isso acontecesse, alguém teria que agir.

Deu alguns passos no escuro e parou diante da parede. Havia há algum tempo transportado o Portal Mestre para o

lugar onde estava. Olhou para a superfície escura dele e quando o tocou com a ponta dos dedos, sentiu sua marca no braço formigar.

– Estou cumprido com o pacto, Alan... Espero que se lembre disso...

Passou a mão pelo pescoço. Ali estava um cordão prateado com um pingente único. Aquele pingente de cristal era essencial para que o ritual acontecesse.

Quando voltou a abrir os olhos, o cansaço já havia sumido, mas a fraqueza estava aumentando. Mesmo com pouca luz, melhor do que aquela escuridão, ela pôde perceber que Gerônimo e o Mago não estavam mais ali. Precisava falar com Miguel, mas não havia como...

Olhou para baixo. Era alto. Teve uma ideia. Talvez salvasse a sua vida. As cordas amarravam suas mãos para trás e pelo que ela se lembrava, seu celular estava no bolso traseiro...

Tentou distorcer as cordas, a fim de afrouxá-las, mas poderia cair. Começou a forçar a corda, que muito lentamente, foi se alargando nos pulsos dela. Fez isso durante alguns minutos até que percebeu que a corda estava realmente alguns poucos milímetros afastada e tentou liberar uma das mãos. Com muito esforço, ela retirou a mão esquerda

e percebeu que estava arranhada. Depois, tentou se equilibrar e levou a mão ao bolso em busca do celular. O aparelho, de espessura finíssima, não marcava o bolso. Ouviu vozes. Conseguiu alcançar o celular. As vozes se aproximavam. Ficou paralisada. A qualquer momento poderia ir ao chão. Era Gerônimo. Ela fingiu estar adormecida e ele voltou ao lugar onde estava.

Conseguiu digitar um número – o único que lhe restava – e esperou completar a chamada.

Miguel estava mergulhado em pensamentos sobre a origem da sigla S.A., e algo o irritava, era como se uma música irritante invadissem seus ouvidos... Deu-se conta de que essa música era do seu celular, e o mais estranho era que o número...

– Isabel!!! – disse aflito, obrigando-se a parar o carro – Onde você está...? Q...

– Fique calado... – conseguiu dizer em tom baixo – Estou presa em um lugar estranho... Não sei onde é... Mas não quero que venha me procurar... Continue atrás do Portal... O Mago não vai conseguir me manter por muito tempo...

– S.A. – disse sem pensar – Você sabe alguma coisa sobre S.A.?

Aquela palavra não lhe era estranha. Tinha que lembrar de

onde a conhecia....

– Essa é a última senha?

– Sim, mas não sei onde fica... *A alma dos homens pertence a Deus.*

Ela responderia, mas sentiu que não havia mais tempo.

– Já estivemos lá... – e a ligação caiu.

O que ela queria dizer com *“Já estivemos lá”*?

Não havia tempo a perder, mesmo sabendo que aquilo poderia ser um sinal de perigo. Estava preocupado com Isabel, ainda mais agora que a ligação havia caído.

– Onde poderia estar a alma dos homens?

O silêncio da resposta lhe deixava em pânico.

Foi então, que teve uma súbita lembrança.

Aquele não era o primeiro celular que ela deixava se espatifar no chão. Ao contrário, pela lista de aparelhos, aquele era apenas o décimo quarto. Ao menos havia avisado Miguel.

Gerônimo ouviu o barulho e veio ver o que havia ocorrido. Isabel se exaltou e, por um momento ficou suspensa no ar somente por um dos braços. A corda que ela lutara em desmanchar, agora estava se rompendo e, dentro de pouco tempo ela cairia de uma altura de cinco metros.

– Que morte cruel seria essa... – desdenhou o Mago que se aproximava.

Isabel não deu ouvidos, estava pensando como poderia se salvar daquela situação.

– Venha me ajudar, Gerônimo. Falta muito pouco para o grande momento...

Eles se foram. Isabel olhou em volta. Estava amarrada a uns oito metros do teto. Tentou se localizar, o que era difícil naquela condição. Parecia estar perto de uma parede...

E estava. Mas a parede era distante. Caso se movimentasse, a corda se romperia e ela não sobreviveria se caísse no chão. Havia uma chance de sair dali. Pela janela. Foi então que percebeu alguma coisa errada. Se ela estava ali e Gerônimo a havia amarrado, onde ele teria subido?

A escuridão pareceu se dissipar diante de seus olhos, quando ela percebeu a escada bem perto dela. Como sempre, ele nunca fazia o trabalho completo. A corda estava se estilhaçando e ela só tinha alguns segundos. Se impulsionou para o lado da escada dupla e a corda arrebentou...

O relógio do carro marcava 21h37min.

Mesmo que acelerasse o carro, sabia que demoraria para chegar até lá, como da primeira vez.

Era como se Pedrinho estivesse ali, sentado ao seu lado,

ansioso para chegar onde quer que fosse. Naquele instante pôde perceber o quão importante era ser pai.

Uma profunda dor ainda invadia seu tórax. Pensou que estava morta, mas como estava dolorida, sentiu que infelizmente não teve essa sorte.

A escuridão ainda era densa, mas ela podia distinguir algumas coisas. Talvez o Mago ou o Gerônimo houvessem escutado o barulho que ela fez. Ainda segurava firme a estrutura da escada, segurando o mais que podia. O seu pulso direito ainda estava com fragmentos da corda. Tentou se equilibrar e jogar seu peso para cima da escada.

Uma luz ao fundo daquele local se acendeu. A princípio, ela pensou que alguém estivesse vindo. Depois percebeu que aquela luz era automática. Aliviou-se. Tentou mais uma vez. Fracassou. Tentou de novo. Nada. Mais uma vez. Nada de novo. Estava quase desistindo, mas a lembrança do que poderia acontecer com sua filha a motivou, e ela conseguiu subir. Estava quase no alto, e só agora percebera que lugar era aquele.

ANTES DA MEIA NOITE

Congelada pelo medo ou sei lá pelo que, ela só conseguia ouvir. E o que ela ouvia era estranho.

No começo, pensou que era o Mago discutindo com Gerônimo, depois percebeu que não. Havia mais homens por ali. Sim, eram homens, reconheceu pelos tons graves. E falavam sobre algo....

–...sabe que se ele encontrar o último, não haverá como ressuscitar o Mestre...

– Ele não vai conseguir. Já cuidei disso.

– Cuidou? Como???

– Estou com a amiga dele. Sem ela, ele não irá muito longe.

– Eles sabem que o pêndulo existe?

– Se souberem, não saberão para que serve.

– Acredita mesmo que eles nem desconfiam?

– Ora, eu criei tudo isso... Você tem ideia de quanto tempo uma pessoa leva para decifrar todas as pistas?

– Então, encontrando o Portal, eles não encontrarão a chave?

– Pelo simples fato de que a chave é muito diferente do que imaginam! – riu.

– Então, por que não começamos a nos preparar para o

grande momento?

Ele consultou o relógio, eram 21h58min.

– Uma hora e cinquenta e quatro minutos nos separam do Mestre.

– E quanto à mulher? Onde ela está?

– Lá dentro.

Ouviu passos vindo em sua direção. Era sua chance.

– Ela está lá...

Não, ela não estava mais lá. Nenhum sinal.

– Gerônimo!!! – gritou o Mago – Venha até aqui!!!

Seus olhos encontraram a escada.

– Seu incompetente!!! – bradou – Deixou as escadas ao alcance dela!!!

Era tarde para reparar o erro. Muito tarde.

Isabel ainda sentia que algo pior a esperava. O lado de fora daquele lugar era assustador.

Via a lua, alta e soberana no topo da colina.

– Como vou sair daqui...

Estava se segurando em uma coluna de mármore. Foi então, que percebeu que estava em uma torre. Se a contornasse, chegaria em uma baliza onde poderia descer.

Miguel estava quase chegando ao seu destino final.

Faltavam mais uns quinze minutos e logo estaria onde precisava.

Ele lembrara que no diário de Daiane estava escrito que havia um pêndulo de cristal, mas não sabia para que ele servia ao certo. Onde encontraria o tal objeto? Se ele não estivesse em lugar algum, só poderia estar com o próprio Mago.

Teve uma súbita sensação. Pegou o celular. O lugar onde estava sinal fraco. Não seria por ali que Isabel estaria? A ligação havia caído, e poderia ser por causa da baixa frequência.

A lua brilhava intensamente, o que o assustava.

A probabilidade de estar no mesmo lugar onde ela estava, havia aumentado. Por que a ligação caiu? Por que ela estava ofegante?

O relógio já marcava quase 22h30min, o que o decepcionou.

– Esse caminho era mais curto quando estive aqui pela primeira vez....

A paisagem era estranha. Foi então que percebeu o erro. Não estava nem perto do lugar que queria, estava quase entrando na rodovia.

– Que ótimo!!! – e deu um soco no volante.

Obrigou-se a voltar e procurar um atalho, ou não chegaria a tempo.

Estava muito alto, e o medo quase a impedia de olhar para baixo. Onde estaria Miguel? O que ele faria naquele momento?

Seus dedos encostaram na superfície lisa e gelada da baliza de mármore, uma enorme altura a separava do chão. Ficou paralisada por alguns instantes. Não poderia sair dali sozinha.

Gerônio deveria procurar por ela lá dentro, enquanto mais algumas pessoas estavam confusas, assim como o Mago. Logo a hora do eclipse chegaria e o Portal nem sequer havia sido encontrado.

O vento frio inquietava o lugar. O coração dela batia aos pulos, morto de ansiedade.

– Miguel... Venha logo...

Pensamentos muito dolorosos passavam em sua cabeça. Teve a sensação de que mais do que nunca, estava na hora de procurar Isabel, mesmo que isso fosse o contrário do que ela havia pedido. Algo estava muito errado e ele se culparia se alguma coisa acontecesse a ela.

Eram 22h45min. Muito tarde. A lua era a única coisa que o separava do final daquele mistério.

Respirou fundo. A agonia de nunca chegar ao lugar que

tanto procurava... A tristeza de nada sair como ele planejava...

Chegou a um desvio, uma estrada que passava por um lugar de mata densa. Teria que passar por ali. Entrou. Dentro de pouco tempo, chegaria à estrada que o levaria até onde ele precisava ir. O vento lhe dizia que sim.

– Onde ela está?

– Acho que fugiu...

– Fugiu? – indagou em tom áspero – Como fugiu de um lugar fechado?

Foi então que sentiu o vento lhe bater na face. Seus olhos encontraram a resposta. Lá, a uns cinco ou seis metros de altura, havia uma janela, pequena, mas por onde Isabel poderia ter escapado. O pior era que a escada estava bem próxima dali.

– O que você está esperando? Vá e não volte sem ela!!!

Faltava apenas um quilômetro e isso o deixava ansioso.

Já podia ver o que procurava... Alto... Perdido... No meio dos arbustos...

Chegou. A árvore ainda estava ali. Tudo do mesmo jeito, como ele havia visto pela primeira vez. Saiu do carro, atordoadado.

O mesmo caminho de pedras. O mesmo cenário. A mesma frieza.

Havia pedras, muitas delas. Andou, sabia onde deveria chegar. A cortina de árvores. Passou por ela. A muralha de pedras. Novamente a havia encontrado. Contornou-a em busca de encontrar a cortina de seda. Não demorou muito para que a encontrasse. Lá estava ela. Puxou-a com cautela. A porta de ferro que estava embaixo dela, apareceu, só que dessa vez, estava aberta. Miguel espiou. Estava muito escuro, mas ele podia ver a silhueta de uma construção antiga. Sorrateiramente ele entrou. Percebeu que havia uma luz, fraca, acesa no topo. Estava novamente diante da capela. Viu uma mulher paralisada segurando-se em uma das balizas da construção, uma mulher muito parecida com Isabel... Espera!!! Ela era Isabel...

Saiu correndo em sua direção.

Ela estava assustada, dando-se conta do erro que estavam cometendo.

– Como você está aí??? – indagou confuso.

– Não importa!!! Tire-me daqui!!!

Ele olhou em volta, como se procurasse uma corda invisível. Foi então, que teve uma ideia.

– Isabel, use a varinha!!!

Ela analisou por alguns instantes a situação.

– O que eu faço???

– Sei lá, pense em algo que possa alcançar até você...

Ela fechou os olhos. Pensou em uma escada quando apontou a varinha para o chão.

De repente, algumas raízes espessas surgiram de sua varinha e seguiram na direção do solo, fazendo com que crescessem rapidamente, formando uma planta que começou a se prender à parede do templo. Quando ela finalmente parou de crescer, já próxima de Isabel, ela conseguiu descer agarrando-se às suas extremidades.

Começava a perceber que os feitiços que executava com a varinha não fazia coisas que homem construiu aparecerem, somente coisas que vinham da natureza, e achou aquilo interessante.

Ela tocou o chão, ainda trêmula com a altura a que estava presa, e abraçou Miguel.

– Calma, está tudo bem. – disse soltando-a.

Não sabia se era o vento ou alguma outra coisa rápida que vinha na direção deles, tudo o que ela conseguiu fazer foi gritar.

– Cuidado!!!

Dois corpos rolando pelo chão, era essa a cena que ela viu depois. Gerônimo pulara na direção de Miguel e agora os dois rolavam em meio à relva, entre socos e pontapés.

Não sabia o que fazer para separá-los. Lembrou-se do que Gerônimo havia feito com ela e não pensou duas vezes.

Gerônimo enchia Miguel de socos e ela estava ali, só olhando. Não, depois de amarrá-la e deixá-la no escuro, estava na hora da vingança. Correu até ele e o puxou com uma força que ela desconhecia. A sua raiva era tanta que tudo o que ela sentia depositou em um único soco que quebrou o nariz de Gerônimo. Ele desmaiou com a pancada e o sangue começou a escorrer por seu rosto.

– Miguel... – disse se aproximando – Temos que sair daqui!!!

– Não, espera... S.A. é a tradução de A.L.

– De Arco da Libélula?

– Não... De Alan Lorde.

– Como assim?

– Estamos falando sobre o Senhor Alan, ou se preferir, Lorde Alan.

– *S.A. esconde o túmulo do Alfa Líder.*

– O que lhe lembra a frase *A alma dos homens pertence a Deus?*

– Um cemitério talvez...

– É a frase que está no Templo... O Portal deve estar em algum lugar perto daqui...

Miguel segurou a mão dela e, desta vez a escuridão começou a aumentar.

– Para onde estamos indo???

– Você já vai saber!!!

O céu anunciava a chegada do eclipse. O brilho da lua começava a se enfraquecer.

– Temos que correr!!!

Estavam se infiltrando na mata, em sua orla. Somente os arbustos eram visíveis naquela escuridão. A vegetação era rala e densa. Os dois corriam em meio a galhos que lhes tropeçavam nos pés.

Pararam. Outra muralha de pedras. Não era a mesma, mas Miguel sabia que era ali. Inexplicavelmente, ele começou a tirar dos bolsos todos os cinco cristais. Isabel deu-se conta de que haviam cinco buraquinhos, ou cinco espaçamentos entre as pedras. Era uma porta.

– Eu te ajudo. – disse ao pegar dois cristais azuis.

– Deve ser colocado de modo que formem um círculo...

– Como sabe disso?

– Anotações de Daiane.

– É essa a função dos cristais?

– Parece que sim. – e colocou o último cristal.

Uma luz azulada emergiu da porta. Dois segundos depois, a

porta abriu com um rangido.

O cenário era de um filme de terror. Havia neblina, e esta circundava vagamente pelos túmulos.

– Entre!!! – pediu ele – Precisamos encontrar algo que se refira a Alan Lorde...

– Deixariam o corpo dele enterrado em um cemitério?

Ele não respondeu, não estava certo disso.

– É um cemitério para pessoas ligadas ao Arco da Libélula...

Na cabeça dele, repetia a frase: *A alma dos homens pertence a Deus*. Os nomes das lápides não correspondiam ao que eles procuravam.

Dali, podia-se ver o céu, cada vez mais escuro. No momento em que a lua fosse encoberta pelo sol, o ritual começaria.

– Mas não há nada aqui!!!

E foi então, que os olhos dela encontraram uma lápide com um nome bem familiar.

O Mago sorriu. A hora estava chegando.

– Onde está Gerônimo?

Ninguém soube responder.

– Então, é melhor que alguém me ajude.

Três homens de uns quarenta anos, se moveram até o altar. O Mago se posicionou na frente do Portal Mestre.

Um brilho perpassou pela superfície do espelho.

– O nome que está aqui não é o dele... – observou Isabel.

– E que nome é? – indagou se aproximando.

Se não estivesse escrito, ele não acreditaria.

A ALMA DOS HOMENS PERTENCE A DEUS BERNARDO ROY

Respirou fundo.

– O pai de Daiane esconde o Portal... Precisamos abrir o túmulo...

– Não pode ser verdade...

– Rápido!!! Estamos quase no eclipse.... Se Angelina continuar lá dentro o Mago vai matá-la quando a ressurreição acontecer...

Miguel parecia um demente. Isabel, confusa com a descoberta e desesperada em salvar sua filha, agarrou a varinha, até então esquecida dentro de seu blazer, e pensou em uma pá. No instante seguinte, pôs-se a cavar.

Nem ela mesma sabia como estava fazendo aquilo, mas tinha que fazer de qualquer maneira. Sua filha ainda poderia estar viva.

Eram 23h35min.

– Miguel!!! – gritava desesperada – Por favor, me ajude!!!

Ele estava em transe. Sim, deveria estar em transe. Não a escutava.

O Mago estava satisfeito. Sabia que Gerônimo era incompetente e que a essa altura, Miguel e Isabel estariam perto do sétimo Portal. O que eles não sabiam era que a chave estava na mão dele. Olhou mais uma vez para o pêndulo de cristal. Pequena grande obra, a mais perfeita delas.

– A vida daquela criança em breve dará vida ao Mestre... – sorriu.

– Miguel!!!

Aquele grito invadiu a cabeça dele de tal maneira, que o fez se lembrar de quem ele era. Sua vida havia passado como um filme em sua cabeça. A imagem de Daiane se confundia com Isabel.... Angelina caindo num quarto escuro e sendo sugada pelo Portal... Pedrinho desaparecendo sob um flash de luz pérola.... Isabel desesperada à sua frente, em lágrimas, não tendo mais forças para salvar a filha...

A voz era de Isabel, mas o grito era de Daiane. Sim, ela estava ali, pedindo que ele voltasse, que não caísse naquele

truque do Mago de fazê-lo perder a consciência.

Num momento de ilusão, ele viu, a mulher loira, delicada e triste implorando que ele voltasse à si. Chorando, uma mãe chorando pelo filho. Quando deu um passo à frente, a imagem dela se transformou na única mulher que importava naquele momento, e seu nome era Isabel.

Ela soltou a pá, exausta, se ajoelhou e começou a procurar um caixão. Miguel ajoelhou-se, suave, ofegava...

Imediatamente, ele se pôs a ajudá-la. Usaram a varinha para tirar o caixão da vala que o encobria, e assim que o fizeram, tentaram abri-lo. Lá dentro, um pano de seda encobria o espelho.

– Permitam que o eclipse ilumine nosso altar!!!

Dois homens abriram as pesadas portas do Templo. A luz da lua, ainda enfraquecida, brilhava.

– Está quase na hora!!!

Miguel retirou o espelho de dentro do caixão.

– A chave!!! – disse ela aflita.

– A chave... É o pêndulo de cristal.

– Miguel!!! – ela já estava chorando – Falta pouco para o eclipse e não há como tirar o pêndulo das mãos dele...

Angelina...

Ela não podia mais reagir. Sua filha morreria por causa dela. Ela chorava da mesma forma que Daiane chorou por causa de Pedrinho.

Miguel não percebeu que uma senhora se aproximava, a mesma mulher que os ajudou a escapar de Bruno. Havia bondade em seus olhos quando parou diante dele. Seu rosto, no entanto, estava molhado de lágrimas.

Ele ficou espantado, não entendendo o que aquilo significava, só conseguia pensar em Angelina.

– Eu estou com você... – disse a senhora ao se aproximar dele.

Os olhos dele ficaram confusos e perdidos. Diante deles a lua se exibia e estava acompanhada de um vento forte que antecedia o eclipse.

– Quem é você? – indagou aflito.

A senhora se distorceu e uma fumaça escura saiu de seu corpo. Diante de si, Daiane apareceu.

Era a mesma mulher de sempre, o rosto estava exatamente igual, exceto por uma cicatriz que lhe percorria o lado esquerdo da face, os cabelos estavam mais longos do que o de costume. Naqueles olhos verdes haviam as respostas para todas as perguntas que ele queria fazer.

– Daiane... – ele mal conseguia balbuciar seu nome.

Ela sorriu. Uma lágrima teimava em descer de seu rosto.

– Peço que me perdoe, Miguel...

– Como... – ele tropeçava nas próprias palavras – Como você está viva???

– É difícil de explicar...

Isabel, que estava distante, agora mostrava serenidade ao assistir aquela cena.

– Sei que falta muito pouco para o eclipse, mas depois que ele acontecer, posso não ter mais tempo para lhe contar a verdade...

Ele ouvia em silêncio, estava angustiado, mas queria saber o que ela tinha a dizer.

– Não foi exatamente um acidente. Meu corpo não estava lá quando o resgate chegou. O carro havia explodido e somente alguns objetos meus fizeram com que declarassem que meu corpo havia se incendiado junto com o carro...

“Estava indo para o casarão, pois sabia que o Mago viria até mim. Não cheguei até lá, como sabem... Ele me encontrou no meio do caminho. Só percebi como tudo aconteceu porque ele estendeu a mão na direção do carro, mostrando o anel no dedo indicador, aquele *fabuloso* anel, e um flash de luz escura foi a última coisa que vi antes de capotar... O mundo girou ao meu redor. Parei muito longe da estrada, a queda foi tão intensa que ele nem verificou se estava morta. Consegui soltar

o cinto de segurança e sair do veículo antes que ele explodisse. Quando dei por mim, estava diante de uma grande escolha... – ela respirou fundo antes de continuar, estava angustiada – Se permanecesse ali, poderia fugir para algum lugar e me esconder até o dia do eclipse para me vingar do Mago, e seria considerada morta. Se voltasse, ele tentaria me matar novamente, e talvez mataria nosso filho para que ele fosse a sétima criança do Portal... Resolvi que ficaria escondida. Estava ferida, mas consegui escapar e encontrar meu lar. E fiquei até hoje refugiada no meu Clã. Jonathan me ensinou a esperar o momento certo para agir... Estava viva, mas era mais doloroso do que morrer. Não podia ver o homem com quem me casei... E nem dizer que esta era a única alternativa que me restava. Morrer, mesmo estando viva... Eu fiz isso para protegê-los, porque ele mataria quem estivesse do meu lado...”

Miguel estava sem palavras. Seu coração batia descompassado em meio à fúria e o choque de ver, diante de si, a mulher que ainda fazia seu coração bater mais forte.

Isabel estava comovida, mas percebeu que Daiane não havia se aproximado dele, nem sequer para um abraço...

– Me perdoe, Miguel... – pediu mais uma vez e estendeu uma de suas mãos para que ele segurasse – Sinto muito por tudo isso...

– A culpa não é sua... – disse quase engasgado com a raiva

que sentia – Mas poderia ter me dito antes o que estava acontecendo...

– Miguel... – disse encarando-o nos olhos – Passei muito tempo lamentando sobre minha vida... Mas, agora percebo que tudo valeu a pena... Você está vivo!!!

Daiane encarou Isabel, ambas sem palavras. Apenas um sentimento lhes era igual. Seus filhos ainda estavam dentro do Portal.

– Eu estive com você todo esse tempo... – disse Daiane a ela.

– Do que você está falando?

– Entrei em sua mente, sabia o que sentia, suas emoções... Precisava saber o que estava acontecendo, ver até que ponto vocês haviam chegado. Em momento algum quis lhe prejudicar...

– E por que não usou Miguel?

– Ele é homem, tem coisas que ele nunca vai saber...

Ele ainda estava cabisbaixo. Sentia seu corpo tremer. O sangue fervia, não sabia se era a raiva ou outra coisa qualquer. Temia tudo à sua volta. Havia se culpado pela morte daquela mulher, que agora estava ali, diante de seus olhos, mais viva do que ele. Seu coração estava confuso, e sua alma, perdida.

– Precisamos do pêndulo... – disse ele.

Daiane percebeu que estavam sem tempo. Viu que o rosto

de Isabel exibia preocupação.

– Você ainda está com a minha varinha?

Isabel devolveu-a para sua dona.

Daiane empunhou a varinha para o alto, e de sua ponta, surgiram várias faíscas que pairaram no céu, formando estrelas, tal qual o Cinturão de Órion, uma das constelações mais brilhantes do firmamento.

No semblante celeste, a marca do Clã pairava no ar.

A poucos metros dali, Jonathan percebeu o sinal. Estava na hora.

Algumas pessoas estavam lhe seguindo, e todas empunhavam suas varinhas.

– Vamos dar o fim que ele merece!!! – disse Jonathan tomando a frente e se embrenhando no meio da relva.

Do lugar em que estavam podiam ver o Templo.

– Se Alan retornar, ele vai ser bem recepcionado!!! – sorriu.

Miguel tentava se livrar dos impulsos, mas isso era cada vez mais impossível. Percebeu que Isabel estava perto do Portal, como se a qualquer momento alguém fosse sair dele. Daiane refletia sobre alguma coisa.

– Por que o Mago tentou lhe matar? – indagou ele.

– Porque sou filha dele, sangue do mesmo sangue, e por servir ao Alan, tentou me matar quando descobri para que ele queria o Portal...

– Deixe-me entender uma coisa – agora era Isabel quem falava – o Mago não sabe que você está viva?

Daiane sorriu.

– É a primeira vez que ele não sabe de algo importante.

– E o que estamos esperando para roubar o pêndulo dele?

– Um sinal. – disse olhando para o céu.

– De quem?

– De Jonathan.

– Mas ele diss...

– Ele mentiu porque estamos desconfiados de que há traidores em nosso Clã.

A lua aos poucos era consumida pela densa escuridão. O vento breve circundava pelo cemitério, e arrastava para longe as folhas secas que cobriam a terra. Talvez fosse um eclipse admirável se ele não colocasse em risco a vida de duas crianças...

Alguns minutos se passaram, e Isabel não conseguiu evitar a pergunta que lhe atormentava.

– Por que a última chave é um pêndulo???

Daiane sorriu, era por causa disso que quase havia sido morta.

– Jonathan lhes contou sobre o pacto... Mas não mencionou que Alan prendeu sua alma no pêndulo antes de morrer...

Jonathan e seus seguidores estavam diante da relva que protegia o Templo. Teriam que entrar naquele local. Um dos seguidores fez menção de dar o primeiro passo em direção ao Templo, mas foi impedido por ele.

Eles perceberam Gerônimo do lado de fora.

– Quero que dois de vocês entrem pela lateral, enquanto eles se distraem com isso, nós entramos... – eles concordaram.

Sendo assim, passaram pela cortina de árvores e logo estavam no jardim do Templo, o que na verdade já era uma densa relva que se formava em direção àquela construção antiga.

Os dois voluntários seguiram à frente do grupo, contornando as laterais. Um deles encostou a varinha em suas pernas, fazendo com que elas se alongassem como duas varas finas até chegar na altura de uma das janelas, e depois de alcançá-las, elas voltaram ao normal.

No momento em que eles entraram pela janela, os outros seguiram para mais perto do Templo, a fim de entrarem pela porta da frente que estava escancarada por causa do eclipse.

Ninguém percebeu o que realmente estava acontecendo. Dois homens corajosos circulavam perto da parede, agora no chão, enquanto a seita ouvia atentamente as palavras do Mago.

– O Mestre virá até nós? – indagou um dos homens.

– Por que a pergunta? – indagou seriamente, exibindo um semblante de preocupação.

– As crianças não morreram... O sétimo Portal só existiria se...

– Seu tolo!!! O sétimo Portal é apenas uma prisão que consome lentamente a energia de quem estiver nele... Mesmo que aquelas criaturas infelizes não morram no Portal, o Lorde se alimentará da energia delas e de todas as crianças que deram vida a esse Portal durante anos...

Ninguém mais ousou perguntar nada a ele. Olhou atentamente o pêndulo. Faltava muito pouco para usá-lo.

Os dois seguidores de Jonathan pensaram em fazer algo diferente. Havia dois homens da seita mais afastados do Mago. Eles se aproximaram e encostaram suas varinhas na cabeça deles, fazendo com que fossem ao chão com olhos

arregalados, estavam paralisados.

Ninguém percebeu nada, e os dois vestiram as roupas encapuzadas dos homens, que agora, foram sequestrados. Quando terminaram de se vestir, se aproximaram do grupo e do Mago, que nada percebeu.

O Mago teve um pressentimento. Parecia que algo estava errado, e que seu plano poderia falhar. Estava tudo muito calmo...

Não acreditou no que viu naquele instante. Algumas pessoas surgiram diante da porta do Templo e vinham em sua direção. A última delas, ele reconheceu.

– Jonathan???

Ele sorriu. Esperava há muito tempo por aquele momento.

– Sentiu saudade??? – sorriu – Fiquei sabendo que o seu Mestre quer ressuscitar hoje, e não perderia a chance de recepcioná-lo!!!

O Mago ouviu aquilo calado, sabia que Jonathan não lhe era páreo.

– Você não é bem-vindo aqui!!!

Alguns feitiços foram lançados na direção do Mago, mas ele permaneceu imóvel. Segundos antes do impacto, o corpo dele havia se transformado em uma fumaça acinzentada, e os

feitiços atravessaram seu corpo como se não houvesse nada ali. A fumaça se dissipou rapidamente, reconstituindo seu corpo em questão de segundos.

Jonathan e alguns de seus seguidores, lançaram feitiços explosivos e encantamentos na forma de animais ferozes, ao passo que seus inimigos retribuía com a mesma intensidade. Em meio àquela confusão, ele encostou a varinha na palma da mão, e em um movimento com o braço, fez surgir uma linda águia que voou velozmente na direção do Mago, tomando o pêndulo de suas mãos.

A ave voou para longe. Tomou conta do céu, que cada vez mais estava imerso na escuridão infinita.

O Mago assistiu aquilo tudo sem sequer se mover. Foi então, que no seu anel brilhou uma luz escura, e surgiu um corvo do mesmo tamanho que a águia.

Enquanto os seguidores de Jonathan lutavam bravamente, o Mago aproveitou a distração de todos, e em um gesto com o anel, sua imagem se distorceu em meio à fumaça, fazendo com que seu corpo se transformasse em uma enorme hiena, com pelos escuros e olhos vermelhos.

Olhou na direção de Jonathan, que estava lutando com seus melhores feitiços e caminhou lentamente para atacá-lo pelas costas. Saltou em direção a ele e cravou profundamente seus dentes na carne do inimigo, mas em vez de sangue sentiu um

gosto repugnante de cinzas e o corpo de Jonathan desmoronou ao chão com um sorriso em meio à poeira. Tratava-se de um feitiço despercebido, no qual o verdadeiro Jonathan havia fugido na forma de águia.

A hiena, revoltada, voltou-se ferozmente contra alguns seguidores de Jonathan, que até tentaram impedir seus ataques, mas era extremamente veloz, o que os impedia de acertá-lo com feitiços.

Sentiu sua boca toda ensanguentada, e percebeu que tudo se tratava de uma armadilha para impedir o ritual. Foi então que correu velozmente em direção ao último Portal.

Daiane percebeu que uma águia cortava o céu, mas estava sendo perigosamente caçada por um corvo.

– O que é aquilo??? – indagou Miguel.

– É Jonathan, ele se transformou em uma águia.

Ela percebeu que a ave vinha em sua direção.

No instante em que a águia deixaria o pêndulo cair nas mãos dela, o corvo a atacou brutalmente no pescoço, fazendo com que ela perdesse o equilíbrio.

– Atire o pêndulo!!!

A águia, ainda presa entre as garras de seu inimigo, acaba voltando à sua forma humana, forçando o corvo a soltá-lo em pleno ar, de onde consegue atirar o pêndulo em direção às

mãos de Daiane. Nos segundos seguintes, seu corpo colidiu fortemente com o chão, e levantou um rastro de poeira.

A ave, determinada a recuperar o objeto perdido, retornou com tamanha velocidade na tentativa de atacar Daiane e recuperar a posse do pêndulo.

Jonathan, embora estivesse muito ferido, e a alguns metros distante de Daiane, conseguiu, ainda estirado no chão, lançar um feitiço contra o corvo que, diante de seus olhos, acaba virando pó antes de finalizar seu ataque.

Daiane, com o pêndulo em mãos, se aproximou do Portal, inserindo-o próximo do espelho e uma luz intensa brilhou.

– Venham, crianças!!! – pediu se dirigindo ao espelho.

Alguns instantes se passaram, sem que nada acontecesse. De repente a armação do espelho começou a vibrar e alguma coisa pareceu sair dele. Primeiro uma mão, depois outra e logo surgiram de dentro do Portal duas crianças imundas, que ainda não compreendiam o que lhes estava acontecendo.

Assim que saíram do espelho, ambos desmaiaram. Ainda estavam vulneráveis por causa da energia que lhes havia sido sugada.

– O que está acontecendo??? – indagou Isabel desesperada, indo ao encontro do corpo de Angelina.

– Está tudo bem... – disse Daiane segurando seu filho nos braços – O Portal sugou parte da energia deles para matá-los.

É com a energia acumulada de todas as crianças que o Lorde deve ressurgir...

Miguel estava confuso. As duas pessoas que julgava estarem mortas, estavam ali, abraçadas diante dele. Pedrinho, aquele menino que entrou no Portal, agora estava dois anos mais velho.

Isabel ainda abraçava Angelina fortemente. O rosto dela estava sujo, e ela continuava desacordada.

– Obrigada, Daiane... – sorriu Isabel comovida.

– Estamos quites, agora. – sorriu percebendo que Pedrinho começava a se remexer em seus braços – Eles logo vão despertar... – e tirou de suas vestes um frasco com líquido azul, depois colocou algumas gotas na boca dele e ofereceu o frasco à Isabel – Faça-a beber isso.

– O que é?

– É um remédio que fará eles recobram os sentidos e revitalizará as energias.

Miguel observava tudo. Não queria se aproximar de Daiane, mas seu filho estava nos braços dela. Muitas coisas haviam se modificado nos últimos minutos, o que o mantinha inquieto aos acontecimentos. Diante de si haviam respostas e mais perguntas. A aparição da mãe de seu filho ainda embarçava seus pensamentos, mas Pedrinho estava vivo, e isso era o que ele mais queria quando já havia perdido as

esperanças... Recobrou o fôlego, estava na hora de mostrar para si que era um bom pai. Foi então que se aproximou dos dois,

Pedrinho abriu os olhos lentamente. Viu sua mãe, sorrindo. Seu pai estava mais ao lado, e parecia aliviado por vê-lo acordar.

– Onde estou??? – disse tentando se levantar.

– Não se mexa... Está muito fraco... Estamos em um cemitério.

Pedrinho olhou ao seu redor. Uma neblina se erguia por entre os túmulos. Viu Angelina mais distante, adormecida, nos braços de uma mulher que aparentava ser sua mãe.

– Como se sente, filho? – indagou Miguel, sentindo-se estranho ao falar com ele, ao mesmo tempo em que acariciou seus cabelos, contendo-se para não envolvê-lo em um abraço.

– Estou bem... – sua voz estava fraca, mas audível.

A lua erguia-se, iluminando o céu. Seu brilho estava começando a ser ofuscado.

– Acabou? – indagou Isabel.

– Ainda não... – em seus olhos brilhava o mistério – O eclipse vai apenas começar.

Dizendo isso, ela levantou-se e ajudou Pedrinho a se erguer.

– Cuide dele... – disse encarando Miguel com um olhar

intenso.

– O que você vai fazer?

Antes que ela pudesse responder, um baque surdo surgiu atrás de si. Ela nem precisou se virar para saber quem era.

Angelina despertou. Estava nauseada, mas conseguia se manter em pé. Isabel a apertou contra o peito.

Miguel puxou-as para perto de si, trazendo-as próximas de Pedrinho. O Mago se aproximava do cemitério, e seus olhos vermelhos fitavam Daiane, a única pessoa que ele não esperava ver naquela noite.

Tentou não demonstrar surpresa ao vê-la. Era inevitável sua reação diante da pessoa que ele jurava ter acabado com a vida e agora provava exatamente o contrário diante dele.

Percebeu que o pêndulo de cristal estava no chão, e o tomou rapidamente, voltando à sua forma humana.

Estava começando o eclipse. Aproximou-se do espelho e ergueu o pêndulo. Suas mãos tremiam. Jatos de luz colidiam velozmente contra o objeto que aumentava cada vez mais seu brilho, até o ponto do cristal pairar. Com um suave toque ao chão, o Mago fez emergir o Portal Mestre, um espelho que só refletia na ausência de luz, onde mergulhou o pêndulo que formava pequenas ondas em seu interior, fazendo com que tal impacto de luz cegasse a todos ao seu redor.

A densa luz invadiu todo o cemitério e se misturou às

trevas, até que finalmente um leve tremor no chão surgiu acompanhado de algo que estava saindo do Portal. Aos poucos se percebeu que era Alan Lorde. Ele estava alimentado pela energia do Portal fundida com sua alma, e o corpo que habitava parecia nunca ter sofrido o efeito do tempo... Não havia sequer envelhecido...

Um corpo nu estava diante deles. O verdadeiro corpo de Alan Lorde. Percebendo sua nudez, ele passou sua mão direita sobre seu corpo, e magicamente foi sendo coberto por um manto envelhecido.

– O que está acontecendo??? – indagou ao tentar movimentar um de seus braços sem sucesso – Por que não consigo me mover??? Há alguma coisa errada... Não pode ser!!!! Isso não pode estar acontecendo...

– Sim, Alan... Você está certo... O sacrifício não foi completo... – disse a voz conhecida do Mago.

– Sacrifício??? – interrompeu Daiane tentando compreender a situação.

– Sim, o sacrifício. – respondeu o Mago sem voltar-se para ela – A sétima criança não morreu... As duas crianças juntas forneceram energia para o Portal, mas não foi o suficiente para causar a imortalidade... Mais um pouco de tempo e eles estariam mortos...

Isabel não se conteve, havia uma pergunta que ainda estava

sem resposta.

– E por que a minha Angelina??? Por que ela entrou no Portal???

Ele sorriu, realmente, aquela ideia não lhe agradava.

– Quando fiz o ritual para criar os Portais... Havia um círculo mágico... Cinco crianças foram marcadas com meu sangue... Leonel não havia cumprido o pacto, então marquei o filho dele também...

Miguel fez menção de levantar-se, mas foi contido por Isabel, ao passo que o Mago riu de seu movimento.

– Hugo fez parte do Portal como sexta criança... Seu sangue era o mesmo do homem que não cumpriu o ordenado... Percebi que Miguel não mantinha contato com Pedrinho, não conseguia saber se ele havia passado de um Portal ao outro... Precisava que o menino chegasse ao sétimo Portal a qualquer custo... Quanto a Angelina, bem, ela não era para ter entrado, mas percebi enquanto vigiava Miguel diariamente, que ele havia encontrado você, e logo vi que a ligação mãe e filha era muito mais forte do que um pai e seu filho... Então capturei ela... Angelina seria apenas uma guia para levar alguém com o meu sangue até o sétimo Portal... E então o sacrifício estaria completo... Pedrinho é filho de Daiane, sangue do meu sangue, meu sacrifício... Mas infelizmente ele não morreu!!!

– Então você foi o culpado... – disse Alan com os olhos

fuzilantes – Esperei tanto tempo para *isso*??? Para voltar *dessa* forma???

– O pacto foi finalizado. Cumpri a promessa e estou livre, Alan... – disse friamente ao passo em que todos se perguntavam do que ele estava falando e assistiam em silêncio.

Havia alguma coisa entre os dois que ainda não havia sido captada por nenhum deles, nem mesmo por Daiane.

– E por que utilizaram os Portais??? Por que esperaram trinta e um anos para ressuscitar seu Mestre??? – indagou Daiane.

O Mago sorriu. Aquela pergunta fazia sentido.

– A questão não era ressuscitar, mas obter a imortalidade... E tudo o que é poderoso exige sacrifícios para ser obtido... Trinta e um anos de espera para que a energia que fosse acumulada pelos Portais fosse suficiente para purificar o corpo de Alan quando ressuscitasse, assim ele seria imortal... Mesmo com a alma presa a um pêndulo e o corpo imerso no Portal Mestre, a energia das crianças não foi suficiente para que ele se tornasse poderoso... – sorriu.

Alan, embora em extrema fraqueza de seu corpo, ergueu sua voz mais uma vez, quebrando definitivamente o silêncio.

– Curve-se ao seu Mestre!!! – ordenou ao Mago.

Ele, que estava cabisbaixo, sorriu por debaixo do capuz e

repentinamente começou a ficar trêmulo. Respirou fundo, estava realmente ansioso por aquele momento há muito tempo, mas não era tão jovem para suportar aquela sensação de euforia.

– Não mais, Alan... – disse grosseiramente, agora encarando-o nos olhos – Sim, cumpri o pacto e paguei minha dívida, mas não o servirei...

O Mestre exibiu um sorriso cheio de desdém.

– Ainda lembro daquele garoto com os olhos cheios de ambição, em busca de poder a qualquer custo... E percebo que não mudou nada, Bernardo Roy... Sinceramente, nunca esperei lealdade sua... – agora ele encarava o Mago friamente – Quando descobri que tinha pouco tempo de vida, por causa dos vários experimentos que fiz com meu corpo em busca da vida eterna, percebi que só havia uma saída, purificar meu corpo e mesmo assim, depois de todo esse ritual e de toda a energia acumulada, o que consegui foi voltar com meu corpo incompleto mas purificado.

O rosto de Bernardo ficou lívido. Todos esses anos havia planejado como matar seu Mestre depois de cumprir o pacto, mas agora, tudo parecia ter se voltado contra ele... Todo esse tempo Alan sabia o que aconteceria, pois havia medido cada passo que havia dado...

Sim, lembrava exatamente daquele dia... Sua esposa Ana

estava em uma gravidez de risco e lhe daria seu único herdeiro... E ele, mesmo sabendo que nenhuma magia no mundo a salvaria, implorou a Alan que salvasse a vida de seu filho... Foi então que o Mestre, comovido com tal situação, usou a magia que aprendeu sozinho para que o herdeiro sobrevivesse... Porém, como tudo tem seu preço, Ana morreu após o parto.

Bernardo sentiu seu mundo desabar quando viu que era uma menina que havia nascido. A princípio pensou em matá-la, mas não acreditava que fosse necessário. Em vez disso, deixou-a sob os cuidados da avó materna que lhe deu o nome de Daiane.

Não haveria mais sucessão, os Roy haviam acabado com a chegada daquela menina. Ela era o começo do fim.

Não tardou para que Alan solicitasse um pacto, para compensar o pedido desesperado de Bernardo quando implorou que salvasse seu herdeiro.

Ao contrário do que ele pensava, Alan aprendeu da forma mais complicada possível a enfrentar paradigmas que queria desmentir... Sua magia provinha de um conhecimento absurdo para sua idade, mas ele dedicou-se a fazer muito mais do que isso... Experimentá-la era necessário e para isso usou seu próprio corpo... Só não sabia que isso traria sérios riscos à sua vida.

O Mago percebeu que o símbolo em seu braço esquerdo já havia desaparecido, deixando bem claro que o pacto havia sido cumprido.

– Está muito preocupado com o símbolo em seu braço, entusiasmado por libertar-se de sua dívida comigo, mas e agora que obteve essa tal liberdade, o que pretende fazer? – sorriu – Não diga que vai me matar???

Ele apenas sorriu, e em um movimento rápido, ouviu-se um forte estrondo misturado às chamas que explodiram na direção de Alan. Uma enorme mancha de destruição se tornou visível quando a fumaça se dissipou, porém, ao redor de Alan tudo permanecia intacto.

Todos se espantaram com o fato do Mago ter ressuscitado o Mestre e em vez de servi-lo, desejar matá-lo... No entanto, o poder de seu superior era absurdo, jamais seria páreo para ele...

– Eu já imaginava tamanho poder apesar de tanto tempo ter se passado, mas estive me preparando para quando esse dia chegasse.

– Imaginei que liderar minha seita fosse tudo o que você mais almejasse, e o meu retorno colocaria suas ambições em risco, mas aviso que mesmo com meu corpo frágil isso não será nada fácil!!!

Então, tocou sua mão no chão, fazendo com que várias

estátuas de terra se erguessem, vibrando constantemente elas se romperam, e de dentro de cada monte saiu um lobo com pelos eriçados e grandiosos dentes afiados preparados para matar quem se colocasse à sua frente.

– Mostre-me do que é capaz... Se me vencer, será digno de toda a liderança que me pertence... Caso contrário, lhe restará morrer como um traidor... – sorriu.

Daiane olhava para tudo aquilo confusa e assustada.

– Como foi possível ele criar dezenas de lobos sem o uso de qualquer instrumento???

O Mago sabia que não poderia esperar menos de seu antigo Mestre. Cabia a ele ser esperto o suficiente para lutar com todo o seu conhecimento e provar que era merecedor do poder.

Precisava de um feitiço bom o suficiente para fragilizá-los. Os lobos avançavam em sua direção, ameaçadoramente... Ele deu um passo para trás e percebeu que estava diante de uma lápide. Estavam famintos e o devorariam se não tentasse ao menos fazer alguma coisa...

Jonathan, Daiane, Miguel e Isabel com seus filhos assistiam tudo sem saber para onde correr. Estavam se protegendo atrás das lápides, rezando para que nada viesse na direção deles.

Havia muita terra no chão onde pisava. Lentamente agachou-se tocando seu anel no chão e aos poucos um

círculo brilhante formou-se ao seu redor com uma misteriosa simbologia, uma magia desconhecida até mesmo por Alan.

Embora o ataque dos lobos fosse agressivo, ao tentar atravessar o círculo, seus corpos foram totalmente destruídos, voltando a fazer parte da terra.

Bernardo ergueu-se, respirando furiosamente, demonstrando grande cansaço ao realizar aquela magia. Sabia que o pior ainda estava por vir.

O Mestre ergueu o único braço que podia mover e junto com ele, várias raízes com grossos troncos surgiram do chão onde estava Bernardo, alcançaram seus pés, laceando-os, depois seus braços e começaram a puxá-lo para debaixo da terra.

O Mago se libertou facilmente, fazendo com que seu corpo se esvaísse em fumaça. Depois de alguns instantes, seu corpo se materializou a alguns metros do lugar em que havia sido atacado, porém, suas forças insistiam em abandoná-lo a qualquer momento.

– Tenho algo especial para você, Alan!!! – disse posicionando seus braços acima da cabeça e um círculo com uma simbologia desconhecida em chamas formou-se ao redor do corpo de Alan, que ficou paralisado.

Então, eclodiu uma grande explosão de chamas por todas as direções, podia-se ouvir fortes gritos, e quando ele escapou

das chamas, estava de joelhos no chão, com seu corpo totalmente em brasas.

Alan encarou-o furiosamente e começou a arrancar de seu corpo uma pele coberta por escamas, que ainda esfumaçavam por causa do calor, e que protegeram seu corpo para que ele não sofresse nenhum arranhão. O espanto de todos era visível, e o Mago recuou alguns passos para atrás.

– Realmente, Bernardo... Isso foi uma cartada e tanto, você foi capaz de fazer chamas tão intensas que desintegraram minha pele de dragão... Mas nosso duelo acaba aqui, desista, você nunca foi páreo para mim... – e estendeu a palma da mão para cima, fazendo com que centenas de corvos emergissem do chão, voando em círculos, formando uma nuvem gigantesca de aves no semblante celeste, deixando que um grito de dor profunda invadissem todos os cantos daquele cenário sombrio, então Alan permitiu que seu braço, até então imóvel, descansasse junto de si.

– Aqui acaba sua vida!!! Um fim para você e um novo começo para mim...

Milhares de aves desceram velozmente em direção ao Mago, que estava cansado demais para impedir aquele feitiço poderoso.

Todos assistiam à cena, horrorizados. Não havia como escapar, ele certamente seria esmagado... Uma enorme cortina

de poeira se levantou com impacto brutal... A terra tremeu e tudo foi invadido pelo silêncio.

Ele estava quase submerso, engolido pelo chão.

Quando a cortina de poeira começou a se dissipar, Jonathan estava próximo a Bernardo e grandes troncos de árvores quase destruídos envolviam e protegiam os dois.

Ainda assustado, Bernardo perguntava a si mesmo porque Jonathan havia salvo sua vida. Ele havia se ferido com o impacto para criar aquela barreira.

– Por que me salvou??? – indagou assim que se colocou em pé.

Jonathan apenas sorriu, encarando Alan que estava alguns metros distantes deles.

– Na sua idade, você não deveria tentar fazer tudo sozinho...

O Mestre estava pronto para atacar. Riu-se por dentro ao ver que dois rivais antigos haviam se unido para acabar com ele.

Alan sabia que lhe restava pouco tempo, e apesar de ser poderoso havia utilizado muita energia desde que havia despertado.

– Sabe fazer um campo de força??? – indagou Jonathan.

– Claro que sei...

– Não, eu preciso de um campo de força muito forte... Algo

capaz de desintegrar o corpo dele...

Bernardo encarou-o assustado. Por anos havia estudado aquela possibilidade para derrotar seu Mestre, mas agora acreditava que seria completamente inútil com o poder que ele demonstrava.

– Jonathan – encarou-o Bernardo – Se juntarmos varinha e anel faremos algo que jamais foi feito... Uniremos dois conhecimentos para formar um só... – silenciou – Pode ser muito perigoso...

– Estamos em uma guerra, Bernardo, tudo aqui é perigoso enquanto esse homem, ou seja, lá o que for, estiver vivo... Preciso da sua ajuda...

O Mago estendeu a mão que continha o anel, exibindo a enorme esmeralda que brilhava diante dos olhos de Jonathan, que estava pronto para fazer a fusão.

Quando ele encostou a varinha na esmeralda do anel, o choque, a vibração e a luz que emanaram daquela fusão foram indescritíveis. Primeiro uma onda de luz intensa invadiu a escuridão daquele lugar, e foi seguida pelo tremor das sepulturas e do chão até que finalmente um campo elétrico com raios curiosamente assustadores começaram a se aproximar de Alan, que tentava mantê-lo afastado de si.

A ligação homem e varinha assim como homem e anel, estabelece uma conexão direta com a mente, e como Jonathan

e o Mago fizeram a fusão dos dois, ambos possuíam os conhecimentos um do outro.

Era a primeira vez que Bernardo via que seu Mestre não aguentaria por muito tempo. Ele sentia muita dor, porque parte da eletricidade saía de seu corpo e de Jonathan.

Daiane conduziu Miguel, Isabel e as crianças para um lugar mais afastado, pois os raios de descarga elétrica eram cada vez mais fortes e se dissipavam para todos os lados. Alan, que só conseguia usar um de seus braços, mantinha-o erguido, afastando o intenso campo elétrico que estava apenas alguns passos de si. Seu corpo começava a tremer, sentia que sua energia já começava a fraquejar.

Ele sabia que se seus dedos tocassem aquela cortina de raios, toda a sua energia seria sugada automaticamente e ele morreria, então deveria se preparar para modificar seus planos.

Ao longe, uma cidade inteira ficou imersa na escuridão. A cortina de raios se intensificava a cada instante, assim como a vibração e o barulho das descargas elétricas quando se chocavam no chão.

O campo se aproximava de seus dedos... Cada vez mais perto... As veias de seu corpo começaram a se dilatar, resultado do esforço para impedir o impacto com a cortina de raios... Faltava pouquíssimo para tocá-lo... Estava cada vez

mais perto... Mais perto... Mais próximo de si a cada segundo... E foi então que ela tocou... E ao atingir sua pele, ele não conseguiu impedir que um grito de dor ecoasse.

Um tremor intenso no chão derrubou a todos, e diante dos olhos deles, Alan havia sumido, restavam apenas cinzas no lugar onde estava.

O silêncio e uma névoa negra invadiram o lugar. O cenário permanecia inquieto, e o céu continuava imerso na densa escuridão.

– Olha, mamãe!!! – disse Angelina olhando para o céu onde várias estrelinhas brilhavam por alguns instantes antes de desaparecer.

Ao longe se ouvia o ruído de uma construção antiga ir ao chão, era o Templo da seita que havia desabado.

Bernardo estava ferido, seu corpo e o de Jonathan esfumaçavam porque haviam atingido um alto grau de calor. Permaneceu por alguns instantes em silêncio, pensando no que faria a seguir. Havia eliminado seu Mestre, mas teve que sacrificar seu conhecimento para isso. Analisou os fatos que haviam se decorrido, foi então que estendeu sua mão trêmula na direção de Jonathan, que estava de costas, e uma forte explosão atingiu seu corpo, jogando-o duramente no chão.

– Não baixe tanto sua guarda, Jonathan... – sorriu.

Mesmo com dificuldade, ele levantou-se lentamente e

percebeu que, próximo dali, estava o Portal Mestre, mas sabia que não teria forças suficiente para destruí-lo, estava na hora de seguir com seu plano.

– É o máximo que consegue fazer, Bernardo??? – disse com desdém – Como que um grande mestre, que você diz que é, não é sequer capaz de proteger e defender a própria seita ???

O rosto do Mago mal se moveu. Jonathan não sabia nada a seu respeito... Mas sabia que era uma pessoa orgulhosa.

– É uma pena ter causado tanta destruição para perceber somente agora que você é incapaz de liderar... Aqui é o fim da linha para você!!!

– E quem fará isso??? Você, Jonathan??? Vou lhe mostrar a diferença de poder entre nós!!! – e em um gesto com suas mãos no chão, faz surgir uma gigantesca cobra marrom, e logo paredes de terra emergiram em torno de si, protegendo-o de qualquer feitiço.

A cobra atacou Jonathan com golpes rápidos e ele, mesmo ao se esquivar com dificuldade, conseguiu atingir o corpo do animal, que caiu diante de si em dois pedaços que se retorciam no chão, mas que se regeneraram rapidamente, fazendo a criatura erguer-se, intacta.

Daiane sabia que a única forma de destruir aquele animal era destruindo o seu pai, mas os feitiços que havia disparado destruíram apenas parte das paredes que o protegiam, e se

regeneraram rapidamente.

Jonathan sabia que a diferença de poder entre ambos era inquestionável, porém aquela guerra não se tratava somente de poder. Ele sabia que, pelo fato da cobra não possuir olhos, o Mago necessitava de uma pequena abertura entre as paredes para visualizá-lo. Pensando assim, usou a varinha para criar uma pequena cortina de poeira apenas para que o Mago não pudesse acompanhar seus movimentos. No entanto, ela rapidamente se dissipou e os movimentos do animal passaram a ficar mais lentos, demonstrando seu cansaço.

– Seu poder realmente é surpreendente, mas não irá me vencer tão facilmente!!!

A cobra desabou no chão, desfazendo parte das paredes que o Mago havia utilizado para se proteger, e logo uma nuvem de insetos se infiltrou nas aberturas daquele cubículo e fugiram se debatendo.

O Mago agarrou suas vestes, e um círculo de fogo queimou grande partes dos insetos que o estavam atrapalhando. Seu corpo suave e suas mãos estavam trêmulas.

– Já estou cansado dessas brincadeiras...

Iniciaram-se vários jatos que dispararam na direção de Jonathan, que mal conseguia se esquivar com sua varinha, e mesmo perdendo o equilíbrio, fez com que um feitiço ricocheteasse em direção ao Portal Mestre que estava próximo

dele e, ao trincar, explodiu em estilhaços que voaram em direção ao seu corpo. Ele havia se protegido com os próprios braços, mas seu corpo havia girado no ar juntamente a uma mancha de sangue. Dessa vez, ele não se levantou, apenas rolou seu corpo com dificuldade em direção à lápide mais próxima, e foi então que o Mago viu um sorriso surgir em seu rosto ferido.

– Então, Bernardo...??? Para que tanto poder se você nem sabe prever meus movimentos???

O Mago baixou seu braço, sua respiração estava cada vez mais dificultada por causa dos acontecimentos, o gosto de sangue invadia sua boca e escorria pelo seu nariz.

– Você é um tolo... – sorriu com desdém – Mal consegue se erguer... Mesmo assim lhe darei algo pior do que a morte... Você viu meu passado, mas não verá seu futuro!!!

Um flash de luz escura saiu do anel em direção a Jonathan que conseguiu desviar seu corpo a tempo de não ser atingido, porém o feitiço ricocheteou em uma lápide, e foi em direção ao lugar onde Isabel estava. Uma luz intensa invadiu o lugar, e todos se protegeram da forte luminosidade, porém o feitiço acaba atingindo o rosto de Angelina que foi arremessada a alguns metros. Quando o silêncio finalmente invadiu o lugar, Isabel percebeu o ocorrido.

– Angelinaaaaa!!!

Isabel, mais do que desesperada, correu até sua filha esticada ao chão. Quando se aproximou, percebeu que não havia batido a cabeça, mas que permanecia desacordada.

Os olhos de Jonathan se voltaram para a menina, o que o fez se sentir culpado pelo acontecimento.

Em meio às tentativas de Isabel para fazer com que Angelina acordasse, ela finalmente despertou.

– Mamãe... – disse vagamente – Eu não... – ela começou a esfregar os olhos – Não consigo, mamãe... – lágrimas surgiram – Não posso mais...

Angelina não via nada. Mas se pudesse ver naquele momento, veria sua mãe chorando inconsolável apertando-a ao peito.

Miguel correu ao encontro delas e foi tomado pelo choque ao ver a menina com seus olhos envolvidos na densa brancura. Encarou Isabel, sem saber o que fazer.

– Miguel... – ela não conseguia dizer uma só palavra, seus olhos estavam transbordando em lágrimas.

Daiane percebeu que Angelina chorava muito, e que o feitiço havia lhe cegado. Ela sentiu tamanha raiva que encarou Isabel pela última vez.

– Cuide bem deles...

No entanto, seu mundo parou quando viu Jonathan dando os seus últimos suspiros. Ele ouviu a voz de Daiane gritar seu

nome ao longe... Ela correu na direção dele, e cingiu-lhe o pulso, os batimentos estavam fracos, quase parando... Até que finalmente o coração parou de bater. O rosto de Jonathan, no entanto, parecia leve, estava aliviado e feliz, exibindo um breve sorriso quando finalmente a luz de seus olhos se apagou para sempre.

O Mago encarou o céu, sentindo-se satisfeito com aquela conquista, caiu de joelhos no chão, exausto, e encarou friamente os olhos de Daiane. As mãos dele estavam sangrando, mas ele permanecia com o anel apontado na direção dela, prestes a lançar um feitiço. No entanto, sentiu uma forte dor percorrer seu corpo, mesmo assim, buscou forças em meio a tantos ferimentos e ao cansaço de seu corpo, na tentativa de eliminar pela última vez sua única herdeira.

Com toda a raiva que ainda possuía por aquele homem que havia sido o responsável pela infelicidade em sua vida, Daiane abraçou-o fortemente, e em meio às lágrimas, transformou seu corpo em um líquido capaz de penetrar na pele e depois, invadiu o corpo de seu pai.

– Não, Daiane!!! – gritou Isabel prevendo o que aconteceria a seguir – Não faça isso!!!

Mas ela não estava ouvindo, a raiva a sufocava e ela sabia que precisava acabar com aquilo de uma única maneira.

Os dois, que formavam um só, se aproximaram do sétimo

Portal. As mãos dele seguraram-se na extremidade do espelho ao mesmo tempo em que tentava se jogar para dentro.

– O QUE VOCÊ ESTÁ FAZENDO??? – disse o Mago tentando impedir seus próprios movimentos.

– ISSO ACABA AQUI!!!

Pedrinho gritou quando viu o Mago e sua mãe entrarem dentro do Portal. E ela pairou naquele mar infinito... Ouvia a voz de seu filho... Via o rosto de Miguel tentando perdoá-la... E viu seu pai, o homem que não queria que ela nascesse mulher. O homem culpado por tudo o que havia acontecido, e agora, era o dono de sua morte. Sentiu-se leve ao soltá-lo de seu corpo, e sorriu antes de se perder na escuridão.

O Portal só sugava crianças, mas como a energia acumulada de Pedrinho, Angelina e das outras crianças havia sido retirada dali, qualquer pessoa que fosse pura poderia adentrá-lo, caso contrário, sofreria uma morte instantânea.

No instante seguinte, o espelho explodiu. Os estilhaços pairaram no ar por alguns instantes, como se o tempo houvesse parado para eles recobram o fôlego.

Miguel não sabia o que fazer. Suas mãos suavam... Seu coração batia descompassado ao mesmo tempo em que segurava a mão de Pedrinho... Não havia perdoado Daiane, nem lhe dito que o que ela havia feito não era errado. Nem encarou seus olhos verdes pela última vez. Quando voltou a si,

percebeu seu filho, chorando desesperado.

– Eu não fiz nada para impedi-la... – dizia Miguel sentindo-se frustrado por não conseguir chorar.

As lágrimas eram inevitáveis naquele momento. Pedrinho viu sua mãe morrer diante de seus olhos. Angelina estava em estado de choque com os acontecimentos, mas era amparada por Isabel, que não a soltava de seus braços.

No semblante celeste, a lua voltava a aparecer, anunciando que o eclipse havia chegado ao fim.

Aos poucos as sombras da noite seriam esquecidas. Jonathan e Daiane mortos... Era estranho, pensava Miguel tentando acreditar no que havia acontecido ao seu redor, seu filho estava vivo, ao seu lado, perto de si como há muito tempo queria... Tantos sacrifícios naquela noite infinita... Tantas mortes em busca de um propósito, proteger as pessoas que eles mais amavam... E Isabel, aquela mulher forte que ele conhecia, amparava uma menina corajosa que havia visto coisas que os adultos nunca acreditariam ser verdade, e agora estava cega...

Não muito distante dali, Gerônimo estava assistindo tudo o que acontecia ao seu redor. Não havia mais o dinheiro que o Mago havia prometido, não havia mais Mestre... Sentiu-se só novamente. Mas de uma coisa ele tinha certeza, nunca o encontrariam.

Sim, a descarga elétrica teria lhe causado a morte instantânea se ele não fosse rápido. Quando sentiu que não havia mais tempo, conseguiu se desmaterializar, transformando seu corpo em uma conexão com a terra, usando-o como ponte para a descarga elétrica e fundindo seu corpo ao solo para fugir despercebido. O impacto do feitiço não passou de um monte de terra, deixando cinzas no local para que todos pensassem que estava morto. Logo ele, morreria de uma forma tão simples? Se tivesse completado a fusão do Portal, e a criança estivesse morta, ninguém jamais chegaria perto dele.

Com parte de seu corpo ainda coberto por terra, causou uma forte explosão que o libertou por completo, escondeu seu rosto sob um capuz e seguiu sem rumo para onde ninguém o conhecia, nem saberia seu nome, seu passado, suas histórias... Nem seu conhecimento.

E estaria seguro, procurando a razão de sua existência, a imortalidade. Seria assim que passaria os longos anos de sua vida, procurando algo que o homem almeja e que jamais obteve sucesso, porque o ser humano busca dar um sentido à sua vida e sempre é movido pela própria ganância, até que ela mesma acabe com ele.

A esposa de Jonathan estava esperando seu primeiro filho.

Sua descendência viveria ainda por muitas gerações, e a causa de sua morte continuaria alimentando por muito tempo a rivalidade entre seitas e clãs.

Haviam passado-se algumas semanas. Miguel havia solicitado o auxílio de um psicólogo para Pedrinho, em busca de recuperá-lo das lembranças vivenciadas pelo Portal e pela tragédia que envolvia sua mãe. Com o tempo, voltaria a ser uma criança sem pesadelos.

Bruno ficou estupefato ao ver que Angelina havia perdido a visão. Não havia o que fazer para que ela voltasse a enxergar. A menina havia combinado com sua mãe, de dizer que uma doença havia se manifestado, fazendo com que perdesse a visão aos poucos. Ele não acreditou no que sua filha disse, mas por insistência de Célia, permitiu que Angelina continuasse com sua mãe.

Após algum tempo, Isabel começou a trabalhar em uma loja de moda. Estava muito feliz com o novo emprego, logo administraria seu próprio negócio. Ela também tentou de diversas formas, um tratamento que fizesse voltar a visão de sua filha, mas mesmo os médicos com grande conhecimento na área, não conseguiam explicar por que Angelina estava cega e como curá-la.

Angelina insistiu para que sua mãe a inscrevesse em um evento com apresentações artísticas no centro cultural da

cidade, e ainda solicitou que convidassem Miguel e Pedrinho.

O céu prometia chuva e logo ela desabaria sobre a cidade.

O teatro estava lotado. Miguel sentou-se bem distante de Isabel porque não haviam lugares disponíveis. Todas as apresentações foram maravilhosas. Angelina era a última a se apresentar.

Com o auxílio de uma moça representante do evento, ela sentou-se diante do piano. Era uma verdadeira princesa. Estava em um vestido azul com babados, e seus cabelos negros caíam atrás de seus ombros presos a uma trança.

Ela fechou os olhos e não evitou a surpresa da plateia. E seus dedos tocaram a mais linda música que se poderia ouvir... Os delicados dedinhos se moviam com rapidez, uma agilidade impressionante...

Angelina sonhava. Em seus sonhos havia uma águia chamada Equilíbrio. E ela voou. Voou para bem longe, longe de tudo o que existia em seus pensamentos... Sentia cada dor, mas lembrava de cada alegria que havia passado. Não precisava ver nada, somente sentir... Ela era apenas uma criança, mas sabia o quanto era preciso ter coragem para viver naquele mundo que só ela e Pedrinho conheciam...

Estarei em seus sonhos.

Com uma lágrima no olhar, ela concluiu a música que havia feito a plateia se emocionar por inteira. Todos haviam se levantado e aplaudiam fervorosamente sua apresentação.

Aos poucos, todos se retiraram, restando somente Miguel e Pedrinho que buscavam se aproximar de Angelina e sua mãe.

– Parabéns, Angelina!!! – disse Miguel lhe abraçando.

– Obrigada. – sorriu a menina.

Pedrinho segurou a mão dela e a guiou pela escadaria, enquanto Miguel trocava algumas palavras com Isabel.

– Uma apresentação impressionante... – disse ele – Angelina é incrível... Não tem como não se emocionar ouvindo ela..

– Não sei o que faria sem ela... – disse ao descer os degraus da escadaria que os conduzia para fora.

Ele ficou em silêncio, queria dizer alguma coisa que estava guardada dentro de si, mas não conseguia.

– Mamãe, vamos!!! – disse Angelina voltando acompanhada por Pedrinho – O táxi chegou!!!

– Táxi? – indagou Miguel – E seu carro?

– No concerto... – sorriu, descendo os últimos degraus.

Angelina se despediu de Miguel, e segurou a mão de sua mãe, dirigindo-se para fora do prédio.

– Vai deixar ela ir? – indagou Pedrinho, e Miguel pela primeira vez, percebeu nele o mesmo olhar de Daiane.

Ele ficou encabulado, não sabia o que fazer. Mas não pensou duas vezes, e saiu correndo porta afora.

Pedrinho o seguiu, mas parou na calçada.

Miguel sorriu. Estava chovendo. Perto dali, um táxi estava parado. Correu até o carro antes que Isabel entrasse. Angelina já estava lá dentro.

– Isabel?

Ela virou-se lentamente. A chuva os molhava por completo. Os olhos de ambos se encontraram, sem mistérios desta vez, sem medo. Ele se aproximou. Podia sentir seu coração batendo mais forte e o dela também.

Isabel percebeu o calor do rosto dele próximo ao seu, e depois, sentiu a simplicidade de um beijo.

A chuva desabou mais forte, e os dois riram como duas crianças.

Havia muitas coisas a serem ditas, mas nenhuma delas seria tão intensa ou especial...

– Eu estou com você. – sorriu ela.

Miguel olhou dentro de seus olhos, e desta vez, eles não mudaram de cor.